

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Carlos Roberto Velho Cirne-Lima — Notas biográficas

PÁGINA 06 | Eduardo Luft: Nos passos do mestre

PÁGINA 09 | Paulo Roberto Margutti Pinto: Cirne-Lima: defensor de uma posição única no debate filosófico

PÁGINA 12 | Manfredo Araújo de Oliveira: Contingência e liberdade. A aporia fundamental do sistema hegeliano

PÁGINA 14 | Ernildo Stein: *Depois de Hegel*: “o mais original diálogo entre filosofia analítica e dialética”

PÁGINA 17 | Julio Cabrera: Cirne-Lima: um esclarecedor do discurso hegeliano

PÁGINA 19 | Thadeu Weber: Contribuições de Cirne-Lima: a necessidade de princípios éticos universais

PÁGINA 22 | Jayme Paviani: Do professor ao filósofo: uma construção sólida

PÁGINA 24 | Inácio Helder: “A filosofia transborda em Cirne-Lima”

PÁGINA 25 | Álvaro Luiz Montenegro Valls: Carlos Roberto Velho Cirne-Lima

PÁGINA 27 | Luiz Osvaldo Leite: Seis décadas de amizade. Um depoimento

PÁGINA 29 | Adriano Naves de Brito: Cirne-Lima, um filósofo com grande respeito pelas ciências

PÁGINA 31 | Ariel Koch Gomes: Uma nova proposta: Direito fundamentado na Filosofia

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 35 | Giovanni Arrighi: A crise dos alimentos é parte da crise da acumulação excessiva e da crise financeira

» Teologia Pública

PÁGINA 38 | Luiz Carlos Susin e Erico Hammes: Teologia da Libertação e Aparecida: realmente uma volta ao fundamento?

» Filme da Semana

PÁGINA 44 | *O sonho de Cassandra*

» Invenção

PÁGINA 46 | Rodrigo Garcia Lopes

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 51 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 55 | Jacira Dias: Economia Solidária: uma nova alternativa para a geração de trabalho e renda

PÁGINA 57 | Joseph Comblin: A herança de Medellín

» Perfil Popular

PÁGINA 60 | Adão Ludiger de Brito

» IHU Repórter

PÁGINA 62 | André Rafael Weyermüller



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Carlos Roberto Velho Cirne-Lima – Notas biográficas

Filósofo brasileiro nascido em Porto Alegre no ano 1931, Cirne-Lima desempenhou uma atividade profissional intensa. Depois de concluir o ensino básico no Colégio Anchieta, na capital gaúcha, o fascínio pela Filosofia e o interesse pelo conhecimento o levaram, ainda jovem, a ingressar nos cursos de grego e latim, do Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, e do Instituto São José, em Pareci Novo, ambos no Rio Grande do Sul. Nesta mesma época, Cirne-Lima iniciou suas atividades no magistério, onde se destacou por ensinar esses dois idiomas.

Filho de D. Maria Velho Cirne-Lima e do eminente jurista Ruy Cirne-Lima, ex-diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Cirne-Lima ingressou no seminário jesuíta, aos 16 anos. Nas duas décadas em que pertenceu à Companhia de Jesus, ele dedicou-se aos estudos de Filosofia e Teologia, ingressando em 1949 no grande centro alemão, Berchmannskolleg Pullach Bei München. A partir de 1953, o filósofo cursou Teologia em Frankfurt e Innsbruck, Áustria, onde conheceu os professores Karl Rahner¹ e E. Coreth.² Na Europa, participou de diversos debates filosóficos, especializando-se em “Tiefenpsychologie”, pelo Institut für Tiefenpsychologie Innsbruck,

1 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI. A edição número 102 da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da IHU On-Line)

2 Emerich Coreth SJ (1919-2006): teólogo e filósofo católico austríaco. (Nota da IHU On-Line)

Áustria, em 1959. Doutorou-se, ainda neste mesmo ano, em Filosofia, pela Universität Innsbruck, Áustria, com o trabalho “Der personale Glaube. Eine erkenntnismetaphysische Studie”. No início da década de 1960, retornou ao Brasil, e em seguida voltou para a Europa, onde lecionou na Universidade de Viena, iniciando, então, sua segunda etapa de formação filosófica. Nesse período, iniciou seus estudos sobre Leibniz, Kant, Schelling e Hegel. Dessas pesquisas, resultou seu trabalho “Analogie und Dialektik”.

De volta ao Brasil, em 26 de julho de 1968, Cirne-Lima fez sua Livre Docência na Faculdade de Filosofia da UFRGS. A situação política da época fez com que sua permanência na faculdade fosse abreviada com a imposição de aposentadoria compulsória, decretada pelo Regime Militar de 1969. Proibido de lecionar, ele dedicou-se às atividades empresariais, retornando ao magistério em 1979, após a anistia, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Na Universidade Federal, foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, entre 1985 e 1986. Após se aposentar na UFRGS, em 1991, tornou-se professor titular na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde permaneceu até 1999. Nesta universidade, fundou o grupo de pesquisas Integradas Dialética – Diretórios de Grupos de Pesquisa do CNPq. Em 2000, Cirne-Lima iniciou sua carreira na Unisinos, onde aposentou-se neste semestre, recebendo na última sexta-feira, 06-06-2008, o título de professor emérito.

No decorrer da docência, o filósofo organizou congressos, coordenou pesquisas e publicou várias obras. Em 2006, ele inovou ao editar o CD-Rom *Dialética para*

RENATA STODUTO



todos, no qual apresenta, com uma linguagem didática, suas teorias sobre dialética e sistema filosófico. Entre outros livros, Cirne-Lima publicou *Realismo e Dialética. A Analogia como dialética do realismo*. (Porto Alegre: Globo, 1967), *Sobre a contradição* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993), *Dialética para principiantes* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996), *Nós e o Absoluto* (São Paulo: Loyola, 2001) e *Depois de Hegel. Uma reconstrução crítica do sistema neoplatônico* (Caxias do Sul: Educs, 2006).

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Leia no sítio do IHU www.unisinos.br/ihu, as entrevistas concedidas por Cirne-Lima à IHU On-Line.

Entrevistas:

* *Dialética para todos. Aristóteles com o controle remoto na mão*, de 02-06-2006;

* *Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade*. Edição 217, *Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, de 30-04-2007.

>> Acesse também as edições 141, *Terra Habitável um desafio para a humanidade*, de 16-05-2005, e 142, *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, auto-organização e caos*, de 23-05-2005. Nesses exemplares, confira o debate de Cirne-Lima com Karen Gloy e Günther Küppers, ocorrido por ocasião da realização do *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*.

Nos passos do mestre

Cirne-Lima propôs um projeto filosófico capaz de reconstruir criticamente a herança neoplatônica e dialogar com a ciência contemporânea, considera Eduardo Luft

POR MÁRCIA JUNGES E PATRICIA FACHIN

Discípulo de Cirne-Lima, Eduardo Luft, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, afirma que o pensamento do mestre “gira em torno de uma grande intuição: a idéia de que o sistema hegeliano, em vários aspectos profundamente dialético, contém algumas características dificilmente conciliáveis com exigências fundamentais da própria dialética”. Para o pesquisador, as pesquisas de Cirne-Lima tentam superar os déficits do hegelianismo. Mas faz uma ressalva: “Creio que ainda permanece presa demais ao modelo de filosofia sistemática desenvolvido por Hegel”. Considerando os ensinamentos aprendidos, Luft propõe mudanças mais profundas, elaborando um novo sistema de filosofia. “Suponho, por exemplo, inevitável superar o próprio idealismo objetivo, ou seja, a contraposição entre a esfera ideal e o mundo real, entre Lógica e Filosofia do Real ainda presente em Hegel, e legada ao projeto de sistema cirne-limiano”.

Luft é graduado em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde cursou mestrado e doutorado em Filosofia. Sua dissertação *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel*, e sua tese *Método e sistema: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana*, foram orientadas pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. De sua produção intelectual, destacamos os livros *Para uma crítica interna ao sistema de Hegel* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995), *As sementes da dúvida: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana* (São Paulo: Mandarim, 2001) e *Sobre a coerência do mundo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005).

IHU On-Line - Como é a pessoa Cirne-Lima?

Eduardo Luft - Um amigo, um companheiro, aberto ao diálogo e receptivo a “provocações” intelectuais, mas também consciente da necessidade de direcionar o pensamento jovem, quando este tende a se perder nos meandros intrincados da especulação e, por outro lado, ciente da necessidade de liberar a especulação quando travada pelos entulhos da academia. Enfim, um mestre no sentido estrito do termo.

IHU On-Line - Quais são os aspectos que destacaria no pensamento de Cirne-Lima? Em que reside sua origi-

nalidade e ousadia?

Eduardo Luft - Gostaria de destacar a clareza do pensamento e a força especulativa ao propor um novo projeto de sistema de filosofia, capaz, ao mesmo tempo, de reconstruir criticamente a herança neoplatônica e dialogar com a ciência contemporânea. O projeto de Cirne-Lima vai na direção de uma deflação da ontologia já presente na biologia contemporânea ((Dawkins,¹

1 Clinton Richard Dawkins (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e escritor britânico, nascido no Quênia. Catedrático da Universidade de Oxford, é conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O gene egoísta*, publicado em 1976. Recentemente está envolto em

Kauffman²), e recentemente aplicada com igual sucesso à cosmologia (Lee Smolin³). Ele também busca explici-

grande polêmica por conta das idéias contidas em sua obra *Deus, um delírio* (São Paulo: Cia das Letras, 2007). A obra inspirou o tema de capa da revista **IHU On-Line** número 245, de 26-11-2007, intitulada *O “novo” ateísmo em discussão*. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Stuart Alan Kauffman (1939): biólogo americano e pesquisador dos sistemas complexos a respeito da origem da vida na terra. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Lee Smolin: professor de Física na Universidade da Pensilvânia, EUA. Como físico teórico, tem contribuído com idéias-chave nas pesquisas pela unificação da Teoria Quântica com a cosmologia e a Teoria da Relatividade. Apresentamos na edição número 111 da **IHU On-Line**, de 16-08-2004, seu livro *A vida do cosmos* (São Leopoldo: Unisinos, 2004). Smolin concedeu a entrevista “Uma discussão aberta

tar os traços em comum – o holismo, a ontologia relacional e processual – que unem a dialética e a teoria dos sistemas adaptativos complexos. Propõe a correção do projeto de sistema hegeliano no sentido de abandonar a tendência ao necessitarismo, dando espaço a uma teoria da liberdade em ética e política; o corajoso abandono das pretensões de fundamentação última do conhecimento; e a ênfase em um diálogo profícuo com as diversas tradições filosóficas. Todos estes tópicos merecem destaque em sua obra.

IHU On-Line - Em entrevista à IHU On-Line (número 217, 30-04-07), você afirma ser muito importante a correção que Cirne-Lima faz ao sistema hegeliano. Tomando em consideração sua obra *As sementes da dúvida*, em que aspectos você concorda com essa correção, e em que pontos você proporia ajustes ou mudanças?

Eduardo Luft - Acredito que o pensamento de Cirne-Lima gira em torno de uma grande intuição: a idéia de que o sistema hegeliano, em vários aspectos profundamente dialético, contém algumas características dificilmente conciliáveis com exigências fundamentais da própria dialética. Por exemplo: a ênfase dialética no caráter correlativo e simétrico das categorias contrapostas que fundam o sistema de Filosofia convive mal com a assimetria entre necessidade e contingência presente na teoria modal hegeliana, assim como o dinamismo infinito característico da dialética é dificilmente compatível com a tese hegeliana de um acabamento ou de uma completude do saber, bem como de uma plenificação do processo civilizacional em certo momento da história das culturas. Cirne-Lima percebeu estes problemas e a urgência de sua superação. Sua proposta vai realmente na direção de uma superação daqueles déficits do hegelianismo, mas creio que ainda permanece presa demais ao modelo de Filosofia sistemática desenvolvido por Hegel. Acredito que as mudanças devam ser mais profundas, terminando na necessária elaboração de um novo sistema de Filosofia, com outra

configuração. Suponho, por exemplo, inevitável superar o próprio idealismo objetivo, ou seja, a contraposição entre a esfera ideal e o mundo real, entre Lógica e Filosofia do Real ainda presente em Hegel, e legada ao projeto de sistema cirne-limiano.

IHU On-Line - Como os estudiosos de Hegel percebem essa empreitada de Cirne-Lima? E como foi recebida, em específico, a correção de que quando fala em contradição, Hegel quer dizer contrariedade? Qual é a relevância desse aspecto na correta interpretação do que Hegel quis dizer?

Eduardo Luft - É preciso dar tempo para o amadurecimento da recepção da proposta de Cirne-Lima, e o *Colóquio Depois de Hegel*,⁴ iniciativa de Adriano Naves de Brito,⁵ contribuiu imensamente neste sentido. Quanto à proposta de Cirne-Lima de utilizar o termo “contrariedade” em lugar de “contradição”, trata-se de uma tentativa de responder a conhecidas objeções por parte de pensadores analíticos de uma suposta inconsistência do pensamento dialético. Hegel e os dialéticos estariam louvando as contradições e ferindo intencionalmente leis lógicas como o princípio de não-contradição. Há três tipos predominantes de resposta a esta indagação: enquanto alguns defendem que Hegel estaria de fato e intencionalmente recusando leis lógicas, outros acreditam que a dialética fomenta e exige uma nova lógica; por fim, há aqueles que julgam necessário enfatizar a compatibilidade entre lógica e dialética. Cirne-Lima prefere o terceiro tipo de resposta, e eu o sigo neste ponto, mas não creio que seja preciso substituir contradição por contrariedade. Procurei demonstrar, em *As*

sementes da dúvida, que a dimensão negativo-racional do lógico, assim como concebida por Hegel, pode ser considerada como um tipo de refutação por *reductio ad absurdum* de certo modo de tratamento das relações categoriais. A contradição é, assim, a marca de um impasse do pensamento ao tratar categorias correlativas como se pudessem subsistir isoladas umas das outras. Mas é certo que Hegel dizia mais do que isto: a emergência de contradições era, para ele, um momento inevitável do percurso dialético, e, de certo modo, a razão do movimento categorial-ideal (em um primeiro momento) e real (em um segundo momento). Aqui, reside a dimensão ousada do pensamento hegeliano que filósofos analíticos têm dificuldade de aceitar. Mas contradições são fatos do pensamento e da realidade, mesmo que fatos a serem superados. Isso Cirne-Lima mostrou muito bem.

IHU On-Line - Qual é a importância da formalização da Ciência da Lógica,⁶ realizada por Cirne-Lima e Carlos Soares?⁷ E por que esse trabalho não teve a devida recepção no meio acadêmico?

Eduardo Luft - Creio que a mensagem

⁶ *Uma formalização da Ciência da Lógica de Hegel* é o título de um projeto de pesquisa do professor Cirne-Lima, sobre o tipo de racionalidade que o sistema neoplatônico e neo-hegeliano – um Hegel corrigido exatamente em seu conceito duro de razão – deveria apresentar. Um projeto de sistema que desde o começo evite as grandes objeções levantadas contra Hegel deve responder à questão sobre a contradição como motor da Dialética (contradição versus racionalidade), precisa resolver o problema do determinismo insito no sistema (que destrói a liberdade e a História), e deve poder equilibrar a balança entre o Universal e o Singular de tal maneira que o indivíduo não seja esmagado (problema do totalitarismo político). O projeto de sistema, em forma extremamente sucinta, ou seja, o sistema deflacionado, já foi publicado em português e em alemão; foi apresentado também, em julho de 2003, em Lucerna, Suíça, num congresso que reuniu os melhores dialéticos da Filosofia. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Antonio Carlos Kroeff Soares: filósofo brasileiro que, com Carlos Roberto Velho Cirne-Lima, é autor dos artigos “Being, Nothing Becoming. Hegel and Us – A Formalization”. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 5-39, 2005 e “Being, Nothing Becoming. Hegel and Us – A formalization. Part 2”. *Filosofia Unisinos*, v. 7, p. 5-39, 2006. (Nota da IHU On-Line)

e objetiva” à edição número 206 da IHU On-Line, de 27-11-2006. (Nota da IHU On-Line)

⁴ De 4 a 6 de junho de 2008, foi realizado na Unisinos o *Colóquio Depois de Hegel*, quando um grupo qualificado de interlocutores, do Brasil e do exterior, entre filósofos de formação mais analítica e outros de formação mais hegeliana, debateram, mediante trabalhos escritos, a obra *Depois de Hegel*, de autoria do Prof. Dr. Carlos Roberto Cirne-Lima, publicada em maio de 2006 pela editora da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Os comentários críticos foram objeto da réplica do professor Cirne-Lima. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com o professor Adriano Naves de Brito. (Nota da IHU On-Line)

original era um convite ao diálogo entre estas duas tradições antagônicas do pensamento ocidental, analítica e dialética. A formalização também vinha a suprir a busca de clareza, traço característico do pensamento de Cirne-Lima. Mas a formalização tem seu preço. No colóquio, os diversos colegas analíticos deixaram claro que a tradução da dialética em linguagem formal termina em um inevitável empobrecimento. É claro que seria melhor propor uma lógica própria suscetível de uma formalização menos empobrecedora (os colegas Olavo Filho⁸ e Julio Cabrera⁹ seguem por este caminho, com resultados muito interessantes). Mas creio que o objetivo maior de Cirne-Lima tenha sido a clarificação de seu pensamento para si mesmo, e conseqüentemente para seu público. Acho que isso é meritório. Eu mesmo busquei uma proposta de formalização em *As sementes da dúvida*, e sei o quanto o esforço da formalização contribui para o processo de clarificação do pensamento. Um exemplo: a formalização exige clareza acerca da pergunta pelo sujeito lógico da predicação dialética, se explicitamos a estrutura conceitual e não proposicional típica do pensamento hegeliano na estrutura de sujeito e predicado (ou argumento e função). Qual o sujeito da *Ciência da Lógica*, qual o seu tema, de que ela está falando? Hegel convida a traduzirmos o anacoluto “ser” por “O absoluto é ser”. Mas o que vem a ser o “absoluto”? Com a formalização, somos forçados a responder a esta pergunta. Cirne-Lima diz: “O absoluto são todas as coisas”. Assim poderíamos traduzir “O absoluto é ser” por “todas as coisas são ser”. Creio residir aqui uma falácia, pois a *Lógica* de Hegel não fala de “todas as coisas”, e sim da urdidura lógica, ou lógico-categorial que estrutura todas as coisas, ela fala da essência do mundo, por assim di-

8 Olavo Leopoldino da Silva Filho: professor na Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Física Geral, atuando principalmente nos temas de filosofia da linguagem, lingüística, semântica e lógica. (Nota da IHU On-Line)

9 Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com o professor Julio Cabrera. (Nota da IHU On-Line)

“Creio que o objetivo maior de Cirne-Lima tenha sido a clarificação de seu pensamento para si mesmo, e conseqüentemente para seu público”

zer. A *Lógica* é, portanto, uma teoria das categorias objetivas, e o sujeito lógico da predicação dialética é sempre aquela categoria universalíssima que estrutura e funda todo o vasto sistema categorial, a ser explicitada no transcurso de constituição deste próprio sistema. Deveríamos traduzir, portanto, “o absoluto é ser” por “a idéia é ser”. A *Lógica* fala só de categorias e, ao final, da categoria de todas as categorias, a idéia. Esta formalização foi proposta por mim, como disse, em *As sementes da dúvida*, e segue, portanto, um caminho diferente de Cirne-Lima. Mas, em ambos os casos, o esforço de clarificação é bem-vindo.

IHU On-Line - Como aluno e orientando de Cirne-Lima, quais são os ensinamentos que com ele aprendeu? Que episódios marcantes você destacaria desse convívio acadêmico?

Eduardo Luft - Conheci Cirne-Lima no Instituto Goethe quando, ao participar de uma palestra, fiquei impactado por uma pergunta por ele lançada ao palestrante. Eu mal havia começado meus primeiros passos na arena filosófica, e percebi intuitivamente uma certa comunhão de interesses e perspectivas entre o seu modo de pensar e o meu. Pedi sugestão de leitura, e trocamos algumas palavras. Por feliz coincidência, quando iniciei meus estudos no PPG de Filosofia da Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Cirne-Lima estava começando na nova casa, depois de se aposentar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde o primeiro momento, percebi que navegávamos na mesma direção, embora só com o passar do tempo aquelas águas, ondulações, o mapa e a ilha almejada pelo trabalho do pensamento foram ficando claras para mim. Não houve outro filósofo que tenha me influenciado tanto, intelectual e existencialmente, e só posso ser grato por esta trajetória. Espero que possa, de minha parte, continuar navegando, e transferindo para as próximas gerações o mapa que recebi de suas mãos e que, com mudanças aqui e ali, enfatiza a mesma direção que temos seguido desde o início – Cirne-Lima, eu, e de certo modo todos nós.

IHU On-Line - Cirne-Lima é famoso entre os estudantes por esmiuçar em termos simples temas complexos da filosofia de Hegel. Podemos dizer que filosofar depois de suas aulas ficou mais acessível?

Eduardo Luft - Como aluno, lembro da paixão de Cirne-Lima pela Filosofia, sua abertura constante ao diálogo e às críticas, sua ênfase no rigor e sua busca por respostas aos problemas centrais da Filosofia. Lembro da ousadia e do ouvido sempre aberto a sugestões, indagações, novas reflexões. Quando eu supunha ter compreendido boa parte de suas idéias, surgiam novas perguntas, novas propostas de solução, novos caminhos. As aulas eram sempre, portanto, novas aulas, e assim a caminhada prosseguia e prossegue. Enfim, uma caminhada plena de sentido.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Eduardo Luft à IHU On-Line. O material está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *A Fenomenologia mudou nosso modo de compreender o conhecimento*. Edição 217, *Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, de 30-04-2007.

Cirne-Lima: defensor de uma posição única no debate filosófico

Paulo Roberto Margutti Pinto avalia a atuação de Cirne-Lima na academia e reconhece sua influência no debate filosófico brasileiro

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

Adepto de algumas releituras do sistema filosófico hegeliano realizado por Cirne-Lima, e contrário a outras, o pensador analítico Paulo Roberto Margutti Pinto afirma, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, que o filósofo “nos convida a repensar e a não a repetir Hegel”. Com isso, avalia, “ele provoca não só os hegelianos tradicionais, que não vêm com bons olhos a lógica formal, mas também os filósofos de tendência analítica, como eu, que não vêm com bons olhos a lógica dialética hegeliana. O resultado é um debate muito estimulante e frutífero em torno do significado da obra de Hegel”. Confira, na entrevista a seguir, as considerações do pesquisador referentes às teorias de Cirne-Lima, especificamente sua crítica à contrariedade.

Paulo Roberto Margutti Pinto é graduado em Filosofia e mestre em Filosofia Contemporânea, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). cursou o doutorado na Universidade de Edinburgo e, atualmente, é docente da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG.

IHU On-Line - Como o senhor percebe as ponderações apresentadas por Cirne-Lima aos possíveis “erros de Hegel”?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Como pensador de tendências analíticas que sou, creio que Cirne-Lima tem razão ao criticar certos erros em Hegel. Um deles, em minha opinião, está na idéia de que a tese, em sua evolução histórica, caminhará em direção à sua contradição, que se expressará na antítese. Ora, não há sistema algum de lógica que seja capaz de gerar a antítese *não-A* a partir da tese *A* e permanecer consistente depois disso. O outro erro está em supor que a síntese possa ser formada pela conjunção de *A* com *não-A*. Uma vez admitido que a síntese seja formada por essa conjunção, o sistema hegeliano se torna trivial, no sentido de poder provar qualquer coisa. Aliás, esse é um dos maiores problemas da Ciência da Lógica, que, ao fim e ao cabo, prova absolutamente tudo, não deixando coisa alguma fora do sistema. Cirne-Lima tenta superar esses erros, alegando que a oposição entre tese e antítese é por contrariedade e não por

contradição. Como duas proposições contrárias podem ser falsas ao mesmo tempo, ele pode, então, construir uma síntese em que a tese e a antítese se tornam simultaneamente falsas, evitando a presença de contradição no sistema e a conseqüente trivialidade. Em meu debate com ele, procuro mostrar que a oposição por contrariedade, embora evite os problemas de Hegel, cria outros. Por exemplo, a contrariedade não tem a força da contradição para impulsionar o movimento histórico; uma síntese em que os elementos contrários da tese e da antítese se tornam falsos certamente constitui uma superação da oposição, mas é incapaz de conservar os elementos contrários que superou, porque esses se tornaram falsos. Em nossas discussões, tentei mostrar-lhe, através de processos formais, que a proposta dele era inconsistente. Esse foi, provavelmente, um dos fatores que levou Cirne-Lima a tentar defender a consistência de sua proposta através da formalização da lógica dialética baseada na oposição por contrariedade. Como se pode ver,

tivemos uma rica troca de experiências intelectuais. Espero que ela possa continuar mesmo depois da aposentadoria de Cirne-Lima.

IHU On-Line - Como o meio acadêmico hegeliano vê as empreitadas de Cirne-Lima, como a da formalização da Ciência da Lógica?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Os hegelianos vêm a lógica formal como um mero capítulo de um movimento maior, a lógica dialética. A primeira é estática e não dá conta de explicar os processos históricos, que se desenvolvem no tempo. A segunda é dinâmica e possui a capacidade de explicar os processos históricos. A lógica formal fica paralisada quando depara com uma contradição. A lógica dialética avança justamente quando depara com uma contradição. Nessa perspectiva, qualquer tentativa de formalização da dialética é vista pelos hegelianos como uma diminuição da mesma. É como se estivéssemos utilizando a parte — lógica formal — para explicar o todo — lógica dialética — ou o infe-

rior para explicar o superior. O meio acadêmico hegeliano não vê com simpatia a iniciativa de Cirne-Lima. Para piorar, o meio acadêmico de tendência analítica, ao qual pertence e que enfatiza a lógica formal em detrimento da dialética, também não vê com bons olhos essa iniciativa, pois considera-a desnecessária e destinada ao fracasso. Isso coloca as idéias de Cirne-Lima numa situação em que se encontram expostas ao fogo inimigo em dois flancos, mas, ao mesmo tempo, lhe confere uma posição única no debate filosófico.

IHU On-Line - Cirne-Lima, ao avaliar o pensamento hegeliano, concorda com duas críticas introduzidas por Schelling. A primeira diz que Hegel não foi suficientemente claro em dar ênfase para a facticidade da história. A segunda é que, para Hegel, a razão funciona e se movimenta mediante a contradição. O senhor concorda com essas posições?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Concordo com a primeira, mas tenho reservas quanto à segunda. No que diz respeito à primeira crítica, reconheço que a ênfase na facticidade da história é indispensável para que a dimensão contingente dos acontecimentos seja devidamente respeitada. Em Hegel, parece valer o seguinte princípio: “Se os fatos não concordam com a teoria, então azar dos fatos”. Ora, essa não me parece uma estratégia acertada para uma teoria científica adequada. Cirne-Lima também está preocupado em recuperar a dimensão contingente dos fatos e, por esse motivo, tenta articular uma dialética descendente que, paradoxalmente, não é determinista. Através dela, ele não faz deduções de acontecimentos necessários no processo histórico, mas admite a presença de acontecimentos contingentes. No que diz respeito à segunda crítica, Cirne-Lima tenta substituir a dialética baseada na contradição por outra, baseada na contrariedade. Como disse, essa última não consegue explicar adequadamente o movimento e não oferece uma síntese adequada dos elementos opostos. Minha proposta alternativa consiste em preservar a contradição e a lógica formal, apesar

“Cirne-Lima também está preocupado em recuperar a dimensão contingente dos fatos e, por esse motivo, tenta articular uma dialética descendente que, paradoxalmente, não é determinista”

de reconhecer as limitações dessa última para dar conta de uma realidade muito mais complexa do que ela. Nessa perspectiva, só podemos utilizar a lógica formal para descrever aspectos da realidade, nunca ela toda. Desse modo, a lógica formal poderia ser usada tanto para descrever o aspecto-tese como o aspecto-antítese da realidade. Mas, como esses aspectos são mutuamente excludentes, nunca poderemos descrevê-los simultaneamente e sob o mesmo ponto de vista. Teremos de nos conformar com descrições parciais e complementares da realidade, que nunca poderão ser superpostas, sob pena de inconsistência. Nessa dialética, a contradição ficaria preservada como geradora do movimento e nunca haveria uma síntese, o que evitaria o problema da trivialidade. No entanto, essa é uma outra história, que não me parece oportuno desenvolver em detalhe aqui.

IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições desse filósofo para o avanço nos estudos sobre Hegel?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Penso que Cirne-Lima assume uma postura muito diferente daquela dos demais estudiosos de Hegel no Brasil, que se limitam a comentar mais ou menos escolasticamente a obra do grande pensador alemão. Cirne-Lima nos convida a *repensar* e não a *repetir* Hegel. Sua

proposta não é *exegética*, mas *dialética* no sentido mais autêntico da expressão. Como discípulo autêntico de Hegel, Cirne-Lima, embora extraia sua inspiração do mestre, se propõe a superá-lo, utilizando elementos de lógica formal que são caros aos pensadores analíticos. Com isso, ele provoca, segundo mencionei, não só os hegelianos tradicionais, que não vêem com bons olhos a lógica formal, mas também os filósofos de tendência analítica, como eu, que não vêem com bons olhos a lógica dialética hegeliana. O resultado é um debate muito estimulante e frutífero em torno do significado da obra de Hegel para nós hoje, que só não é maior porque, infelizmente, os pesquisadores brasileiros tendem a silenciar sobre aquilo com que não concordam, ao invés de discuti-lo para atingir uma melhor compreensão. Mesmo assim, Cirne-Lima contribuiu inegavelmente para um estudo da obra de Hegel, que se revelou mais independente e capaz de estimular a formação de uma escola de pensamento.

IHU On-Line - De que maneira a obra de Cirne-Lima contribuiu para a construção e consolidação do pensamento filosófico no Brasil?

Paulo Roberto Margutti Pinto - De diversas maneiras. Em primeiro lugar, pela coragem em apresentar um sistema filosófico próprio, num país em que a pesquisa em nível de pós-graduação está predominantemente voltada para o comentário exegético de autores estrangeiros e em que qualquer iniciativa de elaboração pessoal é vista como um atrevimento imperdoável. Em segundo lugar, por ter tido liderança suficiente para criar o Grupo de Trabalho em Dialética da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof), através de cujas atividades foi possível divulgar as suas idéias entre outros pesquisadores interessados, gerando um debate frutífero entre eles. Em terceiro lugar, pela formação de discípulos talentosos e motivados, como Eduardo Luft,¹ que nele se inspiraram para dar prosseguimento ao projeto de reforma da dialética hegeliana.

¹ Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com o professor Eduardo Luft. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Levando em consideração seu contato pessoal com o professor, como o senhor descreveria o educador Cirne-Lima? De que maneira ele ajudou a difundir a Filosofia entre os alunos?

Paulo Roberto Margutti Pinto - A primeira vez que tive contato com Cirne-Lima foi quando fazia meu curso de mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e assisti a uma conferência dele, que, na época, já era professor renomado, sobre a contradição dialética e a lógica modal. Fiquei fascinado com a clareza da exposição e com a paixão que ele revelava ao apresentar suas idéias. Pessoas assim conseguem despertar e estimular nos outros o interesse pela Filosofia. Penso que as qualidades mencionadas fazem dele um professor excepcional, daqueles que possuem o raro dom de fazer escola. Aqui no Brasil são poucos os que conseguem essa façanha. No momento, só consigo me lembrar do nome de Oswaldo Porchat,² que também foi um criador de escola e formador de discípulos. O merecido título de professor emérito que ele recebeu da Unisinos é o reconhecimento mais eloqüente dado a uma pessoa que dedicou a vida à formação filosófica autêntica de seus discípulos.

IHU On-Line - Que aspectos você destacaria na convivência pessoal e intelectual com Cirne-Lima?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Nos seus relacionamentos, Cirne-Lima se revela uma pessoa extremamente gentil e generosa. Lidar com ele é um prazer, pois essas qualidades vêm acompanhadas de uma agilidade intelectual e uma erudição filosófica capazes de fazer inveja a qualquer um. As conversas que tive com ele sempre foram animadas, diversificadas, surpreendentes e ricas em ensinamentos. Cirne-Lima é capaz de tornar o assunto menos interessante

2 Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva: lecionou na USP e na Unicamp. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Epistemologia. Há vários anos, tem trabalhado preferencialmente sobre o ceticismo filosófico antigo e moderno. Orientou inúmeras teses de mestrado e doutoramento e continua atualmente esse trabalho de orientação no Departamento de Filosofia da USP. (Nota da IHU On-Line)

“O merecido título de professor emérito que ele recebeu da Unisinos é o reconhecimento mais eloqüente dado a uma pessoa que dedicou a vida à formação filosófica autêntica de seus discípulos”

numa verdadeira aventura intelectual.

IHU On-Line - Cirne-Lima costuma dizer que os filósofos estão mais habituados a fazer História da Filosofia e da Ciência do que propriamente Filosofia. Ao contrário, ele se destaca justamente por essa posição diferenciada e de ter presente as discussões filosóficas como tema central em sua vida. Como o senhor percebe, assim, o filósofo Cirne-Lima e sua preocupação em explicar os dilemas da contemporaneidade?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Penso que ele tem razão ao dizer que os filósofos estão mais habituados a fazer História da Filosofia e da Ciência, mas acrescentaria que isso acontece principalmente no Brasil. Como já disse antes, a nossa pós-graduação em Filosofia está mais interessada no comentário exegético do que na criatividade pessoal. Até mesmo nossos cursos de graduação em Filosofia padecem desse mal, estimulando explicitamente a leitura dos clássicos, entendida como prática rigorosa da Filosofia, e desestimulando implicitamente as iniciativas de elaboração pessoal, entendidas como formas de “achismo”. Ainda estamos presos de algum modo à velha tendência portuguesa de manter a fidelidade ao comentário exegético de Aristóteles em plena era moderna, quando o cartesianismo se

espalhava pelo resto da Europa. Nessa perspectiva, trabalhos como o de Cirne-Lima constituem honrosas exceções numa constelação de pesquisas predominantemente escolásticas. E seu trabalho é não apenas original, mas também ligado à problemática contemporânea, uma vez que ele foi capaz de mostrar diversas analogias e semelhanças entre o hegelianismo de raízes neoplatônicas e a atual abordagem sistêmica de caráter transdisciplinar.

IHU On-Line - Depois de Hegel pode ser considerado a coroação da produção intelectual de Cirne-Lima? Nesta obra encontramos a melhor formulação do seu modo de ver e perceber a Filosofia?

Paulo Roberto Margutti Pinto - Certamente. *Depois de Hegel* constitui a formulação mais completa e mais pessoal de Cirne-Lima. Ali vemos como ele foi capaz de remontar a abordagem sistêmica atual, inspirada nos estudos de von Bertalanffy,³ a suas raízes neoplatônicas, as quais, na opinião dele, estão presentes na dialética hegeliana criticamente reconstruída. Com isso, ele pretende estabelecer uma dialética que não é determinista, que não deduz os fatos, mas explica a partir dos fatos, admitindo a presença da contingência no sistema. Na sua paixão de pensador incansável, Cirne-Lima explica até mesmo os argumentos pró e contra ele como manifestações de uma dialética através da qual as inverdades serão desmascaradas para que possamos continuar avançando assintoticamente em direção à verdade plena.

LEIA MAIS...

>> Paulo Margutti já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira no sítio do IHU www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *Novos ateístas. Apóstolos da racionalidade contra a barbárie?* Edição 245, *O novo “ateísmo” em discussão*, de 26-11-2007.

3 Karl Ludwig von Bertalanffy (1901-1972): criador da Teoria Geral dos Sistemas. A primeira edição brasileira de *Teoria Geral dos Sistemas* foi publicada pela Editoras Vozes, de Petrópolis (RJ), em 1968. (Nota da IHU On-Line)

Contingência e liberdade. A aporia fundamental do sistema hegeliano

Para Manfredo de Oliveira, a negação do caráter abrangente da Filosofia é uma característica fundamental das tendências filosóficas não-analíticas no pensamento contemporâneo

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“**P**ara Cirne-Lima, a Filosofia está profundamente ligada às questões fundamentais da vida humana e não é ela que cria as perguntas básicas do ser humano, embora essas o acompanhem em sua vida”, considera Manfredo Araújo de Oliveira, professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador analisa alguns aspectos da produção intelectual do filósofo gaúcho e afirma que, como herança, Cirne-Lima deixa “certamente sua insistência no pensamento da totalidade e o enorme esforço para pensar a totalidade de tal forma que a contingência e a liberdade sejam elementos centrais”.

Manfredo Araújo de Oliveira é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, mestre em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e doutor em Filosofia, pela Universität München Ludwig Maximilian. Atualmente, atua como docente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Entre seus livros mais recentes, citamos *O Deus dos filósofos contemporâneos* (Petrópolis: Vozes, 2003) e *Dialética hoje: lógica, metafísica e historicidade* (São Paulo: Loyola, 2004).

IHU On-Line - Qual é a sua interpretação sobre a correção que Cirne-Lima propõe ao sistema de Hegel? O necessitarismo realmente desaparece após essa correção?

Manfredo Araújo de Oliveira - Para Cirne-Lima, o sistema de Hegel é fundamentalmente incapaz de pensar a contingência e a liberdade, apesar de pretender, pois a necessidade perpassa todo o sistema de tal modo que a primeira parte do sistema e a última são vinculadas por um nexos necessário e, com isto, a história é destituída de qualquer contingência, já que nada mais é do que o desdobramento necessário da idéia absoluta. Cirne-Lima pretende escapar ao necessitarismo atribuído ao sistema hegeliano, repensando-o de tal forma que sejam compatíveis as duas afirmações básicas do sistema: a necessidade do engendramento de novos aspectos e o

caráter não-necessário dos aspectos engendrados, assim que o primeiro princípio é absoluto, na medida em que, numa análise regressiva, não é condicionado por nenhum princípio anterior a ele, mas, sim, para frente, pois precisa, tem que (necessidade) engendrar o outro de si. Escapa ele da aporia fundamental que marca o sistema hegeliano? Em seu sistema alternativo, a passagem da primeira parte para a segunda parte do sistema, do primeiro princípio para a natureza, *continua necessária* sob um aspecto (ela precisa existir), mas é não-necessária sob outros aspectos (os aspectos podem ser os mais variados possíveis). Isto é uma forma de necessitarismo. A resposta adequada a esta pergunta implicaria pelo menos um confronto mais profundo com as teorias modais atuais e com as novas teorias ontológicas.

IHU On-Line - Cirne-Lima e Klaus Düsing, de Colônia, Alemanha, chegaram à mesma teoria independentemente, sustentando que, quando fala em contradição, Hegel quer dizer contrariedade? Qual a importância desta descoberta para os estudos de Hegel?

Manfredo Araújo de Oliveira - Cirne-Lima tem consciência de não ter propriamente descoberto esta solução, porque ela já se encontra no pensamento de Kant, portanto anterior a Hegel, e na discussão entre os discípulos de Hegel da primeira geração. Para compreender a importância da retomada desta problemática no pensamento de Cirne-Lima, é fundamental levar em consideração que é lugar comum entre os críticos do pensamento dialético a afirmação do caráter irracional da dialética, por não aceitar, segundo eles, o princípio de não-con-

tradição, o que a levaria fatalmente à autodestruição. Isto significa dizer que se trata de um pensamento que não precisa ser levado a sério. Cirne-Lima, com isto, repõe sua credibilidade.

IHU On-Line - Em seu ponto de vista, em que reside a importância e a originalidade desse filósofo gaúcho?

Manfredo Araújo de Oliveira - Para Cirne-Lima, a Filosofia está profundamente ligada às questões fundamentais da vida humana e não é ela que cria as perguntas básicas do ser humano, embora essas o acompanhem em sua vida. E a filosofia é a tentativa sempre recomeçada de dar uma resposta racional a estas perguntas. Como se trata de questões que dizem respeito à vida humana em sua totalidade, a Filosofia emerge como o saber, cuja especificidade é tematizar os princípios universalmente válidos que regem todo o universo, ou seja, tanto o pensar como o ser. Como ele diz em *Dialética para principiantes* (Porto Alegre: Edipucrs, 1996, p. 13): “Fazer filosofia hoje é como montar um grande quebra-cabeça. As ciências (...) são recortes parciais do grande quebra-cabeça que é a Filosofia, a Ciência Universalíssima. Cada uma das ciências particulares monta o seu pedaço particular, ou seja, cada uma delas trata de algumas figuras. Nenhuma delas se preocupa e se encarrega da composição total do grande mosaico que é a Filosofia, a razão, o sentido do universo (...) Fazer Filosofia significa jogar o jogo até o fim, isto é, montar as peças, de sorte que se possa ver a imagem global”.

Daí porque um postulado básico perpassa todo o esforço especulativo de Cirne-Lima: Filosofia tem a ver com o Universo, com a Totalidade do real. Numa palavra, tem a ver com o que constitui a realidade enquanto tal, que é uma Totalidade de configurações de relações em movimento. Por isto, ela é “o sistema que pretende abarcar cientificamente todo o Universo”,¹ como ele afirma em seu último livro. Seu domínio de objetos é a totalidade dos seres. Nada há, portanto, que esteja fora do domínio de objetos de uma

1 O autor refere-se ao livro *Depois de Hegel*. Confira a citação na página 11. (Nota da IHU On-Line)

“Para Cirne-Lima, o sistema de Hegel é fundamentalmente incapaz de pensar a contingência e a liberdade”

Filosofia entendida enquanto teoria do Universo. É isto que desde a Antiguidade se entendeu como Filosofia. De um modo geral, se pode afirmar que a negação do caráter abrangente da Filosofia é uma característica fundamental das tendências filosóficas não-analíticas no pensamento contemporâneo. A filosofia analítica, por sua vez, é fundamentalmente sempre sistemática, no sentido de que trata as questões não de modo histórico, mas em si mesmas. De modo geral, pode-se afirmar que também aqui a tendência hegemônica é a de rejeição de uma teoria abrangente da totalidade do real, sobretudo em virtude da aceitação implícita ou explícita do abismo entre teoria e realidade. Neste contexto, o empreendimento de Cirne-Lima é algo de imponente e notável.

IHU On-Line - De que modo o meio acadêmico hegeliano vê as empreitadas de Cirne-Lima, como a correção do sistema de Hegel e a formação da Ciência da Lógica?

Manfredo Araújo de Oliveira - Não há propriamente, que eu saiba, tomadas de posição a respeito do empreendimento de Cirne-Lima da parte do meio acadêmico hegeliano. Os debates foram feitos no interior do grupo que pertence ao GT-Dialética e seus resultados foram publicados já em três volumes. As críticas nem sempre procedem de filósofos ligados ao pensamento de Hegel. É importante lembrar que o debate filosófico não é algo muito cultivado no Brasil. Dificilmente, de modo geral, os filósofos brasileiros

conhecem os trabalhos de seus colegas e, conseqüentemente, o debate se torna impossível. No último volume destes debates que acaba de sair com o título *Dialética e natureza* (Caxias do Sul: Educus), o professor Paulo Margutti,² de Belo Horizonte, publicou um longo artigo em que apresenta hipóteses extremamente interessantes para a compreensão desta situação do pensamento filosófico brasileiro.

IHU On-Line - Como você percebe a relação que Cirne-Lima faz entre o conceito de complexidade, teoria da Evolução, caos e sistemas, segundo suas próprias palavras “uma continuação do sistema hegeliano”?

Manfredo Araújo de Oliveira - Não é unânime a avaliação que se pode fazer desta tentativa de Cirne-Lima de vincular o sistema hegeliano às ciências atuais. Dois exemplos significativos podem ilustrar esta afirmação. Cirne-Lima é de opinião de que os cientistas de hoje reconstróem as teses básicas do neoplatonismo sem terem consciência plena disto. As teorias citadas são, para ele, um bom exemplo. No entanto, não é aceita sem mais esta sua tese fundamental. Assim, por exemplo, contra esta tese, o professor Margutti defende a posição, em artigo publicado no volume *Dialética e auto-organização* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003), de que “a abordagem sistêmica enquanto tal não é compatível com a idéia de um universo auto-organizado no sentido de um sistema circularmente fechado em si mesmo, sem um ambiente exterior com o qual interagir”.³ Por outro lado, no horizonte em que pensa Cirne-Lima, no que diz respeito à teoria da evolução, V. Hösle, em seu livro *Hegelssystem*, é da opinião de que a ciência da natureza atual, em contraposição ao que existia no tempo de Hegel, atingiu também materialmente um nível que a põe em condições de reconstruir em suas estruturas fundamentais no próprio nível da ciência a concepção idealista-objetiva da unidade da natureza. Assim, pela primeira vez na história da humanidade, se começou a articular a concepção de uma evolução

2 Confira nesta edição uma entrevista com Paulo Margutti Pinto. (Nota da IHU On-Line)

3 Confira mais informações na página 87 do livro. (Nota do entrevistado)

geral da natureza, deste a explosão inicial até o espírito, dos primeiros átomos de água à vida e à consciência. A filosofia da natureza de Hegel persegue exatamente isto, ou seja, o desenvolvimento da natureza enquanto um processo unitário a partir da indeterminidade do espaço à vida e ao espírito.

IHU On-Line - Como essa visão de que a vida é um sistema dinâmico em funcionamento pode oportunizar ao sujeito o exercício pleno de sua autonomia?

Manfredo Araújo de Oliveira - Evidentemente, depende muito de como se entende esta tese. Caso se tenha ela em mira a Teoria dos Sistemas, a controvérsia ressurgirá. Margutti, por exemplo, é de opinião de que a Teoria dos Sistemas só tem aplicação na esfera dos fenômenos físicos. Com dificuldades ela se aplicaria aos fenômenos biológicos e de nenhuma forma aos fenômenos humanos, individuais e culturais. Esta é uma das razões pelas quais ele considera sem sentido a tentativa de Cirne-Lima de traduzir as teses básicas da Dialética, hoje através da Teoria dos Sistemas. Uma outra interpretação desta teoria poderia levar a uma posição menos radical. Portanto, estamos aqui diante de uma questão aberta à espera do avanço no debate.

IHU On-Line - Tendo em vista a obra de Cirne-Lima como um todo, que aspecto deveria ser particularmente destacado quando pensamos em possíveis desdobramentos e aprofundamentos pelas próximas gerações?

Manfredo Araújo de Oliveira - Certamente, sua insistência no pensamento da totalidade e o enorme esforço para pensar a totalidade de tal forma que a contingência e a liberdade sejam elementos centrais.

LEIA MAIS...

>> Manfredo Araújo de Oliveira já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela pode ser acessada através do site do IHU www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *O Projeto de Ética Mundial de Hans Küng*, de 19-08-2007.

Depois de Hegel: “o mais original diálogo entre filosofia analítica e dialética”

Mais do que um estudioso dos ensinamentos de Hegel, Cirne-Lima criou um pensamento filosófico próprio de extrema importância para a Filosofia brasileira, considera Ernildo Stein

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“**A**valiar a presença do professor Cirne-Lima no contexto da Filosofia nacional significa contar a história dos momentos mais importantes que atravessou um certo debate filosófico a partir dos anos 1960, nascido no Rio Grande do Sul, e que teria, ao longo dos anos, levado a um diálogo de grande profundidade entre filósofos brasileiros.” A constatação é de Ernildo Stein, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail, o pesquisador avalia a trajetória intelectual de Cirne-Lima e afirma que sua última produção, intitulada *Depois de Hegel*, representa “uma admirável capacidade de abrangência das diversas tendências filosóficas atuais”. E acrescenta: “Com esta obra, o professor abriu sua visão filosófica extremamente sofisticada e ampla para o diálogo com as ciências, sobretudo a biologia e as ciências evolucionárias”.

Stein é graduado em Filosofia e Direito, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). cursou doutorado na mesma universidade, em Filosofia e pós-doutorado pela Universität Erlangen-Nürnberg. Atualmente, é docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e membro do corpo editorial das publicações *Reflexão*, *Problemata*, *Natureza Humana* e *Ágora*.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a importância de Cirne-Lima dentro da Filosofia gaúcha e brasileira?

Ernildo Stein - Avaliar a presença do professor Cirne-Lima no contexto da Filosofia nacional significa contar a história dos momentos mais importantes que atravessou um certo debate filosófico a partir dos anos 1960, nascido no Rio Grande do Sul, e que teria, ao longo dos anos, levado a um diálogo de grande profundidade entre filósofos brasileiros, no seu contexto acadêmico, trazendo contribuições importantes da Filosofia clássica alemã. Quem vinha de um tomismo bastante ortodoxo encontraria as tentativas de leitura transcendental, provenientes de centros de debate, sobretudo, da Alemanha. Certamente, esses debates levaram a uma libertação do excesso de ortodoxia, quando Cirne-Lima trouxe ao sul do Brasil um foco de irradiação que iria se encontrar depois com os estudos de Lima Vaz.¹ Logo, a presença de Cirne-

¹ Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A IHU On-Line número 19, de 27 de maio de 2002, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz. A referida edição teve como título *Sábio, humanista e cris-*

Lima seria reforçada pela presença de outros filósofos que vinham discutindo Hegel e as conseqüências de uma tal filosofia para o pensamento filosófico reinante e a teologia. É nesse período que também se iniciaria um debate da relação entre cristianismo e marxismo, o que naturalmente conduzia à busca de questões centrais que podiam ser encontradas em Hegel.

IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições desse filósofo para o avanço nos estudos sobre Hegel?

Ernildo Stein - Cirne-Lima já me era conhecido pela sua obra *A fé pessoal* (Der personale Glaube), que eu vinha traduzindo para o professor Ernani Fiori² como auxílio para a sua tese de professor titular, *Reflexão metafísica e experiência transcendental* (Ernani Fiori lamentavelmente não chegou a apresentar a sua tese de cátedra, cuja defesa estava iminente, por causa da sua exclusão da universidade). Nessa época, a leitura da *Metafísica*, de E. Coreth me revelava, pelas notas refe-

tão. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 9 de maio de 2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin. A revista *Síntese*. Revista de Filosofia, n. 102, jan./abril 2005, p. 5-24, publicou o artigo "Um depoimento sobre o Padre Vaz", de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria Memória. Confira, ainda os seguintes materiais, publicados pela IHU On-Line: a entrevista da semana intitulada "Vaz e a filosofia da natureza", com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06; a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06; os artigos da semana, intitulados "O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental", na edição 185, de 19-06-06, e "Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz", na edição 189, de 31-07-06, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line edição 197, de 25-09-2006 trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*. Nessa edição, confira especialmente as entrevistas com Juarez Guimarães, intitulada "Crise de fundamentos éticos do espaço público", e a entrevista, com Marcelo Perine, "Padre Vaz e o diálogo com a modernidade". Na edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, o reitor da Unisinos, Prof. Dr. Marcelo Aquino, SJ, concedeu a entrevista "Vaz, intérprete de uma civilização arreligiosa". (Nota da IHU On-Line)

2 Ernani Maria Fiori: educador e filósofo brasileiro. A edição número 4 dos *Cadernos IHU Idéias, Uma filosofia da educação popular*, de Gilberto Kronbauer, fala sobre Fiori. (Nota da IHU On-Line)

ridas a Cirne-Lima, no texto, o quanto ele tinha sido importante no diálogo com Coreth. Quando estávamos escrevendo, em diálogo constante, as teses de livre docência para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Cirne-Lima escrevia uma primeira interpretação, profundamente hegeliana, intitulada *A analogia como dialética do realismo*, que revelava uma muito original interpretação de elementos fundamentais de Hegel, postos já num novo contexto. Mas isto seria apenas o começo de um longo empenho nas discussões hegelianas que o filósofo travava, sobretudo com colegas brasileiros e que terminaram progressivamente a chamar a atenção para especialistas em Hegel na Alemanha. Formou-se assim um grupo notável de debates, no qual Cirne-Lima não apenas revelava um conhecimento atualizado das pesquisas de ponta de Hegel, mas era procurado como um intérprete cuja criatividade era cada vez mais visível. Juntamente com Lima Vaz, Manfredo Oliveira,³ Marcelo Aquino⁴ e vários conhecedores de Hegel do exterior, Cirne-Lima terminou liderando o grande aprofundamento do estudo de Hegel no Brasil.

IHU On-Line - Qual é a importância de Cirne-Lima na consolidação e disseminação da Filosofia na década de 1980? Qual é a sua influência na formação dos filósofos das gerações futuras, considerando que ele foi professor de

³ Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com o professor Manfredo de Oliveira. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Marcelo Fernandes de Aquino**: reitor da Unisinos e professor no PPG em Filosofia da universidade. Graduado em Filosofia e em Teologia, é mestre e doutor em Filosofia e mestre em Teologia. É autor de *O conceito de religião em Hegel* (São Paulo: Loyola, 1989). Marcelo Aquino concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line: nas edições 19, de 27-05-2002, sobre a morte de Henrique Cláudio de Lima Vaz, e na edição 75, de 15-09-2003, a respeito do lançamento, pela Editora Unisinos, do *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*, organizado por Monique Canto-Sperber. Também na edição 170, de 6-03-2006, que teve como tema de capa *2006: na corrida de um novo ano*. Na edição 185, de 26-06-2006, abordou o tema "Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa". Suas contribuições mais recentes aconteceram nas edições 217, de 30-04-2007, com a entrevista "Liberdade, necessitarismo e ética em Hegel", e 245, de 26-11-2007, com a entrevista "A religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia". (Nota da IHU On-Line)

muitos intelectuais que hoje atuam nas academias brasileiras?

Ernildo Stein - Quando se iniciaram os cursos de Pós-Graduação no Brasil, o professor Carlos Roberto Cirne-Lima iniciou uma atividade de irradiação através da formação de novos pesquisadores e professores. Naturalmente, há todo um clima de ambiente universitário que foi sustentado por Cirne-Lima através de suas interpretações de Hegel e de seus avanços no desenvolvimento de uma análise de caráter pessoal que o levaria a desenvolver um pensamento próprio. Muitos eventos de Filosofia contaram com a presença desse professor, expandindo-se cada vez mais o estudo de Hegel e a interpretação nova de Cirne-Lima, que iniciava um pensamento próprio que o levaria a refazer todo o caminho platoniano, sobretudo desde Plotino.⁵

IHU On-Line - Quais são suas lembranças da época do exílio? Como vocês passaram por esse momento?

Ernildo Stein - Não sei se a diáspora dos filósofos na época da ditadura pode ser considerada um exílio. Certamente, o ter que abandonar o seu trabalho universitário representava uma mudança brusca para quem fazia da Filosofia o seu foco central de atividade. Quero lembrar apenas o gesto do professor Cirne-Lima que foi cassado por ter-se solidarizado com a primeira turma da Filosofia da UFRGS, expurgada em 1969. Eu já estava com minha mulher e minhas filhas no exterior quando soube da atitude do Cirne-Lima e de colegas, com relação aos atingidos pelo expurgo. Só quem viveu a situação pode avaliar a generosidade e a coragem de um tal gesto.

IHU On-Line - Como você entende o projeto do CD-Rom *Dialética para todos*, no qual a linguagem acessível

⁵ **Plotino** (205-270): filósofo, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas* (enneadi). Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

“Sempre admirei as grandes figuras de pessoas e de pensamento. Certamente, a primeira impressão que tive, quando ouvi Cirne-Lima falar da dialética do senhor e do servo, num momento muito especial, foi a de uma mente brilhante e extraordinariamente lúcida e arrojada””

faz com que a Filosofia seja interpretada com maior facilidade pelo público leigo?

Ernilo Stein - Certamente, a iniciativa desse projeto foi absolutamente original em nosso meio e levou a uma difusão na época, inusitada, não apenas das idéias de Hegel, mas do próprio pensamento de Carlos Roberto Cirne-Lima, também publicado no seu livro, já em várias edições, *Dialética para principiantes*. Não é simples dar a idéia da penetração do debate de Hegel entre as pessoas cultas e não apenas no mundo universitário através dessa iniciativa.

IHU On-Line - A obra mais recente de Cirne-Lima chama-se *Depois de Hegel*, na qual ele se alicerça nos erros e acertos do pensador e desenvolve um pensamento bastante ousado e sólido. Como essa coragem e inovação intelectual de Cirne-Lima servem de inspiração para a comunidade filosófica?

Ernilo Stein - O livro *Depois de Hegel* coloca o filósofo Carlos Roberto Cirne-Lima em lugar muito particular na interpretação de Hegel. Mas a obra não pode ser considerada apenas uma releitura de um filósofo da tradição. Nela, aparece o verdadeiro pensamento de Cirne-Lima, mostrando uma admirável capacidade de abrangência das diversas tendências filosóficas atuais, através das quais ele faz passar o projeto hegeliano, dando-lhe uma novidade inesperada. Mas isso seria dizer pouco, porque, com esta obra, o professor abriu sua visão filosófica extremamente sofisticada e ampla para o diálogo com as ciências, sobretudo

a Biologia e as ciências evolucionárias. Os encontros periódicos com filósofos de várias tendências vindos do Brasil e do exterior fizeram surgir na Unisinos um marco da interdisciplinaridade inspirada no pensamento dialético em seu sentido mais amplo. *Depois de Hegel* representa também o esforço de um pensamento que está em busca de se articular como sistema, no contexto de uma profunda novidade. Mas, para levar Hegel a um diálogo como Cirne-Lima o pretende, era necessário corrigir, sob vários aspectos, questões fundamentais em Hegel. É para isso que ele submeteu a *Lógica* de Hegel a uma severa formalização, utilizando os mais finos recursos da lógica contemporânea. O que emociona, na leitura desse livro, é a percepção de uma busca de totalidade, que harmonicamente se articula, também, com a totalidade do conhecimento científico.

Seria quase redundante afirmar que o conhecimento da filosofia analítica e de seus recursos é levado para além dela mesma numa ampliação em que resulta o mais original diálogo entre filosofia analítica e dialética.

IHU On-Line - Em entrevista à edição 217 da IHU On-Line, Cirne-Lima diz que, hoje, os filósofos estão fazendo História da Filosofia, e quem está fazendo Filosofia, verdadeiramente, são físicos ou biólogos, que têm uma visão de conjunto hoje inexistente na Filosofia. Como o senhor interpreta essa visão de Cirne-Lima em contraposição ao pensamento heideggeriano e à fragmentarização anti-sistema característica da pós-modernidade?

Ernilo Stein - O que tem sido produ-

zido no diálogo com o campo das ciências físicas e evolucionárias nos debates periódicos da Unisinos representa realmente uma novidade surpreendente, mas trata-se de uma experiência que acompanha certos movimentos do pensamento científico. Isto não significa que se possa considerar um tal debate encerrado e mesmo possivelmente substituído por outras propostas. Sobre a questão da “visão de conjunto”, tenho minhas dúvidas com relação às ciências. Pois as ciências desenvolvem um pensamento discursivo do qual a totalidade está excluída por força da própria lógica das ciências. Elas certamente desenvolvem, na linguagem de Putnam,⁶ uma racionalidade 2, que de modo algum é possível sem a pressuposição de uma racionalidade 1, pela qual se garante a totalidade. Em primeiro lugar, é importante dizer que a fenomenologia não persegue uma espécie de pensamento fragmentário. Ela simplesmente se delimita um campo no qual ela explora as condições finitas dentro das quais se pode fazer Filosofia. Ao contrário da pós-modernidade, a fenomenologia hermenêutica, sobretudo na virada hermenêutica contemporânea, busca uma unidade, contra o dualismo, e contra um inaceitável relativismo como o da pós-modernidade. Esta é nada mais do que resultado de múltiplos eventos da cultura contemporânea, e, na Filosofia, pode ser entendida como o resultado de uma leitura equívoca do pensamento de Heidegger.⁷ Deve-se, no entanto, reconhecer que as interpretações que se revelam em certas questões de

⁶ Hilary Whitehall Putnam (1926): filósofo estadunidense que vem sendo uma figura central da filosofia ocidental desde os anos 1960, especialmente em filosofia da mente, filosofia da linguagem e filosofia da ciência. (Nota da IHU On-Line)
⁷ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo “O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo”. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU em formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

Heidegger não se caracterizam como anti-sistemáticas, mas simplesmente se movem num nível que precede qualquer pretensão de sistema, e, nesse nível, a discussão entre Hegel e Heidegger, por exemplo, resulta em produtividade especulativa. Isso quer dizer que, para além da questão do ser em Heidegger, que é uma questão fenomenológica, é possível colocar uma questão do ser que avança para além da fenomenologia, e nela, sem dúvida, se realizam movimentos que nada têm a ver com a dimensão da compreensão do ser da fenomenologia. Em Filosofia, não faz nenhum sentido jogar filósofos com suas teorias em trincheiras opostas. Não é por nada que costumo dizer que Heidegger convida a metafísica ocidental para um ecumenismo, na medida em que recusa qualquer ortodoxia no pensamento filosófico.

IHU On-Line - Que aspectos você destacaria na convivência pessoal e intelectual com Cirne-Lima?

Ernildo Stein - Sempre admirei as grandes figuras de pessoas e de pensamento. Certamente, a primeira impressão que tive, quando ouvi Cirne-Lima falar da dialética do senhor e do servo, num momento muito especial, foi a de uma mente brilhante e extraordinariamente lúcida e arrojada. A convivência com o colega me traz sempre a vivência de uma generosidade rara. Mesmo que em muitos momentos nos movíamos em posições diferentes, filosoficamente, a fineza e a cortesia de Cirne-Lima suscitavam vontade de encontrar na conversa clareza para as questões da Filosofia. A tarefa filosófica pode ter sua grandeza. Mais importante que ela, no entanto, é a certeza da solidariedade e da lealdade, no convívio humano.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Ernildo Stein à IHU On-Line. Acesse nosso site www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *A superação da metafísica e o fim das verdades eternas*, de 14-06-2006.

Cirne-Lima: um esclarecedor do discurso hegeliano

Cirne-Lima representa uma renovação no pensamento filosófico nacional, considera Julio Cabrera

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

Para Julio Cabrera, professor da Universidade de Brasília (UnB), o sistema hegeliano “se ergue sobre seus próprios pés”. Partindo dessa perspectiva, o filósofo argentino argumenta, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line, que a crítica apresentada por Cirne-Lima na obra *Depois de Hegel* “é uma espécie de taquigrafia interna feita com a linguagem da Lógica Moderna do pensamento de Hegel”, o que segundo ele, não constitui “uma formalização do próprio pensamento” hegeliano. Considerando as heranças francesas, o pós-modernismo e a Filosofia fragmentada, Cabrera reitera que a Filosofia de Cirne-Lima passa uma mensagem “contra esse Espírito anti-sistemático”. Entretanto, reconhece, “Carlos Cirne-Lima é bastante corajoso por fazer a Filosofia que ele acha que deve fazer, sem se deixar amedrontar pelo Espírito do tempo”.

Cabrera realizou a graduação e o doutorado em Filosofia na Universidade de Córdoba, na Argentina. No final da década de 1970, atuou como professor do curso de mestrado em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). De suas obras, destacamos *Margens das filosofias da linguagem* (Brasília: UnB, 2003).

IHU On-Line - O senhor disse, durante o Colóquio Depois de Hegel, que a formalização de Cirne-Lima não é satisfatória e ele mesmo concordou. Em que o senhor baseia essa posição?

Julio Cabrera - Critiquei na verdade a atitude de Cirne-Lima de querer justificar o pensamento dialético hegeliano diante da lógica moderna. Defendi a idéia de que o sistema de Hegel se ergue sobre seus próprios pés sem precisar dessa legitimação diante dos lógicos. Então, Hegel é autor de uma lógica reflexiva. A minha crítica fundamental foi de que a crítica que Cirne-Lima apresenta no livro *Depois de Hegel* é uma espécie de taquigrafia interna feita com a linguagem da lógica moderna do pensamento de Hegel, mas não constitui uma formalização do próprio pensamento de Hegel. Fiquei muito feliz que o próprio Cirne-Lima, durante o debate, reconheceu que as formalizações lógico-formais eram fracas no sentido de que não refletiam o pensamento hegeliano. Porém, isso não era uma crítica contra o trabalho dele ou contra a atitude de querer justificar o pensamento de Hegel diante dos lógicos.

“Fique muito feliz que o próprio Cirne-Lima, durante o debate, reconheceu que as formalizações lógico-formais eram fracas no sentido de que não refletiam o pensamento hegeliano”

IHU On-Line - Que tipo de filosofar Cirne-Lima ajudou a construir nas universidades brasileiras? Como seu trabalho é visto no restante do Brasil?

Julio Cabrera - Infelizmente, Cirne-Lima é um filósofo, dos muitos que existem no Brasil, que são lamentavelmente pouco reconhecidos pelos seus próprios pares dentro do país. É provável que muitos filósofos brasileiros tenham mais reconhecimento em outros países do que aqui. Precisamos reverter essa situação. Nesse sentido, considero esse evento sobre o pensamento de Cirne-Lima um ato político, no sentido de que, pela primeira vez, os intelectuais brasileiros se reúnem para discutir as idéias de um filósofo brasileiro, ao invés de debater as idéias de Habermas, Kant, por exemplo. Eu disse, inclusive, que nem é um evento sobre Hegel, e sim sobre o Hegel de Cirne-Lima, ou seja, é uma leitura muito particular.

Carlos Cirne-Lima está de alguma maneira na ponta dessa reivindicação do pensamento nacional, como também a Unisinos que fez possível esse encontro. Entretanto, Cirne-Lima ainda não tem a repercussão nacional que deveria ter. Por isso, a mentalidade das novas gerações de filósofos deve mudar sua mentalidade para que essa situação seja sanada. Os filósofos brasileiros precisam se acostumar a falar em primeira pessoa. Isso Carlos Cirne-Lima faz. Ele não escreve um livro sobre Hegel, mas sobre suas idéias referentes ao filósofo. É necessário quebrar esse tabu e a timidez intelectual dos latino-americanos. As discordâncias de idéias não importam. O fundamental é essa atitude renovadora do pensamento nacional.

IHU On-Line - Como a visão de Cirne-Lima, de que a vida é um sistema dinâmico em funcionamento, pode oferecer ao sujeito contemporâneo o exercício pleno de sua autonomia?

Julio Cabrera - Nesse ponto, existe um problema que gerou muita discussão no simpósio. Contemporaneamente falando, o tipo de empreitada que Cirne-Lima quer fazer vai muito contra a corrente da Filosofia contemporânea. Por que digo isso? Porque Hegel era um filósofo que queria construir um sistema da totalidade da vida humana e do pensamento. Atualmente, nessa época de pós-modernismo, de Filosofia fragmentada, toda essa herança de Nietzsche, com o pós-modernismo francês, ficou um pouco na contramão esse tipo de empreitada. Por isso, penso que Carlos Cirne-Lima é bastante corajoso por fazer a Filosofia que ele acha que deve fazer, sem se deixar

“Cirne-Lima ainda não tem a repercussão nacional que deveria ter”

“Cirne-Lima pode ser celebrado como um pensador que deu uma inteligibilidade muito grande à Lógica de Hegel”

amedrontar pelo espírito do tempo, da época. Então, se há uma mensagem que a filosofia de Cirne-Lima passa para a contemporaneidade, curiosamente é uma mensagem contra esse espírito anti-sistemático. Isso tornará mais difícil talvez a aceitação, a recepção e o reconhecimento de suas idéias. Mas entendo que vale a pena porque é um ato de coragem ele passar essa mensagem para a contemporaneidade.

IHU On-Line - Como a obra de Cirne-Lima nos ajuda a compreender a Lógica e torná-la mais clara?

Julio Cabrera - Cirne-Lima pode ser celebrado como um pensador que deu uma inteligibilidade muito grande à Lógica de Hegel. Ou seja, depois do livro *Depois de Hegel*, a leitura da Ciência da Lógica de Hegel se tornou não digo fácil, porque nunca é simples, mas mais acessível, possível, transparente do que antes. No que se refere à lógica formal, que não é a lógica de Hegel, ficaram mais claras as relações entre dialética e analítica. Sem dúvida, sua contribuição é muito importante em primeiro lugar para esclarecer o discurso de Hegel, que é muito difícil, para iniciantes, sobretudo. Em segundo lugar, para se situar diante da hegemonia da atual lógica formal.

Contribuições de Cirne-Lima: a necessidade de princípios éticos universais

Para Thadeu Weber, o professor Cirne-Lima é, além de toda a sua obra e atividade acadêmica, um exemplo de pessoa com uma conduta eticamente correta

POR MOISÉS SBARDELOTTO E PATRICIA FACHIN

“Sempre vi nele uma espécie de modelo de pessoa com princípios claros, firmes, e muito coerente na sua conduta e na defesa de seus princípios”, afirma Thadeu Weber. Conhecido pelos estudos que realizou sobre a obra de Hegel, Cirne-Lima o ultrapassou, considera o pesquisador. “Na medida em que Cirne-Lima faz uma formalização da lógica, ele indiscutivelmente ultrapassa Hegel. É um diálogo que ele estabelece com a filosofia analítica. E isso Hegel não fez. Com isso, evidentemente Cirne-Lima supera e avança enormemente a filosofia hegeliana”, enfatiza em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**.

Weber considera Cirne-Lima como um “professor enciclopédico”. “Para você poder estabelecer relações entre as tendências do pensamento filosófico moderno e contemporâneo, é preciso efetivamente conhecer as tendências. E o professor Cirne-Lima conhece isso”, explica. “E a grande característica dele, nas suas conferências, nos seus escritos, é mostrar essa apropriação dessas grandes correntes e discorrer sobre elas com o distanciamento e a postura crítica devidos”. Para Weber, Cirne-Lima conhece profundamente Filosofia e é capaz de dialogar com as demais ciências, criando um pensamento próprio. “Isso é decisivo para quem quer ser um grande intelectual hoje”, resume.

Weber possui graduação em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, de Viamão-RS, mestrado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e doutorado em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é docente da PUCRS.

IHU On-Line - De que maneira a produção intelectual de Cirne-Lima apresenta uma visão reatualizada do pensamento dialético no Brasil?

Thadeu Weber - Primeiramente, o professor Cirne-Lima fez uma correção do próprio conceito de dialética a partir de Hegel. Ou seja, a grande polêmica e discussão que se faz em torno desse autor, do qual Cirne-Lima sempre foi um especialista, se refere à dialética. E sempre foi possível fazer uma espécie de dupla leitura dessa dialética: por um lado, uma leitura mais necessitarista, em uma

espécie de determinismo; por outro lado, uma leitura que se poderia chamar mais libertária, por um viés da contingência, e assim por diante. Hegel, por exemplo, foi sempre muito lido no Brasil como um autor de um viés determinista, necessitarista, no sentido de que as liberdades individuais dos cidadãos vão gradualmente desaparecendo dentro do Estado. O que Cirne-Lima faz e insiste na sua discussão sobre dialética, nos seus textos — e isso contribuiu muito —, é mostrar que o sistema hegeliano, pelo menos, deveria ser corrigido ou

então lido sob um outro viés, ao qual ele dá o nome de leitura libertária, que tenta preservar a liberdade. Ele tenta corrigir um pouco o conceito de dialética. Em outras palavras, a síntese - entre tese e antítese - deveria contemplar necessidade e contingência nas iguais proporções. Porque se houver mais tese na síntese existe um viés. Se houver mais antítese, temos um outro tipo de leitura. Então, Cirne-Lima insiste na idéia de que a síntese entre necessidade e contingência deve contemplar igualmente necessidade e contingência. Com isso, se es-

taria relendo a dialética e mostrando que o conceito de liberdade continua preservado. E se pode, efetivamente, repensar o sistema hegeliano a partir dessa correção fundamental. É o que Cirne-Lima chama de um “dever-ser” fraco na síntese, ou também chamado de negação da negação. Isso foi muito discutido por seus alunos, por seus discípulos, seus orientandos – e eu tive o prazer de ser o primeiro doutorando orientado por Cirne-Lima na UFRGS.

Acredito que Cirne-Lima tenha uma concepção decisiva, no sentido de salvar a liberdade dentro do sistema dialético, hegeliano, que é um sistema corrigido. Eu, pessoalmente, acho que Hegel permite essa leitura. E Cirne-Lima avançou muito no sentido de mostrar que, se nós não garantirmos tese e antítese, ou, então, necessidade e contingência na síntese, não teremos um Estado que garanta a liberdade do cidadão, ou seja, os cidadãos não estariam protegidos em seus direitos fundamentais e, por conseqüência, poderiam cair num Estado Autoritário. Essa correção, uma espécie de releitura dialética, contribuiu muito para uma leitura mais simpática de Hegel, de vê-lo como sistema aberto, e de perceber a dialética como um sistema aberto, o que é decisivo.

IHU On-Line - Quais foram as contribuições de Cirne-Lima na solidificação do curso de Filosofia da PUCRS e da UFRGS? E qual é a sua ajuda para a dispersão dos debates filosóficos no Estado?

Thadeu Weber - O professor Cirne-Lima ficou mais tempo na UFRGS. Eu fui seu aluno e me parece que a própria criação do doutorado deve muito a esses grandes professores. Cirne-Lima foi um deles, no sentido de todos, efetivamente, terem uma produção intelectual decisiva de repercussão nacional. E Cirne-Lima sempre foi considerado na UFRGS, depois na PUCRS, como um dos grandes nomes para fortalecer, através da sua produção, das palestras, a divulgação do pensamento dialético, do pensamento político. Isso representa, hoje, uma contribuição indiscutível sua, no

sentido de criar novos discípulos, que continuam esse debate inaugurado por ele nos cursos de pós-graduação. O debate filosófico, no Estado do Rio Grande do Sul, efetivamente se realizou e passou a se realizar cada vez mais nos cursos de pós-graduação. Quando, por exemplo, a PUCRS contratou o professor Cirne-Lima, ele deu um novo impulso ao curso de Filosofia, com todas as dificuldades que às vezes acompanham um curso de pós-graduação. E, com isso, a Filosofia e o pensamento filosófico no Rio Grande do Sul criaram um impulso muito forte.

“O que Cirne-Lima faz é mostrar que o sistema hegeliano deveria ser lido sob um outro viés, isto é, sob um viés do que ele chama de leitura libertária”

IHU On-Line - Como o senhor percebe a capacidade e a preocupação de Cirne-Lima em estabelecer relações entre as correntes filosóficas e, a partir disso, responder a questões vitais da humanidade?

Thadeu Weber - O professor Cirne-Lima tem a grande qualidade de ser um professor enciclopédico. Ele conhece as grandes correntes da Filosofia, o que já é uma tarefa enorme. Para você poder estabelecer relações entre as tendências do pensamento filosófico moderno, contemporâneo, é preciso efetivamente conhecê-las. E o professor Cirne-Lima as conhe-

ce. A grande característica dele, nas suas conferências, nos seus escritos, é mostrar essa apropriação das grandes correntes e discorrer sobre elas com o distanciamento e com a postura crítica devidos. E me parece que essa é, realmente, a característica de alguém que conhece profundamente Filosofia e que conhece outras ciências também. Ele conseguiu dialogar com outras áreas. Ele conseguiu fazer uma inter-relação entre as próprias tendências do pensamento filosófico, e criar um distanciamento e um pensamento próprio, o que é decisivo para quem quer ser um grande intelectual hoje.

IHU On-Line - Qual é a sua percepção sobre as críticas de Cirne-Lima ao sistema hegeliano?

Thadeu Weber - Essa é uma questão que nós discutimos muito como filósofos, como alunos, e continuamos debatendo com os nossos orientandos agora. Parece-me que o professor Cirne-Lima tem uma pretensão de fazer uma correção no sistema hegeliano. A meu ver, hoje, Hegel permite essa leitura. Cirne-Lima afirma que o sistema hegeliano deve ser lido como um “dever-ser”, por exemplo. A sua crítica fundamental é afirmar que Hegel tem a tendência necessitarista e precisa ser corrigido. A crítica de Cirne-Lima é, no entanto, mais uma explicitação do sistema hegeliano do que propriamente uma crítica. A tese dele consiste em mostrar que a liberdade é possível e necessária em um sistema político, que ela é possível dentro do sistema hegeliano. É uma explicitação extremamente importante, sem dúvida, dada a complexidade desse sistema mencionado. Existem ambigüidades na Filosofia hegeliana, e, na medida em que Cirne-Lima esclarece essas ambigüidades – que, de alguma forma, ele chama de correções, mas que eu, pessoalmente, considero explicitações –, isso é uma grande contribuição sua, indiscutivelmente, ao pensamento hegeliano.

IHU On-Line - Embora seja discípulo de Hegel, Cirne-Lima tenta superá-lo. Na sua última obra *Depois de Hegel*, o filósofo brasileiro consegue exceder os ensinamentos hegelianos?

Thadeu Weber - Acredito que sim. Na medida em que Cirne-Lima faz uma formalização da lógica, ele indiscutivelmente ultrapassa Hegel. É um diálogo que Cirne-Lima estabelece com a Filosofia analítica. E isso Hegel não fez. Com isso, evidentemente Cirne-Lima supera e avança enormemente a Filosofia hegeliana.

IHU On-Line - Cirne-Lima defende a tese de que o universo tem uma memória cósmica e diz que a Ciência abrirá caminho para vivermos em um mundo mais habitável. Como o senhor percebe essa ponderação? Como as teorias de Cirne-Lima nos ajudam a compreender o mundo contemporâneo?

Thadeu Weber - É uma questão bastante complexa, sob um aspecto pelo menos. A contribuição de Cirne-Lima é decisiva. Na medida em que ele quer provar, hoje, essa visão, essa idéia de um sistema onibrangente, ele preserva algumas características fundamentais de um sistema político. Ou seja, como hoje podemos salvar princípios éticos universalíssimos? Isso é uma necessidade que se impõe cada vez mais, até pelas questões de meio ambiente, de relacionamento internacional, e assim por diante. O conceito de liberdade política, por exemplo, é decisivo. Na medida em que Cirne-Lima discute a idéia do “dever-ser” — que é uma espécie do que deveria ser para poder criticar o que é —, ou seja, de que nós precisamos de princípios éticos universalíssimos, capazes de dar a orientação geral para os grandes temas hoje que envolvem as leis do universo, as relações entre as pessoas, tudo isso é decisivo para que se possa ter uma vida mais digna, mais salutar. E, para isso, nós precisamos desses princípios que orientam a nossa conduta efetivamente. Isso é decisivo na contribuição que o professor Cirne-Lima deu para nós, alunos, e que vamos continuar, certamente, a defender para o futuro. Pessoalmente, defendendo isso nas minhas aulas e aprendi isso dele, sobretudo.

IHU On-Line - Como as reflexões de Cirne-Lima contribuem para repen-

“Na medida em que Cirne-Lima faz uma formalização da lógica, ele indiscutivelmente ultrapassa Hegel. É um diálogo que Cirne-Lima estabelece com a Filosofia analítica. E isso Hegel não fez”

sar a ética da sociedade contemporânea, o sentido das leis e o conceito de justiça?

Thadeu Weber - Grandes autores que discutem o tema da justiça — por exemplo, John Rawls,¹ Durkheim² e outros — procuram fundamentar o seu princípio, por exemplo, com princípios políticos. Acho que a discussão que Cirne-Lima levanta nos coloca esse problema. Como pensar um mundo mais justo em termos de princípios universais? A noção do “dever-ser”, de repensar a ética, tem em vista propor ou discutir princípios que possam orientar não só éticas regionais, mas também princípios éticos universais. Indiscutivelmente, um dos princípios ético-políticos fundamentais, hoje, é o de justiça, que precisamos repensar, certamente, respeitando as peculiaridades dos povos. Uma discussão que Cirne-Lima sugere muitas vezes

1 John Rawls (1921-2002): filósofo, foi professor de Filosofia Política na Universidade de Harvard. É autor de *Uma teoria da justiça* (São Paulo: Martins Fontes, 1997), *Liberalismo político* (São Paulo: Ática, 2000) e *O direito dos povos* (Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001). A IHU On-Line número 45, de 2 de dezembro de 2002, dedicou sua matéria de capa a John Rawls, sob o título *John Rawls: o filósofo da justiça*. Confira, ainda, o 1º número dos *Cadernos IHU Idéias*, intitulado *A teoria da justiça de John Rawls*, de José Nedel. (Nota da IHU On-Line)

2 David Émile Durkheim (1858-1917): conhecido como um dos fundadores da sociologia moderna. Foi também, em 1895, o fundador do primeiro departamento de sociologia de uma universidade europeia e, em 1896, o fundador de um dos primeiros jornais dedicados à ciência social, intitulado *L'Année Sociologique*. (Nota da IHU On-Line)

é: como se vai respeitar o espírito dos povos, as identidades dos povos, e como se vai propor em cima disso um princípio de justiça universalíssimo que possa servir de orientação para toda essa diversidade? Trata-se, hoje, de um grande desafio. Como pensar o princípio de justiça capaz, de alguma forma, de fazer dialogar as pessoas que têm convicções morais, religiosas e políticas divergentes? Como respeitar essa identidade em meio ao princípio de justiça universal? A nova fundamentação da ética hoje é decisiva para que se possa falar em um pluralismo razoável, defendendo-se, ao mesmo tempo, a concepção de justiça. Como a concepção de justiça vai conviver com esse pluralismo razoável? Eis o grande desafio. E a posição do professor Cirne-Lima contribui muito para tal caminho. Eu convivi com o ele desde 1988, 1989, quando entrei no doutorado da UFRGS. E sempre vi nele uma espécie de modelo de pessoa eticamente correta, de princípios claros, firmes, e muito coerente na sua conduta e na defesa de seus princípios, o que fez com que ele fosse uma pessoa muito admirada por seus alunos. Esta é uma dívida que eu certamente tenho com ele nessa convivência de longos anos. E, sobretudo, aprendi, efetivamente, a estudar com ele, a aprofundar os estudos. Ele foi um grande incentivador e, além do mais, um exemplo de pessoa com uma conduta eticamente correta.

Do professor ao filósofo: uma construção sólida

Para Jayme Paviani, a peculiaridade de Cirne-Lima reside na sua capacidade de reatualizar a Filosofia, tornando-a “um sistema vivo de pensamento”

POR PATRÍCIA FACHIN

“**D**ebate filosófico verdadeiro e não uma mera troca de idéias gerais.” É assim que Jayme Paviani, professor da Universidade de Caxias do Sul, define as discussões filosóficas propostas por Cirne-Lima ao longo de sua carreira. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador afirma que Cirne-Lima apresentou um novo modo de ler Hegel, indo além das teorias do filósofo alemão. E acrescenta: “Isso é de fundamental importância como lição filosófica, especialmente quando a maioria dos estudiosos tende a permanecer fiel aos textos estudados”.

Paviani é graduado em Filosofia e em Ciências Jurídicas, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), mestre e doutor em Lingüística e Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Filosofia, pela Università degli Studi di Padova, Itália.

IHU On-Line - Como situar a Filosofia de Cirne-Lima no contexto do pensamento contemporâneo?

Jayme Paviani - A Filosofia de Cirne-Lima efetiva a continuidade do pensamento filosófico na história. Repensa criticamente a tradição com o objetivo de reatualizar a Filosofia, de torná-la um sistema vivo de pensamento e não apenas sistematização teórica. Embora possa ser qualificada como um neoplatonismo em termos gerais, ela não se filia a nenhuma escola ou tendência acadêmica. Cirne-Lima é um dos poucos professores de Filosofia que, em relação aos grandes textos de sua área, pode ser considerado um filósofo e não um comentarista.

IHU On-Line - O senhor trabalhou durante alguns anos com o professor Cirne-Lima na PUCRS. O que destacaria desse momento? Como ele contribuiu para reestruturação do curso de Filosofia da Universidade?

Jayme Paviani - Para mim, foi um privilégio e uma honra ser colega do professor Cirne-Lima. Destaco sua conduta ética, o rigor e a honestidade de pensamento. Sua presença no corpo docente do PPG em Filosofia da PUC-RS contribuiu, ao lado de outros colegas, para a qualificação dos cursos de mestrado e de doutorado, especialmente para sua inserção nacional e internacional. Comungo totalmente com a visão aberta e flexível que o professor Cirne-Lima tem da organização curricular filosófica.

IHU ON-Line - Qual é a importância do Grupo de Pesquisas Integradas Dialética - Diretório de Grupos de Pesquisa, criado por Cirne-Lima? De que maneira esses estudos contribuiriam para a discussão da Filosofia brasileira e gaúcha?

Jayme Paviani - O Grupo de Pesquisas Integradas Dialética, como o título diz, reuniu e reúne pesquisado-

res que, embora autônomos em suas investigações pessoais, têm como objetivo comum repensar com instrumentos conceituais contemporâneos questões filosóficas fundamentais. O termo dialética não fecha a Filosofia, ao contrário: a dialética é vista tendo presente a totalidade do pensamento filosófico. A liderança do professor Cirne-Lima, ao criar e ao liderar o Grupo, é algo que somente com o passar do tempo terá sua contribuição devidamente dimensionada. Hoje, as contribuições do Grupo manifestam-se nas atividades dos docentes dos professores que dele participam, mas tendem a se aprofundar e prolongar especialmente nos inúmeros textos já produzidos.

IHU On-Line - Com a elaboração do CD-Rom *Dialética para todos*, Cirne-Lima disse que estava desenvolvendo o projeto que tinha como objetivo ensinar Filosofia até mesmo

“Cirne-Lima é um dos poucos professores de Filosofia que, em relação aos grandes textos de sua área, pode ser considerado um filósofo e não um comentarista”

“Na coragem, na inovação intelectual, está a salvação da Filosofia”

“A obra de Cirne-Lima é uma obra bem escrita, de leitura acessível e agradável e, ao mesmo tempo, profunda. Entrecruzam-se nela grandes coordenadas. É perpassada pelo pensamento dialético do todo, das oposições e das mediações”

às crianças. Como o senhor percebe essa preocupação do filósofo em disseminar discussões filosóficas para um público leigo?

Jayme Paviani - Percebo como um trabalho notável, como um trabalho coerente. Cirne-Lima deseja ensinar Filosofia até às crianças, pois, na realidade, dirige-se a todas as idades. Todos, e cada um ao seu modo, somos principiantes. O CD-Rom *Dialética para todos* é uma mostra coerente do modo de ser do professor Cirne-Lima, com os pés firmes, na história e em seu tempo. Reatualiza, no seu agir e fazer a Filosofia e o filosofar. A tradição filosófica é posta até em termos tecnológicos à disposição do homem e da sociedade contemporâneos. Se, de um lado, a Filosofia pode estar morrendo aprisionada nas armadilhas acadêmicas das disciplinas filosóficas dos currículos fechados, de outro lado, a Filosofia pode estar despontando como necessidade natural em todos os lugares. O retorno da Filosofia às praças é urgente. Cirne-Lima percebeu isso com nitidez, daí sua iniciativa de encontrar caminhos e instrumentos para disseminar os debates filosóficos para o público em geral. Debate filosófico verdadeiro e não uma mera troca de idéias gerais. Ou seja, um debate fundamentado, com espinha dorsal e não apenas troca de opiniões.

IHU On-Line - Cirne-Lima tem se dedicado aos estudos dos sistemas neoplatônicos, em especial ao sistema de Hegel, desde a década de 1960. Como o senhor percebe o desenvolvimento de sua pesquisa e qual sua importância? Que mudanças são perceptíveis no seu discurso ao longo da caminhada?

Jayme Paviani - Cirne-Lima sempre se dedicou aos estudos neoplatônicos e ao sistema de Hegel, mas não como quem serve ou se torna especialista num autor ou sistema filosófico. Seu discurso foi adquirindo cada vez mais autonomia de pensamento. Percebe-se, ao longo da caminhada, o professor que se torna filósofo. Ele mostra uma nova maneira de ler Hegel. Não pára em Hegel, fala “depois” de Hegel. E isso é de fundamental

importância como lição filosófica, especialmente quando a maioria dos estudiosos tende a permanecer fiel aos textos estudados. A Filosofia realizada não exige nenhuma fidelidade. O filosofar, esse sim, requer fidelidade e coerência.

IHU On-Line - A obra mais recente de Cirne-Lima chama-se *Depois de Hegel*, na qual ela se alicerça nos erros e acertos do pensador e desenvolve um pensamento bastante ousado e sólido. Como essa coragem e inovação intelectual de Cirne-Lima servem de inspiração para a comunidade filosófica?

Jayme Paviani - Esta pergunta é, entre todas, a mais importante para mostrar a figura do filósofo Cirne-Lima. Na coragem, na inovação intelectual, está a salvação da Filosofia. De um modo geral, o que se encontra nas repetições, nas eternas paráfrases dos artigos acadêmicos, é uma erudição filosófica, porém pouca Filosofia. Devido a certas circunstâncias, que não é o caso de examiná-las aqui, o receio de inovar torna-se o receio de filosofar. Não importa que Cirne-Lima seja criticado por alguns que não concordem com suas intervenções inovadoras, o importante está no pensar as questões. Nesse aspecto, Cirne-Lima é um modelo.

IHU On-Line - Tendo em vista a obra de Cirne-Lima como um todo, que aspectos deveriam ser particularmente destacados quando pensamos em possíveis desdobramentos e aprofundamentos futuros pelas próximas gerações?

Jayme Paviani - A obra de Cirne-Lima é uma obra bem escrita, de leitura acessível e agradável e, ao mesmo tempo, profunda. Entrecruzam-se nela grandes coordenadas. É perpassada pelo pensamento dialético do todo, das oposições e das mediações. Nela, palavras-chave como sistema, auto-organização, história etc. tendem a merecer cada vez mais desdobramentos e aprofundamentos. O filósofo somente se realiza na medida em que seu pensamento é desdobrado por outro. Os grandes filósofos estão presentes nas épocas de passagem, por isso, mesmo depois de ultrapassados, continuam vivos na história da humanidade.

“A filosofia transborda em Cirne-Lima”

Inácio Helder destaca a contribuição de Cirne-Lima na estruturação das linhas de pesquisas, no planejamento de disciplinas e no debate sobre as prioridades do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“É difícil separar o filósofo da pessoa, no caso do Cirne-Lima, pois seu papel social e pessoal está imbricado”, considera Inácio Helder, professor da Unisinos, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Colega de Cirne-Lima, Helder avalia sua produção intelectual e destaca sua última publicação, *Depois de Hegel*, na qual, segundo ele, o autor demonstra a importância de ir além de Hegel e pensar por conta própria. “Isso não significa ler Hegel de uma forma superficial, mas, sim, de um modo aprofundado e, partindo das questões candentes no pensamento atual, buscar as respostas”, considera.

Helder é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição, de Viamão-RS, mestre em Filosofia, pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor na mesma área, pela Université Paris I.

IHU On-Line - Com todas as discussões e releituras sobre Hegel, podemos dizer que Cirne-Lima elaborou um novo sistema filosófico? Qual é a sua percepção?

Inácio Helder - Sim. Há uma marca registrada na sua proposta de sistema. Ele é regido pelo princípio da identidade e se desdobra em três partes: identidade, diferença e coerência. Ele soube articular de forma correta a relação destes termos.

IHU On-Line - Quais são as grandes contribuições de Cirne-Lima na consolidação do curso de Filosofia da Unisinos e, também, na pós-graduação?

Inácio Helder - Suas contribuições se deram na reflexão sobre a estruturação das linhas de pesquisa, no planejamento de disciplinas e no debate sobre as prioridades a serem enfocadas do programa de pós-graduação em Filosofia. Creio que elas foram importantes também na avaliação das fichas de avaliação da Capes, quando o desafio era ler nas entrelinhas dos avaliadores

quais os pontos falhos e por onde deveríamos nos dirigir para fortalecer o PPG em Filosofia, que hoje, num curto espaço de tempo, iniciado em 2000, já oferece os cursos de mestrado e doutorado em Filosofia. Sua contribuição mais significativa, contudo, se deu na produção filosófica, seja em sala de aula, com alunos, orientandos e mesmo colegas professores, seja na publicação de artigos e livros de Filosofia.

IHU On-Line - O que a universidade perde com a sua saída do corpo docente? Que vínculos ainda serão mantidos?

Inácio Helder - Perde o maior intelectual da área da Filosofia. Contudo, por continuar a manter o vínculo, através do título de professor emérito, guardamos a expectativa desenvolver cursos de curta duração e palestras.

IHU On-Line - Pessoalmente, como a figura de Cirne-Lima o influenciou e incentivou no estudo de Hegel?

Inácio Helder - Demonstrando a importância de ir além de Hegel e pensar

por conta própria. Isso não significa ler Hegel de uma forma superficial, mas, sim, de um modo aprofundado e, partindo das questões candentes no pensamento atual, buscar as respostas. Ele me influenciou também no ensinamento de que a Filosofia deve ser feita de uma forma clara. De pouco adianta o discurso filosófico das questões mais difíceis se não souber resumi-las em poucas palavras e de uma forma clara. A clareza deve ser uma marca registrada do bom discurso filosófico.

IHU On-Line - Qual é a grande contribuição de Cirne-Lima para os estudos desse pensador no contexto gaúcho, brasileiro e internacional?

Inácio Helder - A formulação de uma crítica respeitosa ao pensamento de Hegel com a perspectiva de formular um sistema filosófico neoplatônico, na esteira do pensamento de Hegel. Cirne-Lima não visava destruir Hegel; ele sempre mostrava os erros, as falhas de Hegel e propunha sua correção. A admiração e o reconhecimento do pensamento de Hegel é a marca registrada de Cirne-Lima.

“Contra o papel daqueles pensadores que se dizem filósofos por abordarem o

pensamento à luz da história da Filosofia, Cirne-Lima buscava questões e propunha respostas. Por isso, ele é um verdadeiro filósofo”

IHU On-Line - Como caracterizaria o filósofo Cirne-Lima e a pessoa Cirne-Lima?

Inácio Helfer - Como filósofo – e, confesso, é difícil separar o filósofo da pessoa, no caso do Cirne-Lima –, pois seu papel social e pessoal está imbricado. A filosofia transborda no Cirne-Lima. É tamanha esta paixão e seu entusiasmo, que eles andam juntos. Conforme penso, o filósofo é aquele que formula uma questão ou que encontra uma questão aberta e se dedica para formular uma resposta, a mais verdadeira do ponto de vista filosófico. Contra o papel daqueles pensadores que se dizem filósofos por abordarem o pensamento à luz da história da Filosofia, Cirne-Lima buscava questões e propunha respostas. Por isso, ele é um verdadeiro filósofo.

Uma pessoa extremamente gentil, acessível, simples, despojada e compreensiva. Quanto a este último aspecto, chama a minha atenção que, no debate filosófico, nunca o Cirne-Lima desconsiderou uma questão/observação formulada pelo seu interlocutor. Atenciosamente, respondia e, se a pergunta não tivesse sido bem formulada, normalmente devido ao desconhecimento do interlocutor, solicitava a reformulação da indagação e respondia, com respeito e cuidado. A perspectiva levinasiana da escuta e da fala interessada sempre foi uma marca forte do Cirne-Lima.

Carlos Roberto Velho Cirne-Lima

POR ÁLVARO LUIZ MONTENEGRO VALLS*

Há uns quarenta anos, perguntei ao meu amigo e professor Francisco Taborda¹ SJ quem era o Cirne-Lima. Ele então me resumiu mais ou menos assim: “Brilhou no noviciado, brilhou no juniorado, brilhou na filosofia, brilhou no magistério, brilhou na teologia, brilhou na Alemanha, brilhou na Áustria...”. Um currículo impressionante, para alguém com trinta e poucos anos! A idéia que tirei dessa conversa foi a de que Cirne-Lima (tal como seu amigo Puntel²) representava uma das melhores cabeças que os jesuítas do Sul do Brasil haviam ajudado a formar, em muitas décadas.

No começo dos anos 1980, conheci-o então pessoalmente, depois de ter ouvido contar, por outras fontes, que ele era um brilhante administrador de empresas, tanto no ramo da celulose quanto no ramo bancário ou no imobiliário. Soube depois que um de seus orientadores exigira que ele estivesse capacitado profissionalmente para a eventualidade de um dia vir a ser casado. Santo conselho! Ou profecia? Cirne-Lima repetiu muitas vezes o seu bordão: “Quando a revolução me obrigou a ficar rico...”.

Conheci Cirne-Lima no Departamento de Filosofia da UFRGS, quando Valério Rohden³ conseguiu

“Cirne-Lima representava uma das melhores cabeças que os jesuítas do sul do Brasil haviam ajudado a formar, em muitas décadas”

o retorno dos cassados: Fiori, Cirne-Lima, Stein⁴ e João Carlos. Após a cerimônia da reintegração, dei carona ao professor Fiori, que comentou comigo: “O Carlos Roberto, sempre generoso, esqueceu de dizer que no antigo Departamento de Filosofia nem todos foram cassados porque vários cassavam”.

Eu, recém-doutor, por ter tempo e condições de criar o mestrado, aceitei o convite de Valério para ser chefe do Departamento. Que responsabilidade, ser chefe daquela turma! Mas, no que tocava ao Cirne-Lima, quanto prazer na tarefa! Chamei-o uma vez e conversamos: “Nosso curso foi mandado para o Campus do Vale e transferi-

tivas do filósofo de Königsberg: a *Crítica da razão pura* (São Paulo: Abril Cultural, 1981), a *Crítica da faculdade do juízo* (Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993) e a *Crítica da razão prática* (São Paulo: Martins Fontes, 2002, edição bilingüe 2003). Escreveu, entre outros, *Interesse da Razão e Liberdade* (São Paulo: Ática, 1981). Na edição número 93 da IHU On-Line, intitulada *Kant: razão, liberdade e ética*, de 22-03-2004, Rohden concedeu a entrevista “Uma ética motivada pelo desejo de realização da humanidade”. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em Formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*. (Nota da IHU On-Line)

4 Confira, nesta edição, uma entrevista exclusiva com o professor Ernildo Stein. (Nota da IHU On-Line)

1 Francisco Taborda: professor de teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE – de Belo Horizonte. Autor, entre outros livros, de *Nas fontes da vida cristã. Uma teologia do batismo-crisma* (São Paulo: Edições Loyola, 2001) e *Matrimônio - Aliança - Reino. Para uma teologia do matrimônio como sacramento* (2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005). (Nota da IHU On-Line)

2 Lorenz Bruno Puntel: filósofo brasileiro radicado na Alemanha, professor em Munique. (Nota da IHU On-Line)

3 Valério Rohden: professor de Filosofia na Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) e presidente da Sociedade Kant Brasileira. Graças ao seu trabalho, Kant pode ser lido em português, já que traduziu as três crí-

“Carlos Roberto é dos últimos representantes da mais bela ‘aristocracia gaúcha’, que defino como uma combinação de meritocracia com boa educação”

do do período da noite para o da tarde: querem acabar com a Filosofia; preciso de ti na Introdução à Filosofia!”. E lá se foi o nosso professor, que encantara os europeus com a tese *Der personale Glaube*, seduzir os nossos jovens para o charme da filosofia. Não sei se foi nesta época que teve um enfarto, mas me lembro dele, com microfone e amplificador, dando aula para mais de cem estudantes, incansável, ele mesmo encantado com o labor filosófico. Mais adiante, quando o alunado já havia crescido bastante, combinei “promovê-lo” ao terceiro ano: “Agora, Cirne-Lima, quem quiser assistir tuas aulas terá de vencer antes dois anos do curso...”. E lá se foi ele, alegre e parceiro da estratégia, sempre com a mente voltada para sua paixão: o ensino e a pesquisa.

Formei dele minha definição: Carlos Roberto é dos últimos representantes da mais bela “aristocracia gaúcha”, que defino como uma combinação de meritocracia com boa educação. Meritocracia: trata-se, queiramos ou não, de uma elite, de mentes privilegiadas, que merecem muito mais do que recebem, que se doam muito mais do que manda a obrigação. E isso junto à esmerada educação, no duplo sentido: intelectual e social. Cirne-Lima sempre mostrou, singela e despretensiosamente, que se movia com a maior facilidade tanto pelo alemão e o inglês quanto pelo grego e o latim (uma brincadeira de nosso reitor Marcelo Aquino com ele, na Unisi-

nos, era ir à biblioteca procurar alguma passagem de Aristóteles num volume só em grego, ou greco-latino). Cirne-Lima cita um pré-socrático no original, assim como cita um Lupicínio Rodrigues (*O pensamento parece uma coisa à toa...*), chamando-o “Aquele bedel da Faculdade de Direito, quando meu pai era Diretor”. Mas sua boa educação tem sido também a marca do *gentleman*: se critica o trabalho de um colega, ele o faz de modo a engrandecer e estimular, apontando aspectos de que discorda, e indicando caminhos que poderiam ser seguidos. Apresentar diante dele um projeto sempre foi para os colegas um desafio, desafio tanto para um Puntel quanto para qualquer jovem iniciante. Mas jamais o vi humilhar um autor de um trabalho que comenta. Esta boa educação tem um lado frágil: não tem sido tão difícil magoá-lo; basta uma combinação de grosseria com pretensão, de mediocridade ambiciosa e informal. Pois Cirne-Lima é capaz de contestar deus e todo o mundo, mas sempre o faz com elegância e respeito. O próprio Deus dos tomistas e do Papa Ratzinger não poderá levar a mal, pois se ele contesta uma imagem de deus, é porque tem em mente (viva Santo Anselmo!) uma outra superior.

Entre 1953, quando lecionou Filosofia em São Leopoldo, e 2008, quando encerra seus compromissos profissionais, Carlos Roberto lecionou na UFRGS, na PUC-RS e na Unisinos, pesquisou e orientou trabalhos

de pós-graduação, deu palestras no Brasil e na Europa, num pé de igualdade com Habermas ou Apel,⁵ com Manfredo Oliveira ou Henrique Vaz. Em centenas de debates deu a cara para bater, mas sempre levando a sua interpretação, a sua filosofia, sempre curioso e criativo. Publicou livros e CD, e entre nós acabou inaugurando o gênero literário da *Festschrift*, como homenageado. Além de conhecer a Filosofia como poucos, Cirne-Lima sabe muito bem cultivar a amizade.

* Álvaro Luiz Montenegro Valls, sempre na área de Filosofia, é graduado pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, de São Paulo, mestre pela Universität Heidelberg, e doutor pela Universität Heidelberg. Atualmente, é docente da Unisinos e presidente da Anpof (Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia).

LEIA MAIS...

>> Álvaro Valls já concedeu entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas:

* “*Uma Filosofia brasileira surgirá com tempo e muito trabalho*”. Entrevista concedida para o sítio do IHU, de 16-11-2006.

* “*O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis*”. Edição 245, O novo “ateísmo” em discussão, de 26-11-2007.

5 Karl-Otto Apel (1922): filósofo alemão e professor emérito da Johann Wolfgang Goethe-Universität de Frankfurt am Main. Entre seus livros traduzidos no Brasil, citamos *Estudos de moral moderna* (Petrópolis: Vozes, 1994).

Seis décadas de amizade. Um depoimento

Luiz Osvaldo Leite relembra alguns momentos da trajetória de Roberto Carlos Velho Cirne-Lima

POR PATRICIA FACHIN

Além de seguidores intelectuais, Cirne-Lima também consolidou fortes amizades. Um de seus admiradores e amigo, Luiz Osvaldo Leite, professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), conversou por telefone com a IHU On-Line na última semana, e relata, na entrevista a seguir, alguns momentos importantes da vida pessoal e profissional do filósofo gaúcho. Amigo da família Cirne-Lima, Luiz Osvaldo Leite demonstra um carinho especial pelo filósofo gaúcho, e lembra com emoção o período em que foi seu aluno, na década de 1960. É graduado em Filosofia e Teologia, pela Faculdade Cristo Rei de São Leopoldo, e pós-graduado em Orientação e Aconselhamento, pela Universidade da Califórnia, em San Diego, EUA.

IHU On-Line - Como o senhor conheceu Cirne-Lima?

Luiz Osvaldo Leite - Conheci o professor Cirne-Lima nos tempos do Colégio Anchieta, em 1945. Ele estava dois anos à minha frente, mas fomos contemporâneos. Naquele tempo, as escolas eram menores e havia uma convivência mais próxima entre os alunos. Fui colega de turma do irmão dele, Luiz Fernando Cirne-Lima, que até pouco tempo foi presidente da Copesul e também ministro da Agricultura. Assim, desde então, eu acabei me relacionando bem com toda a família Cirne-Lima.

IHU On-Line - Qual é a importância da família Cirne-Lima no Rio Grande do Sul?

Luiz Osvaldo Leite - Carlos Roberto Velho Cirne-Lima pertence a uma das mais tradicionais famílias rio-grandenses. Ele é filho de Maria Velho Cirne-Lima e Dr. Rui Cirne-Lima, que foi um dos mais eminentes juristas gaúchos. Lamentavelmente, um homem que escreveu pouco. Mas isso é consequência da tradição gaúcha. O Dr. Rui era uma figura muito brilhante e, junto com o irmão Heitor Cirne-Lima, fundou a Faculdade Católica de Medicina, no estado. A família Velho também era tradicional e tinha bastante conceito intelectual.

IHU On-Line - Quais são as suas lembranças da trajetória estudantil do professor Cirne-Lima?

Luiz Osvaldo Leite - Cirne-Lima sempre foi um aluno brilhante, dedicado. Desde o curso ginásial, ele sempre se destacou como um bom estudante, o que pode ser comprovado através dos relatórios do Colégio Anchieta. Naquele período, o colégio publicava anualmente um relatório com as notas dos alunos, e o Carlos Roberto Cirne-Lima sempre estava entre os melhores.

Ao sair do Anchieta, ele foi estudar no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul, onde se especializou e se tornou um emérito conhecedor da língua grega e do latim. Voltei a ter contato com ele mais tarde, entre 1948 e 1949, quando Cirne-Lima teve sua primeira experiência com o magistério. Ele lecionava no Colégio São José,¹ em Pareci Novo, a 72 quilômetros da capital gaúcha. Nesse período, não fui aluno dele, mas posso dizer que aprendi com seu método de ensino, pois em 1951 tive um professor de latim chamado

1 O prédio do antigo Seminário São José, em Pareci Novo-RS, onde funcionou o Noviciado e o Juniorado dos jesuítas, será restaurado em breve. Construído em 1901, o prédio foi comprado pela prefeitura de Pareci Novo e está em andamento um projeto para angariar recursos para a restauração, com a finalidade de sediar atividades culturais do município. (Nota da IHU On-Line)

Milton Valente. Esse professor utilizou o método de Cirne-Lima nas aulas e, de fato, todos os alunos conseguiram aprender essa língua tão difícil.

Estudos no exterior

Em 1949, após concluir o estudo básico, Cirne-Lima foi estudar na Universidade de Pullach, na Alemanha. Esse era o melhor centro filosófico dos jesuítas alemães. Aliás, o fato de ele ter se mudado para lá já demonstrava seu valor e talento nos estudos filosóficos. Tanto é que os professores e colegas ficavam espantados com a sua rapidez de raciocínio. Convém recordar que as aulas dessa faculdade eram dadas em latim, e o aluno também precisava se expressar nessa língua. Nesse período, ele foi aluno de grandes professores, como Josef De Vries, Johann B. Lotz e Walter Brugger. Em 1953, ele ingressou no curso de Teologia, em Frankfurt e Innsbruck, Áustria, onde foi aluno dos professores Karl Rahner e E. Coreth. Com certeza, esses pensadores alemães foram extremamente importantes para a sua formação. Mas recordo que ele sempre contava que uma das pessoas que influenciou bastante sua produção intelectual, ainda no tempo da juventude do Colégio Anchieta, foi o padre Balduino Rambo.²

2 Balduino Rambo: sobre ele, consultar o livro de Luiz Osvaldo Leite *Jesuítas cientistas no*

IHU On-Line - Depois de estudar no exterior, ele retorna ao Brasil, nessa época o senhor teve contato com ele?

Luiz Osvaldo Leite - Ele regressa para o Brasil em 1961 e ingressa como professor na faculdade Cristo Rei e no Seminário Central de São Leopoldo, onde leciona aulas de Filosofia. Como de costume, apresenta um brilhantismo extraordinário, com argumentação fundamentada e excelente apresentação. Nesse momento, ele foi meu professor de Teologia Dogmática. O relacionamento de amizade que eu tinha com ele apenas facilitou o aprendizado. Convém registrar que ainda nesse ano ele também lecionou na Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre. Essa faculdade, então dirigida pelos jesuítas, hoje é a atual Universidade da Saúde de Porto Alegre.

Devido ao brilhante desempenho no curso de Filosofia, o nome de Cirne-Lima esteve presente na lista da equipe de professores que precisava ser reconhecida pelo governo, no período em que estavam montando o curso de Filosofia da Faculdade Cristo Rei, instituição que deu origem à Unisinos. Nesta lista, foram citados nomes importantes como os de padre Urbano Thiesen e Balduino Rambo. Essa equipe formou o núcleo inicial de professores da Unisinos, que foi aprovado com muito louvor pelo Ministério de Educação e Cultura.

Em seguida, ainda em 1961, ele volta para a Europa, novamente à Áustria, permanecendo até 1965, em trabalho de pós-doutorado na Universidade de Viena. No final da década de 1960, já em Porto Alegre, Cirne-Lima faz sua livre-docência na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nesse momento, em 1969, ele foi caçado juntamente com outros professores e alguns parentes, como Carlos de Brito Velho e Vitor de Brito Velho. Ainda nessa época, ele casou com a renomada artista plástica Maria Tomaselli.

Incapaz de exercer a profissão, **Cirne-Lima dedicou-se até 1979 à *sul do Brasil*** (São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 41-66). Balduino Rambo publicou um livro de contos em dialeto alemão, em dois volumes, pela Editora Unisinos, em 2002, intitulado *O rebento do carvalho*. (Nota da IHU On-Line)

atividades empresariais. Trabalhou em empresas privadas, em setores de destaque, retornando ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS após a anistia, em 1980. Ele lecionou na UFRGS até 1991, quando se aposentou e passou a ser professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde atuou como professor na graduação e pós-graduação durante 10 anos. Depois, foi para a Unisinos, onde atuou até agora.

IHU On-Line - Na época da ditadura, enquanto Cirne-Lima prestava o exame de livre docência na UFRGS, a universidade foi invadida. O senhor recorda desse momento?

Luiz Osvaldo Leite - Eu não estava presente, mas sei que ele estava em pleno exame de livre-docência quando a universidade foi invadida. Cirne-Lima e algumas pessoas da banca saíram pela janela e desceram através de escadas para o térreo.

IHU On-Line - O que o senhor tem a dizer sobre os diálogos que Cirne-Lima teve com Habermas e outros intelectuais estrangeiros?

Luiz Osvaldo Leite - Cirne-Lima sempre teve uma vocação filosófica tanto para o magistério quanto para a pesquisa. Com a cassação de muitos professores na UFRGS, o Instituto Goethe, de Porto Alegre, foi visto como um novo horizonte filosófico, ou seja, ele se tornou uma grande agência de formação e trouxe muitos pensadores alemães que fizeram cursos em conjunto com o Instituto de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nessa época, vieram para a capital gaúcha pessoas importantes, como Jürgen Habermas.³ Nesse encontro, ocorreram diálogos muito virtuosos, seja nas palestras públicas dadas no Goethe, onde Cirne-Lima estava e sempre se

³ Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da IHU On-Line)

destacava no diálogo com pensadores estrangeiros, seja em cursos intensivos ministrados na UFRGS ou em sua casa. Ele tinha uma linda mansão no bairro Glória, onde recebia os pesquisadores. Ali, eles estabeleciam diálogos muito férteis, que serviram não só para projetar Cirne-Lima como pensador no Brasil, mas também no mundo. Prova disso é a obra *Festschrift: Dialética e Liberdade*,⁴ na qual vários intelectuais internacionais participaram com discussões, mostrando o reconhecimento das pesquisas de Cirne-Lima.

IHU On-Line - Que lembranças o senhor tem da época em que participavam da Companhia de Jesus? Como foi o ingresso e a saída do professor Cirne-Lima da Companhia?

Luiz Osvaldo Leite - O Cirne-Lima ingressa na Companhia em 1945 e faz o noviciado em 1947. Quando ele foi a Bullach, ainda era jesuíta. Eu não sei por que ele resolveu sair da Companhia. Isso só ele pode responder.

IHU On-Line - O senhor lembra da vinda de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil?

Luiz Osvaldo Leite - Na ocasião em que estiveram no Brasil, eles não chegaram a vir a Porto Alegre. Nos três meses que ficaram aqui, foram ao Recife e a São Paulo. Sartre proferiu uma palestra em Araraquara, São Paulo, e naquele momento houve uma sondagem para ele e Simone virem para Porto Alegre. Ocorreram memoráveis discussões no conselho da UFRGS, mas vozes fortes se opuseram e impediram a vinda dos dois à capital gaúcha.

Armando Câmara, que havia sido reitor da UFRGS e da PUCRS, e na época era um dos grandes líderes filosóficos da intelectualidade gaúcha, chegou a dizer a frase: “Se essa mulher entrar por uma porta eu saio por outra”, referindo-se à Simone de Beauvoir. Claro que a grande oposição em relação ao casal se dava devido

⁴ A obra, organizada por Ernildo Stein e Luís de Boni, foi lançada em co-edição da Editora Vozes e Editora UFRGS, em 1993. A obra reúne 43 pensadores de renome internacional, os quais prestam uma homenagem ao trabalho desenvolvido por Cirne-Lima. (Nota da IHU On-Line)

a suas idéias, mas, também, em relação à vida pessoal. Eles tinham um matrimônio dito aberto e nunca se casaram. Não sei dizer se Cirne-Lima participou das discussões com Armando Câmara, naquele momento. Mas, certamente, ele não seria contrário à vinda deles.

IHU On-Line - Se o senhor fosse pontuar um momento especial que conviveram juntos, o que destacaria?

Luiz Osvaldo Leite - Destaco nosso reencontro em 1961, quando ele retorna da Europa e foi meu professor. Ele trouxe uma dimensão muito nova de pensamento. Eu tinha sido contemporâneo dele no Colégio Anchieta e passei, nesse novo momento, a ser seu aluno. Sob influência do ambiente europeu, estávamos nessa época discutindo o Concílio Vaticano II, e ele colaborou com muitas idéias. Esse foi um momento muito rico e abriu perspectivas para os alunos da época. Eu recorde disso com alegria.

IHU On-Line - Como o senhor descreve a pessoa de Cirne-Lima?

Luiz Osvaldo Leite - Cirne-Lima é um homem de uma grande e invejável cultura. Uma das primeiras coisas que distinguem essa cultura é o profundo domínio e conhecimento de línguas. Ele domina não só latim e o grego — o que permite o acesso à filosofia grega, aos pré-socráticos, aos neoplatônicos —, mas também compreende línguas modernas como alemão, francês, italiano, inglês e espanhol. Além disso, é um homem com uma grande formação filosófica. Por outro lado, ele tem uma simplicidade e uma alegria muito grande, o que o torna muito simpático. Isso tudo faz com que ele mantenha um relacionamento muito bom com as pessoas com as quais convive. Além disso, posso dizer que ele é um homem extremamente coerente com suas idéias, franco e sincero. Nesse sentido, também é muito autêntico. Destaco ainda outra qualidade dele: o dinamismo. Ele não pára. Está sempre pesquisando, trabalhando e tomando iniciativas. Tudo isso faz com que ele seja uma pessoa encantadora.

Cirne-Lima, um filósofo com grande respeito pelas ciências

Segundo Brito, a grande honestidade de Cirne-Lima para ver os problemas e poder se adaptar às novas alternativas é um excelente exemplo para seus alunos

POR MOISÉS SBARDELLOTTI E PATRICIA FACHIN

Discutir o pensamento de Cirne-Lima só é relevante porque houve um pensamento de Cirne-Lima. Essa é a opinião de Adriano Naves de Brito, coordenador do PPG em Filosofia da Unisinos, em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line** na semana em que ocorreu o *Colóquio Depois de Hegel*. Para Brito, isso é muito raro no Brasil, já que a Filosofia brasileira não valoriza o fato de tomar posições. “A Filosofia brasileira alcançou um patamar de qualidade, em que nós estamos passando da hora de ter os nossos próprios temas. Então, um colóquio dedicado ao pensamento de um filósofo vivo, brasileiro, entre nós, filosofando em português, contribui imensamente para o debate filosófico brasileiro, porque justamente dá a esse debate uma dimensão além da história da Filosofia”, explica. E, segundo ele, é um sinal muito importante para a Filosofia do Brasil. “É um exemplo fantástico”, define.

Adriano Naves Brito é graduado em Pedagogia, pela Universidade Católica de Goiás (UCG), mestre em Filosofia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Filosofia, pela Universität Bielefeld, Alemanha, e pós-doutor em Filosofia, pela Universität Tübingen.

IHU On-Line - Qual é a relevância de discutir o pensamento de Cirne-Lima?

Adriano Naves de Brito - Começamos pelo fato de haver um pensamento de Cirne-Lima. E é isso que torna relevante a discussão da sua obra, porque ele realmente se esforçou para estabelecer uma posição no campo da Filosofia e enfiar a bandeira em um território que seria o do seu próprio pensamento. Isso, por si só, mostra sua relevância, porque a Filosofia vive de discussão de posições próprias. Claro, é preciso fazer o trabalho de história da Filosofia, que ajuda a que possamos entrar no debate, mas a Filosofia realmente se alimenta de posições próprias. Em alguém como Cirne-Lima, então, que tem uma posição, ela deve ser discutida.

IHU On-Line - Em que medida o *Colóquio Depois de Hegel* contribui para o debate filosófico brasileiro?

Adriano Naves de Brito - Retomando a primeira pergunta, Cirne-Lima tem uma posição, um pensamento, e por isso merece ser discutido. Ora, isso talvez seja ainda raro no Brasil. A Filosofia brasileira não valoriza o fato de se tomar posições. Nós temos uma tradição muito centrada na história da Filosofia. Acredito que a filosofia brasileira alcançou um patamar de qualidade, em que estamos passando da hora de ter os nossos próprios temas. Então,

um colóquio dedicado ao pensamento de um filósofo vivo, brasileiro, entre nós, filosofando em português, contribui imensamente para o debate filosófico do país, porque justamente dá a ele uma dimensão além da história da Filosofia. Ou seja, oferece uma dimensão essencialmente filosófica: estamos discutindo temas de Filosofia a partir das nossas próprias posições, o que é muito importante para a Filosofia brasileira, além de ser um exemplo fantástico.

IHU On-Line - Como o senhor vê a última produção de Cirne-Lima, *Depois de Hegel*? Em que medida sua obra apresenta um viés próprio e o desenvolvimento de percepções filosóficas hegelianas não ortodoxas?

Adriano Naves de Brito - Acho que essa obra é realmente o coroamento de um pensamento que avança já há duas décadas e meia, embora remonte à história intelectual de Cirne-Lima. E ele conseguiu um resultado muito bom em termos de síntese e clareza do que quer dizer. Seu pensamento está definitivamente fora da ortodoxia hegeliana. Poderíamos dizer até mais: ele está, como o título diz, para além de Hegel. Ele estudou Hegel e agora está tentando uma posição na tradição neoplatônica. Ele apresenta a sua posição nessa tradição e tenta dialogar, costurar e estabelecer uma ponte entre duas tradições. E a minha impressão, hoje, é de que Cirne-Lima está no meio dessa ponte. Ele estabeleceu uma ponte, mas seria difícil, por várias posições que defende, classificá-lo, por exemplo, só na escola neoplatônica ou no que é chamado de escola neo-aristotélica. Ele apresenta um viés próprio e, ao estabelecer esse diálogo, pega elementos dos dois lados. E é com essa mistura que cria o seu viés próprio.

IHU On-Line - Entre tantas contribuições para o PPG em Filosofia da Unisinos, que considerações o senhor faz da participação de Cirne-Lima enquanto educador e filósofo na universidade?

Adriano Naves de Brito - Começo pelo educador, porque acredito que seja a

figura que Cirne-Lima encarna hoje. Além disso, ele é um exemplo fazendo o que ele faz, tendo uma grande honestidade intelectual, refletida nas posições filosóficas que adota. Porque se algo não tem alternativa, eu posso, mesmo na contramão daquilo que venho estudando há muito tempo, procurar alternativas em outros campos. Então, Cirne-Lima possui uma grande honestidade para ver os problemas e poder se adaptar às novas alternativas. Além disso, por estar muito interessado em questões e temas filosóficos, o modo como ele leva a Filosofia para os alunos é vivo, interessado. Cirne-Lima é capaz de despertar a paixão filosófica porque sempre se está discutindo boa filosofia com ele. Eu acho que ele desempenhou esse papel nas instituições em que deu aula, e também na Unisinos, e continua a desempenhar.

O outro aspecto é o pessoal, ou seja, o Cirne-Lima como pessoa. Ele é nosso pesquisador mais sênior no PPG em Filosofia. Então, é uma figura que orienta muito, nos ajuda a enxergar e a fazer discernimentos, embora não o faça querendo exercer alguma liderança. Cirne-Lima, já há algum tempo, disse: “O meu trabalho é como professor, e eu dou a minha colaboração”. Mas ele pertence àquele grupo de conselheiros que podem ajudar a avançar. De qualquer modo, tem consciência de que não lhe cabe mais fazer esse processo. Então, seu papel é muito enriquecedor para nós. Com o título de professor emérito agora, ele decidiu se aposentar, então se afasta da universidade, mas como professor ordinário. E a concessão do título, para nós, facilita muito a continuidade da contribuição com a universidade. Ele pode fazê-la sem nenhum ônus, apenas com as vantagens da sua atividade, pois chegou a um ponto em que a universidade não tem nada mais a lhe oferecer. Esta, no entanto, tem muito ainda a receber dele. E Cirne-Lima pode fazer isso, então, em uma posição de tranquilidade, que é a de um colaborador, não mais no sistema ordinário de docência. E é isso que esperamos que continue a fazer.

IHU On-Line - O debate filosófico sempre esteve presente na centrali-

dade da vida de Cirne-Lima. Entretanto, ele sempre manifestou preocupação em relacionar a Filosofia com as demais ciências, a fim de expandir os debates contemporâneos e encontrar respostas para as variadas questões. Como o senhor percebe essa capacidade de estabelecer um debate interdisciplinar?

Adriano Naves de Brito - É um outro aspecto muito importante do pensamento de Cirne-Lima é o fato de ele ter um grande respeito pelas ciências. Talvez muitos filósofos – e quem sabe a maioria – não tenham respeito pelas ciências. Mas eu valorizo muito tal aspecto, porque tenho muito respeito pelas ciências, e me agrada muito esse traço em Cirne-Lima. Nesse ponto, ele também foi um bom orientador. Cirne-Lima acredita que a Filosofia não substitui as ciências; no entanto, ela pode ser complementada por aquelas. Então, existe, aqui, um processo de complementação dos dois lados. Cirne-Lima está sempre muito atento ao que está se passando na ciência em nosso tempo. Pode-se conversar com ele e saber que está acompanhando a discussão sobre a atual Biologia, por exemplo. Portanto, Cirne-Lima não tem um respeito protocolar pelas ciências, mas, sim, um respeito realmente de interesse, que o leva a estudá-las. Eu acredito que isso seja muito bom. Faz com que ele possa, a partir da posição também de filósofo, localizar os debates em torno dos quais se pode fazer a discussão interdisciplinar, com suas costuras. E, portanto, aponta, nessa questão, algo a que a Filosofia pode se prestar: facilitar e mediar a discussão entre as diferentes disciplinas em torno de problemas, incluindo a si mesma. Definitivamente, não é fácil fazer debate interdisciplinar. Não é uma questão só de “tenho agora vontade”, “estou aberto” ou “vou fazer”. Não, é preciso ter conhecimento para isso. E acho que essa disposição o levou a fazer experiências importantes, nas quais ele aprendeu muitas coisas. Agora ele nos ensina muitas outras, sobre a possibilidade de fazer o debate e o diálogo interdisciplinares, relacionando, por exemplo, diferentes teorias.

Uma nova proposta: Direito fundamentado na Filosofia

Seguindo os ensinamentos de Cirne-Lima, Ariel Koch Gomes propõe reformas no Direito e afirma que a crise na área está diretamente ligada a sua base filosófica

POR PATRICIA FACHIN

Orientando de Cirne-Lima, o graduando em Direito Ariel Koch Gomes concorda com os ensinamentos do filósofo e com sua releitura sobre os erros de Hegel, principalmente no que se refere à diferença entre contradição e contrariedade. A partir dessa perspectiva, Gomes, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, afirma que “devemos abandonar esta base filosófica contraditória que diz que não existem verdades e precisamos colocar, no lugar dela, na base, o princípio da contradição a ser evitada, isto é, o ‘dever-ser’ de”. Analisando o cenário jurídico nacional, ele adere aos ensinamentos do professor Cirne-Lima e diz que os juristas em geral não sabem a diferença entre contradição e contrariedade. E enfatiza: “Talvez seja por isso que eles cometam tantos erros, por estarem seguidamente fazendo contradições, por estarem seguidamente dizendo e se desdizendo”.

Ariel Koch Gomes está concluindo o curso de graduação em Direito pela Unisinos, com a pesquisa *Direito Natural: uma desconstrução*. Entre suas atividades acadêmicas, Gomes foi bolsista de iniciação científica durante três anos e meio, sendo orientado pelo Prof. Dr. Vicente de Paulo Barreto, coordenador do projeto de pesquisa Fundamentação Ética dos Direitos Humanos.

IHU On-Line - Qual é a contribuição de Cirne-Lima na sua formação acadêmica e intelectual? Como orientando dele, quais foram os ensinamentos que com ele aprendeu?

Ariel Koch Gomes - O professor Cirne-Lima é uma pessoa que tem um vasto conhecimento sobre os mais variados assuntos. Na sua área, a Filosofia, ele tem uma proposta de sistema próprio, isto é, um posicionamento próprio sobre as questões filosóficas. E este conjunto fez surgir um novo paradigma, isto é, se for para seguir a carreira acadêmica — que é o que pretendo — é preciso seguir este exemplo: ser um pesquisador que se atualiza com as descobertas contemporâneas, que saiba várias línguas para ter um maior acesso ao conhecimento, que proponha idéias novas etc. Portanto, a contribuição de Cirne-Lima não foi apenas acadêmica e intelectual, mas,

“Direito deve estar de acordo com a constante evolução do Universo e dos seres humanos, deve não se contradizer e deve ter a possibilidade de ser inserido harmoniosamente no Universo”

também, para o meu desenvolvimento como pessoa.

A partir do contato com o filósofo, passei a ter uma nova postura acadêmica: mais crítica e, com certeza, mais filosófica. Adotei uma matriz teórica que está sendo intitulada como o sistema “Depois de Hegel”. Pude discuti-la diretamente com o autor e,

também, aplicá-la na pesquisa em que realizava no curso de Direito. Assim, consegui testar os meus conhecimentos através das apresentações de mestrado de iniciação científica, colocar à prova os meus conhecimentos sobre o sistema proposto por Cirne-Lima e, também, verificar as críticas possíveis a este sistema.

Como orientando, eu aprendi, mais especificamente, bastante sobre o método de escrita. Uma das coisas mais incríveis nos textos de Cirne-Lima é que ele escreve numa linguagem simples para que todas as pessoas possam compreender. Isto é, ele trabalha com temas bem complexos, mas consegue traduzi-los para uma linguagem simples e acessível. E este foi um dos desafios para o meu trabalho de conclusão do curso de Direito. Logo no início da orientação ele me disse: “Tu deves imaginar um interlocutor. E este interlocutor não pode ser eu, mas deve ser uma criança de 17 anos que está entrando hoje no curso de Direito. Se esta criança entender o teu texto, significa que está bom. Se ela não entender, está ruim e deve ser colocado no lixo”. Isto foi ótimo para aprimorar a escrita do meu trabalho, tendo em vista que este envolve uma linguagem jurídica e uma linguagem filosófica, o que poderia dificultar a leitura para ambas as áreas.

IHU On-Line - Como as concepções de justiça discutidas por Cirne-Lima contribuíram para a sua formação profissional?

Ariel Koch Gomes - Este é um dos temas que tratei no meu trabalho de conclusão. Isto é, proponho que o Direito deve ser revisto. Essa crise que o Direito está sofrendo se dá por alguns motivos, mas, dentre estes, devido à base na qual ele está fundado, que é a base filosófica da pós-modernidade. Essa base filosófica diz que “não existem verdades” e vem de Nietzsche¹ e de alguns filósofos pós-modernos que

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. A edição 15 do *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*. (Nota da IHU On-Line)

seguiram nesta linha de pensamento. E, sem verdades, o Direito fica completamente às escuras, perdido, pois qualquer resposta é válida, qualquer concepção do que seja o Direito é válida e qualquer interpretação dada às normas também. Por isso, temos casos semelhantes com decisões completamente antagônicas, ou, até mesmo, casos sendo decididos nos diferentes graus de jurisdição de forma completamente contraditórias.

E, a partir do sistema proposto por Cirne-Lima, proponho algumas alterações para esta base do Direito. A base do sistema proposto por Cirne-Lima é o princípio de não-contradição, diferente do formulado por Aristóteles, pois Cirne-Lima propõe que este seja um princípio deontológico; isto é, o princípio é o “dever-ser” de não-contradição, a contradição a ser evitada. Devemos evitar fazer contradições. Só com isto já temos algumas coisas para serem revistas tanto na base filosófica quanto no Direito (tanto no âmbito do Judiciário quanto no âmbito do Legislativo). Com base neste princípio, não podemos mais ter como base esta afirmação de que “não existem verdades”. Pois, quando fazemos tal afirmação, estamos dizendo o seguinte: “a verdade é que não existem verdades”; e, assim, implodimos numa autocontradição, refutamos o que estamos dizendo e, no fim, ficamos sem dizer nada. Logo, esta não pode ser a base do Direito e de nenhuma ciência.

Assim sendo, a base do Direito deve ser repensada para se adequar às demandas da sociedade multicultural e globalizada da contemporaneidade. Sugiro, então, uma alteração nesta base para se adequar a essas demandas, de forma que o Direito possa voltar a se preocupar com o justo e o injusto (e, assim, com a Justiça). Tendo em vista que, se não há verdades, não há justiça.

IHU On-Line - Como a Filosofia de Cirne-Lima auxilia a compreender a função do Direito na sociedade atual?

Ariel Koch Gomes - De forma sucinta, a Filosofia de Cirne-Lima observa que os seres humanos são dotados de Lógica (princípio do dever-ser de não-contradição), estão inseridos na Natureza

(localizam-se no Universo em evolução, isto é, estão em constante evolução, como propunha Darwin)² e são seres que vivem em sociedade e, assim, na síntese da Lógica e da Natureza, surge o terceiro ponto que é a Ética (a inserção harmoniosa do ato concreto no Universo concreto), chamada de Espírito na tradição hegeliana. Porém, os seres humanos não sobrevivem somente com as normas da Ética e da Natureza. Eles precisam também do Direito para o convívio em sociedade. Só que o Direito precisa estar de acordo com a Lógica, com a Natureza e com a Ética. Portanto, este Direito deve estar de acordo com a constante evolução do Universo e dos seres humanos, deve não se contradizer e deve ter a possibilidade de ser inserido harmoniosamente no Universo.

IHU On-Line - De que maneira os princípios éticos propostos por Cirne-Lima podem auxiliar na renovação do Direito? Levando em consideração as diferenças entre os indivíduos e as diversas realidades mundiais, como isso é possível?

Ariel Koch Gomes - Atualmente, nada no Direito – que se pretenda ser Direito – pode atentar à Dignidade Humana (na linguagem jurídica se fala que não pode atentar ao princípio da Dignidade Humana). E a Dignidade Humana – com base na Natureza Humana de Longa Duração (termo este que, no meu trabalho de conclusão, pego da História e introduzo no Direito) - está fundamentada na Ética (que trata da ação humana). Explicando de forma muito sucinta, nesta Ética proposta por Cirne-Lima a ação será boa quan-

2 Charles Robert Darwin (1809-1882): naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção Natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A origem das espécies*. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à IHU On-Line 166, de 28-11-2005. (Nota da IHU On-Line)

**“Devemos abandonar esta base filosófica
contraditória que diz que não existem verdades,
e precisamos colocar, no lugar dela, na base, o
princípio da contradição a ser evitada, isto é, o
‘dever-ser’ de não-contradição”**

do a pessoa estiver de acordo consigo mesma em relação à ação proposta; num segundo passo, a pessoa deve analisar se esta ação estará de acordo com as suas relações mediatas (pessoas da família, comunidade próxima, educação) e imediatas (natureza próxima); e, num terceiro passo, ela deve universalizar a sua ação, verificar se a sua ação pode ser inserida de forma harmoniosa no Universo. Esta análise que o ser humano deve fazer, de verificar consigo mesmo se a ação está de acordo e a elevar ao universal, e, deste universal, voltar ao particular, faz com que ele se coloque como sendo o universo (a totalidade) num primeiro passo e ser participante do Universo (participante da totalidade) no último. Neste ato de conscientização de si e do Universo, o ser humano se diferencia dentro da Natureza e, agindo assim, acaba por respeitar a dignidade de todos os demais seres humanos e se dignificando também.

Assim, o Direito só pode ser Direito se e quando estiver de acordo com esta passagem do *eu* para o *nós* que se amplia até o ponto de abarcar o Universo, e deste retornar ao *eu* já consciente da sua inserção no Universo. Só assim o Direito estará conforme a Dignidade Humana e estará de acordo com a Justiça.

Essa proposta aplicada na sociedade atual causa algumas conseqüências, tais como a inserção da Natureza na proteção Ética. Não podemos causar um dano à Natureza porque estamos inseridos nela e sem ela não sobrevivemos. Fazemos parte e somos frutos da evolução da Natureza. Assim, fica

mais fácil falar em proteção ambiental e demais temas relacionados ao meio ambiente. Além disso, afirma Cirne-Lima que o indivíduo sozinho não existe, já que faz parte do todo (Universo). E a identidade (minha, do indivíduo, de qualquer coisa) só se dá, só consigo enriquecê-la e falar sobre ela, quando eu saio do *eu* para falar do *nós*, do outro, da Natureza, enfim, do Universo. Por isso, esta proposta ética não pára no ponto do *eu* e nem do universal, estando numa constante circularidade positiva (é positiva porque nunca volta ao mesmo ponto). Isto muda esta perspectiva individualista da sociedade contemporânea, tendo em vista que coloca esta visão, esta conscientização do todo, sem esquecer do indivíduo.

A segunda parte da questão foi muito bem respondida por Cirne-Lima, que afirma, no seu livro *Sobre a contradição*: “Num mundo que fica, tanto em seus problemas como em suas perspectivas de solução, mais e mais universal e globalizante, faz-se mister reencontrar a razão, uma, única, oníbranga que hoje é modesta, sim, porque se sabe jamais pronta e acabada, mas que, apesar disso, está consciente de sua indispensável unidade”. Isto é, sempre se fala nas diferenças culturais (multiplicidade cultural) e nas diferenças entre os indivíduos, mas, ao tratarmos dos problemas sociais, podemos verificar que estes problemas são universais, isto é, os problemas e suas perspectivas de solução perpassam todas as culturas e todos os indivíduos. Mais: ao se afirmar que não existe universalidade, entra-se em

autocontradição, isto é, esta afirmação de que não existe universalidade é universal. Nisto, a pessoa diz e se desdiz e, no fim, não diz nada. Portanto, apesar da diversidade que há no Universo, há uma universalidade. É esta universalidade que o professor Cirne-Lima trata quando fala em Lógica, Natureza e Ética; e, no meu trabalho, quando falamos em Natureza Humana de Longa Duração e Dignidade Humana.

IHU On-Line - Ao falar de igualdade, Cirne-Lima diz que ser cidadão significa apenas ser igual diante da Lei. Mas alerta que isso não significa ser igual em todos os sentidos da vida humana. Como seus ensinamentos nos ajudam a compreender o dilema de ser igual e ser diferente numa sociedade que é desigual e diferente ao mesmo tempo? Como o Direito deve lidar com essa questão?

Ariel Koch Gomes - Cirne-Lima afirma que perante a Lei somos iguais como cidadãos, mas diferentes como indivíduos (diferença esta que pode ter sido determinada pela Natureza). Porém, na sociedade, somos desiguais e diferentes, tendo em vista que não há a igualdade nem como cidadão e, obviamente, nem como indivíduo. Por isso, somos, ao mesmo tempo, iguais e diferentes e desiguais e diferentes, mas em aspectos diferentes.

Mas há uma dialética nessa relação entre igualdade e diferença no Direito. Quanto mais o Direito visar à igualdade, mais ele terá que tratar de forma diferente (desigual) os indivíduos; e vice-versa, quanto mais despreocupado com o estabelecimento da igualdade na sociedade estiver o Direito, mais igualmente ele irá tratar os seres humanos.

No entanto, o Direito deve estar de acordo com a Natureza Humana e a Dignidade Humana, e, assim, estará lidando conforme a Justiça, respeitando a igualdade e as diferenças históricas e contingentes. Jamais se deve ter a pretensão de se eliminar as diferenças, pois, se fizermos isso, incorreremos em erros de Lógica, da Natureza e do Espírito (Ética), além de instituir um Estado Totalitário.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Brasil em Foco

A crise dos alimentos é parte da crise da acumulação excessiva e da crise financeira

Para Giovanni Arrighi, a crise financeira americana causa diferentes impactos na economia global. Entretanto, como em outros momentos de tensão, assegura, a solução dependerá do que “os governos farão individual e coletivamente”

POR PATRICIA FACHIN

O mercado asiático, sem dúvida, caminha para se tornar a grande potência mundial nos próximos anos. As explicações para a mudança nos rumos da economia global podem ser encontradas nas teorias de Adam Smith, afirma o economista italiano Giovanni Arrighi. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, ele explica que “a análise feita por Smith acerca dos limites de empresas de grande escala em comparação com divisões de trabalho entre unidades de produção menores é útil para explicar o recente ressurgimento da terceirização, bem como o deslocamento do epicentro da acumulação de capital para a Ásia Oriental”. Essa nova conjuntura econômica que se apresenta, comenta o pesquisador, não garante uma melhoria de bem-estar para a população mundial. “Se os governos continuarem a fazer concessões ao capital em concorrência uns com os outros, como fizeram nas décadas de 1980 e 1990, o bem-estar dos povos continuará a sofrer a despeito de melhorias na riqueza nacional”, assegura.

Considerando os prejuízos já alcançados pela crise norte-americana, o economista observa que os danos podem ser ainda maiores, mesmo com a intervenção do FED. Para ele, a intercessão do Banco Central americano causa efeitos ambíguos: “resolve alguns problemas (por exemplo, impedindo colapsos súbitos e grandes como o da década de 1930), mas cria outros, como o fomento da irresponsabilidade financeira entre empresas que, com ou sem razão, acham que a mão invisível do Estado irá intervir para salvá-las de seus maus investimentos”. Se não bastasse a situação de insegurança no cenário econômico, alerta, a crise alimentícia tem se apresentado como “parte integrante da crise da acumulação excessiva”. Se ignorada, “a crise dos alimentos poderá ter efeitos mais desastrosos para o bem-estar do que a crise financeira”.

Arrighi é doutor em Economia, pela Binghamton University, EUA. Atualmente, atua como docente na Universidade Johns Hopkins, nos EUA. De sua produção bibliográfica, destacamos os livros *A ilusão do desenvolvimento* (Vozes: Petrópolis, 1997) e *O longo século XX* (Contraponto: Rio de Janeiro, 2006).

Arrighi acaba de publicar o livro *Adam Smith em Pequim* (São Paulo: Boitempo, 2008), onde ele propõe uma releitura de *A riqueza das nações*, de Adam Smith, em face da ascensão da China como potência mundial, fenômeno que está modificando o tabuleiro das relações internacionais. Arrighi enfatiza as previsões de mais de dois séculos, feitas pelo economista escocês, sobre uma sociedade mundial de mercado baseada numa maior igualdade entre as civilizações.

IHU On-Line - Qual é a sua interpretação, a partir da teoria de Adam Smith, sobre a transferência do epicentro da economia global da América do Norte para a Ásia Oriental? Como os ensinamentos de Smith nos ajudam a compreender mais essa crise global?

Giovanni Arrighi - A teoria de Adam Smith¹ sobre a riqueza das nações nos oferece muitas percepções sobre as causas prováveis do atual deslocamento do epicentro da economia global da América do Norte para a Ásia Oriental e sobre a crise subjacente de acumulação de capital em escala mundial. Mencionarei três percepções especialmente importantes. Embora Smith não fale de crises capitalistas, a idéia de que, ao longo do tempo, a acumulação de capital intensifica a concorrência intercapitalista e, por conseguinte, reduz a taxa de lucro, é uma idéia dele, e não de Marx. Neste sentido, a explicação do longo declínio dos últimos 30 anos dada por Robert Brenner e por mim é eminentemente smithiana. Além disso, a análise feita por Smith acerca dos limites de empresas de grande escala em comparação com divisões de trabalho entre unidades de produção menores é útil para explicar o recente ressurgimento da terceirização, bem como o deslocamento do epicentro da acumulação de capital para a

1 Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência A atualidade do pensamento de Adam Smith. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do Cadernos IHU Idéias, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para *download* no site do IHU. (Nota da IHU On-Line)

“A teoria de Adam Smith sobre a riqueza das nações nos oferece muitas percepções sobre as causas prováveis do atual deslocamento do epicentro da economia global da América do Norte para a Ásia Oriental e sobre a crise subjacente de acumulação de capital em escala mundial”

Ásia Oriental, uma região com uma oferta abundante não só de mão-de-obra de alta qualidade e baixo preço, mas também de empreendedorismo em pequena escala. Finalmente – em alguns sentidos isto é o mais importante –, a ênfase dada por Smith à “superioridade da força” como causa fundamental da capacidade das pessoas de descendência europeia em se apropriar de uma cota desproporcional das vantagens da divisão internacional de trabalho sugere que deveríamos ver os limites do poder militar americano – revelados primeiro no Vietnã e agora no Iraque – como uma das causas da atual migração do epicentro da acumulação de capital para um destino não-ocidental.

IHU On-Line - Esse novo rumo da economia global favorece que países? Por quê?

Giovanni Arrighi - Em parte, os países da Ásia Oriental estavam melhor posicionados para se beneficiar da nova conjuntura global por causa de sua disponibilidade de mão-de-obra e de recursos empresariais de pequena escala. Igualmente importantes foram as políticas governamentais que evitaram o endividamento acentuado que forçou países de outras regiões a se submeter às terapias de choque defendidas pelas agências do Consenso de Washington. Em termos gerais, uma robusta tradição autóctone de desenvolvimento baseado no mercado, não-capitalista, anterior à chegada dos europeus,

combinada com o impacto da revolução socialista dentro da China, criou condições ótimas para a Ásia Oriental transformar a integração crescente da economia global num instrumento de enriquecimento e empoderamento nacional e regional.

IHU On-Line - Quais são os efeitos da crise financeira americana para países da África, Europa e América Latina? Os impactos nacionais variam de acordo com a estabilidade de cada país?

Giovanni Arrighi - O impacto da crise de acumulação excessiva dos últimos 35 anos foi muito desigual ao longo do tempo e nas diversas regiões. Inicialmente, o impacto geral foi mais negativo para o Norte global do que para o Sul global, que, na década de 1970, beneficiou-se do crédito fácil e da melhoria das condições de comércio. A contra-revolução neoliberal do início da década de 1980, porém, produziu uma inversão súbita da situação, na medida em que os Estados Unidos começaram a concorrer acirradamente pelo capital excedente com o Sul global e as economias da Europa Oriental e da URSS. A concorrência mais intensiva teve resultados especialmente catastróficos para a África Sub-Saariana, a América Latina e a URSS, mas criou uma situação de incerteza generalizada em outras regiões também, incluindo a Europa Ocidental. Em anos recentes, uma nova inversão parece estar se formando, na medida em que a ex-

“De uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, a economia americana tem de passar por uma grande contração para reduzir o enorme déficit na conta corrente de seu balanço de pagamentos, que é insustentável no longo prazo e constitui a principal causa de instabilidade na economia global”

pansão econômica da Ásia Oriental (e menos da Ásia Meridional, isto é, primordialmente da Índia) acarretou uma melhoria nas condições de comércio de regiões ricas em recursos naturais e um número crescente de países dos antigos Segundo e Terceiro Mundos se libertaram da dependência financeira das agências do Consenso de Washington, principalmente do FMI. Mas se a nova conjuntura irá se traduzir numa melhoria do bem-estar de povos do Sul global continua sendo uma pergunta em aberto. Como nas fases anteriores da crise global, muito dependerá do que os governos farão individual e coletivamente. Se os governos continuarem a fazer concessões ao capital em concorrência uns com os outros, como fizeram nas décadas de 1980 e 1990, o bem-estar dos povos continuará a sofrer a despeito de melhorias na riqueza nacional. As melhorias no bem-estar exigem não só uma redistribuição de renda e outros recursos para os grupos menos privilegiados, mas também e especialmente investimentos pesados em sua saúde e educação.

IHU On-Line - Alguns dos especialistas que criticam a ajuda do governo americano ao mercado alegam que essas atitudes podem estimular a inadimplência dos bancos, já que eles sempre contam com o auxílio do Estado. Como o senhor avalia essa situação?

Giovanni Arrighi - De uma forma ou de outra, mais cedo ou mais tarde, a economia americana tem de passar por uma grande contração para reduzir o enorme déficit na conta corrente de seu balanço de pagamentos, que é insustentável no longo prazo e consti-

tui a principal causa de instabilidade na economia global. A contração pode ocorrer mais ou menos gradativamente, ou através de uma desvalorização maciça do dólar, como já ocorreu até certo ponto, ou através de uma redução absoluta ou relativa do PIB americano. A contração terá fatalmente repercussões negativas sobre a economia global, mas a gravidade dessas repercussões dependerá, em grande parte, de quão gradativamente ocorrerá o ajuste e do grau em que outros países e regiões tenham se libertado da dependência das exportações para o mercado americano e das finanças canalizadas por intermediários americanos.

IHU On-Line - A crise financeira internacional já provocou um prejuízo de quase US\$ 1 trilhão entre bancos e empresas americanas. Essas perdas podem se intensificar?

Giovanni Arrighi - Os prejuízos de empresas e especialmente de bancos americanos podem, sem dúvida, aumentar. Como já fez ao longo das crises presentes (e em crises passadas), o FED intervirá para impedir falências que ameacem desestabilizar mais ainda a economia americana. Não obstante as ideologias neoliberais dos mercados livres e auto-reguladores, esse sempre foi e sempre será o papel dele. Isto, naturalmente, resolve alguns problemas (por exemplo, impedindo colapsos súbitos e grandes como o da década de 1930), mas cria outros, como o fomento da irresponsabilidade financeira entre empresas que, com ou sem razão, acham que a mão invisível do Estado irá intervir para salvá-las de seus maus investimentos. Com o passar do tempo, porém, alguém vai

ter de pagar pelos maus investimentos. E, na medida em que os credores externos desenvolverem autodefesas eficazes, os consumidores, produtores e contribuintes americanos terão de pagar a conta no final.

IHU On-Line - Uma possível crise de alimentos no mundo pode prejudicar ainda mais a crise financeira internacional econômica? O senhor percebe alguma relação entre elas?

Giovanni Arrighi - A crise dos alimentos é parte integrante da crise da acumulação excessiva e da crise financeira. Num sentido, ela é uma expressão da recente melhoria nas condições do comércio de recursos naturais mencionada antes. Em outro sentido, é uma expressão do desvio de produtos agrícolas (principalmente milho) da produção de comida para a produção de energia (biocombustíveis). E, em outro sentido ainda, ela é uma expressão da especulação e da lassidão financeira americana.

Se os governos mobilizarem os recursos disponibilizados pelas melhores condições do comércio de recursos naturais para proteger ou tornar mais auto-sustentáveis os estratos da população mais duramente atingidos pelo aumento do preço dos alimentos, a crise dos alimentos (como a crise energética), poderá até ter efeitos benéficos no longo prazo. Entretanto, se os governos não fizerem nada ou, pior ainda, optarem por ações que facilitem a transformação das melhores condições do comércio de recursos naturais em lucros especulativos, então a crise dos alimentos poderá ter efeitos mais desastrosos para o bem-estar do que a crise financeira.

Teologia Pública

Teologia da Libertação e Aparecida: realmente uma volta ao fundamento?

Frei Luiz Carlos Susin e padre Erico Hammes fazem sua reflexão sobre a Teologia da Libertação e sobre o Encontro de Aparecida, a partir do polêmico e recente artigo de Clodovis Boff

POR GRAZIELA WOLFART

No ano passado, o teólogo Clodovis Boff escreveu o artigo “Teologia da Libertação e volta ao fundamento”, que foi publicado pela *Revista Eclesiástica Brasileira – REB*, número 268, de 2007. Uma síntese do artigo foi publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 04-05-2008. O resumo, intitulado *Documento de Aparecida faz a Teologia da Libertação “voltar ao fundamento”*, está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu. O texto tem, desde então, suscitado polêmica dentro da Igreja, principalmente entre os seguidores da Teologia da Libertação (sobre o tema, confira a edição 214 da *IHU On-Line*, intitulada Teologia da Libertação, de 02-04-2007). Segundo Boff, em seu artigo, faltou à Teologia da Libertação, a “realmente existente, a que tem atrás de si quarenta anos de caminhada e cuja evolução já deixa ver traços exigindo crítica e retificação”, consistência epistemológica. Mais: segundo o teólogo, “por falta de uma epistemologia rigorosa e clara, a Teologia da Libertação labora em ambigüidades; laborando em ambigüidades, cai no erro de princípio. E do erro de princípio só podem provir efeitos funestos”.

A *IHU On-Line* decidiu repercutir o debate, entrevistado dois renomados teólogos a respeito. Você lerá, a seguir, uma entrevista com o frei e professor Luiz Carlos Susin, feita por e-mail, e com o padre e professor Erico Hammes, realizada por telefone.

Luiz Carlos Susin, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, é professor na PUCRS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), em Porto Alegre. Ele é autor de inúmeros livros, entre os quais, citamos o livro, organizado por ele, *Teologia para outro mundo possível* (São Paulo: Paulinas, 2006).

Erico Hammes, padre, é doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Leciona, atualmente, na PUCRS. Desenvolve, principalmente, os seguintes temas: Cristologia, América Latina e Religião. É autor de, entre outros, *Filii in Filio. A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995).

IHU On-Line - Em que os “questionamentos críticos” de Clodovis Boff à Teologia da Libertação se distanciam e em que se aproximam dos questionamentos feitos pela Congregação para a Doutrina da Fé na “Instrução sobre alguns aspectos da ‘Teologia da Libertação’”, de 6 de agosto de 1984?

Luiz Carlos Susin - Evidentemente, os questionamentos de Clodovis¹ provêm “de dentro” da Teologia da Libertação, de alguém que esteve muito tempo entre os protagonistas. E por isso têm um peso diferente. De certa maneira “mais pesado”, já que os questionamentos de Roma provinham de um horizonte amplo e teórico, numa linguagem de retórica tipicamente doutrinária e curial, enquanto Clodovis faz afirmações diretas, num “de repente” sem rodeios e sem grandes explicações. Isso supõe a familiaridade dele e dos seus leitores, exigindo um debate.

Erico Hammes - O artigo de Clodovis Boff se aproxima na medida em que coloca a Teologia da Libertação em crise e o faz de uma maneira total, abrangente. Na realidade, a instrução de 1984 aborda fundamentalmente duas questões que são, de um lado, a parte da metodologia e, de outro, a concepção da liberdade humana e, por conseguinte, também a salvação. Mas há aqui a ressalva reiterada de que aquilo que vai ser dito não sirva de desculpa para manter o *status quo* de opressão das pessoas e nem sirva como justificativa para condenar aqueles que sinceramente se ocupam pela busca da libertação dos pobres. Então, quando relemos a instrução de 1984, vemos que ela é relativamente amena em relação a uma posição como a do Clodovis, que, sob certos aspectos, parece muito mais dura. Embora defenda a opção pelos pobres, o faz a partir de uma perspec-

tiva cristo-cêntrica. Outro aspecto que nesse artigo de Clodovis fica mais acentuado é o tema da metodologia da Teologia da Libertação. A instrução de 1984 se atinha à crítica ao uso do marxismo, enquanto que no artigo de Clodovis há uma referência, de certo modo, ao ver, julgar, agir, mas não uma referência no sentido de uma construção do ver.

IHU On-Line - A crítica de Clodovis Boff aos fundamentos da Teologia da Libertação aponta para uma nova proposta epistemológica? Há algo de novo para nosso tempo? O documento de Aparecida possibilita que a Teologia da Libertação retome o seu fundamento?

Luiz Carlos Susin - Ele propõe uma “volta” ao “princípio regente” de toda construção teórica da Teologia. Ele parece não acreditar numa interpretação circular entre os três momentos da teologia (sócio-analítica, hermenêutica, prática), e prefere uma linearidade lógica a partir de um princípio, de uma teologia primeira, passando para teologias segundas etc. E esta linguagem é estranha à Teologia da Libertação. Além disso, ele insiste na fé como lugar da elaboração da teologia primeira, e não valoriza na mesma altura a prática do amor, da misericórdia, que é a fé ainda não intelectual, mas em ato, em prática. Deus é amor, e então é pelo amor que experimentamos e conhecemos Deus. Deus é santo, e o caminho da santidade é o amor. Seremos julgados não pela fé que tivemos, mas pelo amor que praticamos. Não há razão para tanta insistência no único princípio da fé como primeiro princípio e regente de toda a teologia. Categorias consagradas como a do “Reino de Deus”, que é o ponto de vista não narcisista do próprio Deus, que está evangelicamente mais interessado em suas criaturas do que nele próprio, em que a misericórdia vale mais do que muita oração, parece não ter peso suficiente para Clodovis. Provavelmente, ele discordaria de minhas observações, e precisaríamos debater, o que muitos teólogos e teólogas estamos desejando.

Erico Hammes - A impressão que se tem é de que Clodovis procura falar em dois níveis de Teologia. Um nível seria o básico, que deveria ser universal, para todos, e depois poderia haver diferenciações, espécies secundárias de teologia, outras teologias possíveis, mas sem perder essa linha de reflexão tradicional de uma relação direta ao texto e do texto para um pensamento. Depois, num segundo momento, se faria uma espécie de aplicação. Isso é o que se pode imaginar como presente no pensamento de Clodovis e de certo modo estaria coerente com a proposta desde a sua tese de doutorado, publicada no Brasil em 1978,² quando ele falava em teologia zero, teologia um e teologia dois. Teologia zero seria a reflexão racional da fé; teologia um seria a teologia tradicional; e teologia dois seria as chamadas teologias do político, na época. Só que, a meu ver, hoje ele vai mais longe e de fato supõe uma teologia intermediária entre a reflexão racional e a teologia contextualizada. Isso é simplesmente uma concepção ingênua no sentido epistemológico, porque não existe a possibilidade de fazer uma teologia neutra. Teologia neutra é um postulado, porque todos nós, quando pensamos, fazemos isso com pressupostos implícitos ou explícitos. E ninguém pode hoje fazer teologia sem essa origem própria em que ela está inserida. Então, essa teologia absoluta não existe como teologia. Eu colocaria muito mais aí o discurso religioso, o pensamento racional, depois a reflexão da fé, o ato de crer, e, em seguida, então, a teologia, mas a teologia como reflexão consciente, com os pressupostos da realidade. Isso é o que, de fato, a Teologia da Libertação tenta fazer. Refletir a fé com os pressupostos da realidade latino-americana. Não há uma contribuição nova aí. O que Aparecida³ faz é tentar, de um lado,

¹ Clodovis Boff concedeu entrevistas à IHU On-Line número 125, de 29-11-2004, e na edição 224, *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, de 20-07-2007. A entrevista “O Documento de Aparecida é o ponto mais alto do Magistério da Igreja latino-americana e caribenha” está disponível no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

² BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: Teologia do Político e suas mediações* (Petrópolis: Vozes, 1978). (Nota da IHU On-Line)

³ Sobre a conferência de Aparecida, confira a IHU On-Line número 224, de 20-06-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*. (Nota da IHU On-Line)

receber o contexto latino-americano e há um esforço nesse sentido (e esse é o problema em que Clodovis quer ver a recuperação do fundamento) de fazer uma reflexão colocando Jesus Cristo como sendo o referencial absoluto. Ora, o Jesus Cristo de que Aparecida fala precisa estar situado dentro do contexto latino-americano ou então no contexto europeu. Não tem como apresentar Jesus Cristo em si mesmo, como se pudéssemos entrevistá-lo pessoalmente, deixá-lo falar à vontade e só ouvirmos. Isso não existe. Nem no tempo de Jesus não existia. Ele sempre atuou dentro do contexto da Palestina e, se ele se faz presente na América Latina, também se fará presente nesse contexto também. O que Aparecida acaba fazendo é propor Jesus Cristo como fundamento, mas não para dar definições absolutas de Jesus como se Ele não tivesse nada a ver com a realidade. E quando o Papa Bento XVI vincula, por exemplo, a opção pelos pobres a Jesus e ao Evangelho, ele tem razão, mas só se tiver essa sensibilidade. Caso contrário, não. Porque, historicamente, o que acontece é um longo discurso sobre Jesus Cristo, mas sem levar em consideração a sua vinculação com os pobres. A prova definitiva disso é que o tema da opção pelos pobres só aparece na Igreja na segunda metade do século XX. Isso no artigo do Clodovis não aparece. Para ele, ao se adorar Jesus, automaticamente vai se cuidar dos pobres e isso não é verdade. Só vamos cuidar dos pobres se tivermos o coração sensibilizado por essa realidade e percebermos que Jesus tem o coração voltado para os pobres. Os pobres nos ajudam a encontrar Jesus e, no momento em que percebemos essa relação, mudará nossa concepção cristológica. Falamos aqui de uma espécie de círculo hermenêutico entre os pobres e Jesus Cristo.

IHU On-Line - Quando foi publicada a tese de doutorado de Clodovis Boff, ela foi avalizada por importantes teólogos da libertação como um marco teológico fundamental para a teologia latino-americana. Clodovis

mudou? Ou mudou a Teologia da Libertação? Se sim, em que consiste a mudança?

Luiz Carlos Susin - A tese de doutorado de Clodovis continua sendo um marco histórico em nossa teologia, citado em todos os continentes até hoje. Ele mesmo não desdiz o seu estudo, mas pode-se comprovar em um texto autobiográfico de Clodovis que eu mesmo editei, com o título *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina* (São Paulo: Loyola, 2000), o acento cada vez mais intenso no único princípio regente de toda a teologia, a Revelação de Deus recebida na fé. Penso que Clodovis se preocupou cada vez mais com o real problema da instrumentalização da teologia e da sua redução a slogans de militância, como também com a questão da espiritualidade adorante do Mistério não manipulável de Deus. Mas a Teologia da Libertação teve sempre cuidado e produziu sempre muitas reflexões nessa direção. É até irritante ouvir e ler críticas à Teologia da Libertação que, neste ponto e em outros, revelam que pessoas que criticam, na verdade, desconhecem autores e textos, falam de ouvir dizer, adotam slogans por preguiça intelectual ou falta de tempo.

Erico Hammes - É evidente que Clodovis mudou. Por exemplo, há um livro dele daquele período (*Comunidade eclesial-comunidade política: ensaios de eclesiologia política* Petrópolis: Vozes, 1978), em que ele se posiciona com clareza contra a doutrina social da Igreja, dizendo que ela não dá conta da realidade e que é preciso atender a densidade do real. Então, do ponto de vista metodológico, naquele momento, ele tem uma posição muito diferente da atual. Ele se tornou um teólogo mais preocupado com um conceito de verdade em si, de princípio. E também por outros contextos, não só por esse artigo, se sabe que Clodovis tem uma resistên-

cia muito grande, uma contraposição ao chamado pensamento frágil, o *pensiero debole*, de Gianni Vattimo,⁴ e dos pós-modernos. Por conseguinte, a preocupação dele é com um cristianismo e uma teologia que sejam fortes, duras, retilíneas. A Teologia da Libertação certamente mudou também. Mas mudou no sentido de se abrir mais para a realidade cultural, de gênero, para as realidades interiores e de pensamento. E é evidente que ela tenha que mudar porque a realidade muda e se ela quiser ser fiel à realidade ela tem que mudar também. Mas essas mudanças são diferentes do que acontece em Clodovis. Neste caso, há uma volta ao fundamento *dele*. O que ele chama de volta ao fundamento da Teologia, na verdade, é uma volta ao fundamento dele.

IHU On-Line - O senhor acha que os teólogos da Teologia da Libertação se sentem representados e se identificam com os argumentos apresentados por Clodovis em seu artigo?

Erico Hammes - Posso falar pelo testemunho que tenho de um, que é Jon Sobrino.⁵ Ele se sentiu profun-

4 Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de "pensamento fraco". Concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003; a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004; e a terceira na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a IHU On-Line, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Nessa oportunidade, ele concedeu a entrevista "O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo", publicada na editoria *Entrevista da Semana*. Outra contribuição à IHU On-Line aconteceu na edição *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista "O nazismo e o 'erro' filosófico de Heidegger". Dele, também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 01-11-2004, um artigo na edição 53, de 31-03-2003 e outro no número 80, de 20-10-2003. A editoria *Livro da Semana*, na edição 149, de 01-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación* (Barcelona: Paidós, 1995), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996), *Introdução a Heidegger* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da IHU On-Line)

5 Jon Sobrino: teólogo espanhol e jesuíta. Dou-

damente magoado por esse artigo. E isso porque o Clodovis faz uma referência explícita à notificação do Vaticano a Jon Sobrino. O problema é que Clodovis entende a verdade como verdade cartesiana. Isto é, a coisa é verdadeira por si mesma, e nós temos a capacidade de pegar essa coisa verdadeira na sua neutralidade. De fato, isso não acontece assim. Outro problema é que, para Clodovis, a Teologia é a reflexão das coisas de Deus. Enquanto que na concepção tradicional se deve ter presente que a Teologia é reflexão da fé e não de Deus diretamente. E muito menos se deve confundir o discurso da Teologia com a realidade refletida que é Deus, mas Deus por meio da fé. Então, o que Jon Sobrino diz é que a plenitude da fé é a caridade. E, quando fazemos reflexão de Teologia, devemos refletir a caridade, o amor. E, se pensarmos que a primeira encíclica de Bento XVI tem como tema *Deus Caritas Est* e a Teologia tem a preocupação de refletir a Deus, então nada mais justo que dizer que a Teologia é a inteligência do amor (*intellectus amoris*). Esse aspecto Clodovis não entendeu de forma alguma, por causa da sua obsessão por um determinado conceito de verdade em si, e não um conceito de verdade como a Bíblia o entende, que é caridade, amor. Evidentemente que Leonardo Boff não se sente representado,⁶ pois já se manifestou em uma carta sobre o assunto. E posso dizer que, de forma geral, os teólogos da libertação não se sentem

torou-se em Teologia com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologías sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana, de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da *Revista Latinoamericana de Teología* e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da *Revista Internacional de Teología Concilium*. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU nas *Notícias do Dia*, bem como o artigo “A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino”, publicado na editoria Teologia Pública, escrito pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ Leonardo Boff comenta o artigo de Clodovis Boff. Confira no sítio do IHU o artigo “Pelos pobres contra a estreiteza do método”. (Nota da *IHU On-Line*)

representados por essa forma de teologia, sobretudo pelo tom agressivo e distorcido que existe no artigo de Clodovis.

IHU On-Line - Os questionamentos de Clodovis Boff à Teologia da Libertação e as reações que despertam colocam em discussão a afirmação do pobre como “lugar teológico”. Quais as principais dificuldades e possibilidades teológicas dessa afirmação?

Luiz Carlos Susin - Este é o cerne da questão! Afirmar que a fé cristã reconhece a partir dos evangelhos uma relação intrínseca entre Deus e os pobres deste mundo é algo central na Teologia da Libertação. E, afinal, de toda teologia que se pretenda “cristã”. Pobres não são somente miseráveis lascados, embora estes mereçam ainda mais o socorro samaritano. Pobre, na América Latina, é quase todo o povo, “gente humilde em barracão de zinco sem telhado”, como diz uma canção bem brasileira, mas povo humilde que reza na hora da Ave Maria. A Teologia da Libertação associou “Pobres” com “Povo de Deus”, Povo de Jesus. É o “lugar teológico” mais precioso do cristianismo, em que Deus se revela na “loucura e escândalo”, no avesso de uma religiosidade pagã que só pensa Deus como Poderoso, Imortal, Princípio etc. A dificuldade da aceitação do pobre como um “lugar teológico” cristão é a exigência de ruptura do conhecimento religioso e de conversão deste conhecimento praticamente ao avesso: não simplesmente um “Deus grande lá em cima”, mas um “Deus humilde lá embaixo”. É olhando para baixo e indo para baixo que encontramos cristãmente a grandeza real de Deus.

Erico Hammes - Quando se fala do pobre como “lugar teológico”, precisamos lembrar que o conceito de “lugar teológico” é bastante complexo. Mas podemos entendê-lo como uma espécie de ponto de partida de reflexão. Hoje, percebe-se a necessidade de se pensar a partir da realidade pobre. E, como tal, o pobre é um lugar teológico, pois ele faz pensar. Esse é o senti-

do. O pobre é lugar teológico também pela identificação do Deus judaico e cristão com os pobres. O pobre é um sacramento direto do mistério divino. Ele é lugar teológico enquanto é lugar da presença sacramental de Deus no sentido de crucificado. E aí Jon Sobrino fala sobre os crucificados da história, que é uma expressão que ele toma de Ignacio Ellacuría.⁷ A partir dos crucificados da história, estamos vendo Deus (ou o filho de Deus) sendo crucificado novamente.

IHU On-Line - Que implicações existem para todo discurso teológico o reconhecimento de que Deus vem a nós pelo caminho da quenesse do Verbo que se fez carne frágil e mortal? A pergunta pelo princípio teológico não deveria estar implicitamente relacionado aos lugares teológicos que o próprio Deus assumiu?

Luiz Carlos Susin - É claro: esta é a “luta de deuses” – ou de “imagens de Deus” com todas as suas conseqüências – que está no coração cristológico da Teologia da Libertação. E por isso Jon Sobrino, nosso cristólogo maior, não pode ser compreendido por quem não assume este ponto de vista, que é extremamente exigente, não para os pobres, mas para os teólogos e para a Igreja em geral. Bento XVI afirmou, em Aparecida, que a “opção preferencial pelos pobres” é intrínseca à fé cristológica, e os bispos citam o Papa no documento final. Tanto o Papa quanto os Bispos entenderam que a fé em Cristo conduz aos pobres para levar o Evangelho e para socorrê-los. Ora, a Teologia da Libertação, na sua

⁷ **Ignácio Ellacuría**: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. Sobre Ellacuría, confira a entrevista especial concedida por Héctor Samour, em 16-11-2007, ao site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, www.unisinos.br/ihu, intitulada “Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros”. Na mesma data, nosso site publicou a notícia “Ignacio Ellacuría e companheiros assassinados no dia 16-11-1989”. (Nota da *IHU On-Line*)

crisologia e na sua eclesiologia, diz algo ainda mais radical e necessário: Cristo — e Deus, conseqüentemente — se deixa encontrar identificado com o pobre! É claro que Cristo está na Eucaristia, na comunidade, inclusive na Criação da qual é cabeça, mas o teste, a prova de fogo, é o lugar mais humilde e mais escandaloso: o pobre. Não adianta querer amaciar o Evangelho. Para justificar a sofisticação na Igreja, é necessário utilizar outros argumentos, que têm seu peso também, mas não podem pesar tanto quanto o pobre. Este é o ponto de vista de Cristo, de Deus.

Erico Hammes - Certamente. O tema da quenose pertence a toda a grande tradição religiosa em última instância e, no nosso caso particular, ao judaísmo e ao cristianismo. De um lado, está o sangue de Abel, o justo, que grita, e isso significa que, no Primeiro Testamento, o Senhor se reconhece no clamor do sangue. Nos campos de concentração nazista, a cena de uma criança crucificada fez com que alguém na fila, na hora do almoço, perguntasse “onde está Deus?” e Eli Wiesel,⁸ que é Prêmio Nobel da Paz, responde “aí está Deus”, referindo-se à criança crucificada. Ou seja, a onipotência de Deus, diz Tomás de Aquino, é o poder da misericórdia, da compaixão, do amor. Quando dizemos “creio em Deus pai todo poderoso”, o poder de que estamos falando não é o poder de dominar, de estar acima, de ir para além da realidade, mas é o poder de fazer novas todas as coisas. Esse sentido da quenose faz com que ali onde menos existe esperança, o poder de Deus está mais forte. Quando me sinto fraco, daí sei que sou forte. Onde existe a fraqueza, aí está o poder de Deus.

⁸ Elizer Wiesel, mais conhecido como Elie Wiesel (1928): judeu nascido na Romênia sobrevivente dos campos de concentração nazistas que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1986 pelo conjunto de sua obra, quase 40 livros, montada para resgatar a memória do Holocausto e defender outros grupos vítimas de perseguições. Atualmente, mora na cidade de Nova Iorque e tem cidadania americana. O Comitê norueguês do Nobel chamou-o de “mensageiro para a humanidade”. (Nota da IHU On-Line)

Esse é o sentido da quenose.

IHU On-Line - Em Jesus de Nazaré, o discurso sobre o Reino, sobre o Deus do Reino e a ação em favor dos pobres são intimamente vinculados, relacionados. Como isto se situa frente à discussão sobre o primum epistemológico levantada por Clodovis Boff?

Luiz Carlos Susin - É justamente aqui que precisamos debater com ele. Para Deus, do ponto de vista de Deus, o “Reino de Deus” é maior do que o próprio Deus: inclui Deus e também a Criação de Deus, com especial cuidado para com as criaturas mais frágeis e mortais. Por isso, Deus é o Pai do Reino, o Filho é o missionário do Reino, o Espírito é o seio do Reino, e a Trindade está voltada para fora de si, na centralidade da “quarta pessoa” da Trindade que são os destinatários e convivas do Reino. A glória de Deus é a sua criatura viva, interpretando Santo Irineu. É uma glória não narcisista, em que Deus não está interessado em ser o centro e o primeiro. É verdade que, para a sua criatura, a glória é ver Deus, mas o não-narcisismo de Deus nos faz vê-lo na humildade do pobre: a paradoxal glória de Deus num mundo injusto é que o pobre viva. Assim, quando o pobre se alegra em Deus, ele, o pobre, nos oferece um lugar comvente de experiência de Deus e do Reino, sem separação nem prioridades. O primum lógico de Clodovis, o “princípio regente”, soa de forma escolástica e aristotélica, segue uma lógica que nos esforçamos por abandonar. A circularidade é que dá conta de uma leitura teológica cristã da realidade.

Erico Hammes - O conceito de reinado de Deus só faz sentido pela tradição do próprio conceito de reino do antigo Oriente. A função do rei era cuidar dos órfãos, das viúvas, dos estrangeiros e dos pobres em geral. O resto não precisava de cuidado, pois estava incluído nas tribos ou nos clãs. Quando no judaísmo se aceita essa idéia do reinado de Deus, se diz primeiro que só o senhor é nosso rei,

isto é, dos que carecem de cuidado. Quando na discussão da monarquia se aceita a introdução do reinado, foi em vista da fidelidade ao senhor. À medida que a monarquia não cumpre sua função de cuidado, surge o profetismo como crítica. E, quando Jesus começa a anunciar a vinda do reinado de Deus, ele está dizendo “Deus está vindo para cuidar dos pobres”. Os pobres são o clamor de Deus e se quisermos servir a Deus precisamos ser sensíveis a esse clamor. E, a partir desse clamor, pensar na nossa fé. O maior problema do Clodovis é querer estabelecer um primeiro passo, para depois ter uma conseqüência. Não. Ou se encontra o pobre e se aceita o pobre e ele nos faz repensar a Deus, ou não encontramos nem a Deus nem ao pobre. Para a tradição bíblica, as coisas não podem ser colocadas como um antes e um depois. Na história do cristianismo, as duas coisas se deram de forma muito interligada.

IHU On-Line - O enfrentamento desta polêmica sobre o primado epistemológico — Deus ou o pobre — não exigiria retomar o conceito de fé subjacente a esta polêmica?

Luiz Carlos Susin - Há, de fato, diferentes formas de fé subjacentes a diferentes maneiras de abordar esta delicada relação entre Deus e o pobre. Prioridade de Deus sobre o pobre ou do pobre sobre Deus são prioridades falsas porque não conseguem pensar os dois juntos, inclusive identificados, segundo Mateus 25. Ou no mesmo lugar, segundo todo o relato evangélico. Portanto, não se trata de “ou ou”, mas de “e”. Toda prioridade aqui é claudicante e pode ser o princípio de um desvio funesto. É necessário pensar de forma complexa, em círculo, e não em linearidade lógica. Quando Clodovis diz que a Teologia da Libertação colocou o pobre no lugar de Deus, e se dissesse também que colocou Deus no lugar do pobre, ou seja, ambos no mesmo “lugar teológico”, isso seria aceitável. Mas ele entende que o pobre “substituiu” Deus no discurso da Teologia da Libertação, e isso causa um enorme espanto: é pesada acusação que

acreditamos não ser justa. Ele diz também que se teria colocado nos ombros do pobre um peso que ele não pode suportar. É o contrário: coloca-se uma unção que o faz recuperar sua dignidade diante dos pesos de sua vida. Quando estou em celebração com o povo pobre numa vila de Porto Alegre e olho aqueles rostos marcados, dizendo convicto que ali somos a família privilegiada de Deus, que não há dignidade maior neste mundo do que isso – e vejo uma reação de santo orgulho meneando afirmativamente a cabeça –, então penso: isto é o evangelho inteiro! O peso teológico difícil de levar é nosso, dos teólogos, dos pastores, que temos que ser rigorosos e coerentes. O peso dos pobres já é o peso da vida dura. Que eles são os preferidos, isso é lógica de mãe, e torna mais leve a dureza das suas vidas. Em suma: uma fé teocêntrica que desconsidere o “lugar teológico” de carne e osso do pobre ou o coloque em um “segundo lugar” arrisca seriamente venerar um ídolo, uma fantasia de onipotência de seu narcisismo projetado em Deus. O pobre é um lugar duro da realidade que não deixa a fé ter ilusões.

Erico Hammes - É claro. Eu tenho dificuldade em falar de um primado epistemológico entre Deus e os pobres. Eu diria que há uma circularidade epistemológica. Crer não consiste biblicamente em dizer “Senhor, Senhor”. Crer significa ouvir a palavra e pô-la em prática. No entanto, a palavra se faz carne, isto é, se faz realidade. E aí voltamos ao tema da quenose.

IHU On-Line - Clodovis Boff assinala que a Teologia da Libertação cedeu demais à modernidade. Como a Teologia da Libertação assimila esta crítica? Quais são as possíveis contribuições da posição radical de Clodovis Boff?

Luiz Carlos Susin - A Teologia da Libertação se inseriu, desde o seu início, na espessura da historicidade: é uma forma radical de teologia da história, e por isso vai se transformando com o andar da história. Hoje

há quem acuse o próprio Concílio Vaticano II de ter cedido demasiado ao tempo histórico da modernidade. A leitura marxista da história, a “luta de classes” etc. – em que a Teologia da Libertação encontrou algumas afinidades importantes mas também rejeitou axiomas centrais (como o materialismo histórico e a luta de classes como método) – deram o que pensar à Teologia da Libertação, assim como Kant e outros iluministas deram o que pensar à teologia europeia do século XX, o que não quer dizer que se trate de uma teologia kantiana! A Teologia da Libertação na verdade “respondeu” cristãmente às objeções de Marx à fé, como a teologia europeia às questões de Kant.⁹ Não se pode mais pensar em transformação da realidade latino-americana sem a fé centrada na proximidade de Deus com o povo. Disso até Hugo Chávez sabe. Quanto mais o povo paraguaio, que elegeu um bispo católico para presidente da República.

O mérito maior de Clodovis, em seu artigo, é ter levantado, num “de repente”, uma poeira enorme que permite colocar em debate a teologia legitimamente latino-americana com grande potencial no momento em que ela é bem aproveitada no documento final de Aparecida, mas onde não se ousa dizer seu nome. Talvez nem fosse oportuno e nem necessário dizer seu nome, contrariamente ao que afirmava João Paulo II nos inícios da década de 1980 aos bispos do Brasil - que a Teologia da Libertação é oportuna e necessária. Basta que ela possa cumprir sua missão.

Erico Hammes - Clodovis tem um

⁹ Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*. (Nota da IHU On-Line)

problema com a pós-modernidade; para ele, ainda estamos na modernidade. O que ele entende por modernidade é o fato de termos cedido às idéias liberais, à crítica ao cristianismo e a uma espécie de laicismo e ele considera que a Teologia da Libertação teria cedido a isso também. Quando conhecemos as diferenças teológicas entre a teologia europeia e a latino-americana, é verdade que na Europa, especialmente na Alemanha, na primeira metade do século XX, a teologia protestante teve uma forte influência da modernidade nesse sentido. Ela procurava responder a esse sujeito da modernidade, que era um sujeito ilustrado, que queria responder a todas as coisas com a luz da razão. A América Latina é, de certo modo, moderna, mas também convive com situações que não têm nada a ver com a modernidade. No entanto, a modernidade não é problema da Teologia da Libertação. Essa teologia se preocupou muito mais com a situação de opressão da realidade latino-americana e de pobreza real das pessoas. A acusação de que a Teologia da Libertação teria sucumbido à exegese liberal europeia é uma coincidência com o documento de 1984. E isso não confere. O conceito de modernidade que Clodovis usa está muito próximo de uma intriga que Ratzinger tem com o pensamento moderno, que é representado por Habermas, pela Escola de Frankfurt, e aí sim tem muita discussão em jogo. E a idéia de Clodovis poderia ser no sentido de negar a legitimidade da democracia para o pensamento.

LEIA MAIS...

>> Confira nas *Notícias do Dia* do site do IHU, www.unisinos.br/ihu, as entrevistas:
* *Uma visão idealista e uma afirmação muito identitária*, de 11-07-2007.
* *II Fórum Mundial de Teologia e Libertação*, de 09-02-2007.

Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Arteplex, do Shopping Bourbon.

O sonho de Cassandra

Ficha técnica

Título original: Cassandra's dream

Diretor: Woody Allen

Gênero: Drama

Tempo de duração: 108 minutos

Ano de lançamento: (EUA / Inglaterra / França): 2007

Elenco: Ewan McGregor (Ian), Colin Farrell (Terry), John Benfield (pai), Clare Higgins (mãe), Tom Wilkinson (Howard)

Resumo: Ian (Ewan McGregor) e Terry (Colin Farrell) são irmãos que decidem comprar o barco "Cassandra's Dream", apesar dos problemas financeiros que ambos atravessam. Quando ambos estão precisando de dinheiro, aproveitam a visita de um tio para lhe pedir dinheiro. Mas, em troca, o tio quer que eles matem uma pessoa capaz de prejudicá-lo.

Uma tragédia contemporânea

POR ANDRÉ DICK

O sonho de Cassandra, de Woody Allen, é um dos filmes certamente mais surpreendentes do ano. Não só porque Allen volta à sua antiga forma, depois do sofrível *Scoop*, mas porque apresenta uma trama que não fica nada a dever aos melhores filmes clássicos de suspense feitos nos anos 1950, com uma montagem, talvez, mais moderna. Alguns críticos compararam sua nova obra com *Match point – Ponto final*, que tinha sua atriz preferida atualmente, Scarlett Johansson. No entanto, a meu ver, embora haja pontos semelhantes entre as duas, eles acabam sempre ressaltando mais *O sonho de Cassandra*. Ou seja, em *Match point* havia ainda um traço excessiva-

mente alegórico na atitude do rapaz que fazia qualquer coisa por dinheiro, escondido por trás de uma aparência tranqüila e interessado num comportamento idílico ao lado da namorada.

O início de *O sonho de Cassandra* parece trazer uma espécie de drama de costumes simples, voltados a um cotidiano londrino contemplativo. Os irmãos Ian (Ewan McGregor) e Terry (Colin Farrell) estão interessados em comprar um barco para velejar e, portanto, para seu descanso. No entanto, percebe-se que eles não têm absolutamente nenhuma sustentação financeira. Mesmo assim, apostando como num jogo de cartas ou numa corrida de cães (e o filme não poderia ter melhor

analogia), eles compram o barco e o batizam como "Sonho de Cassandra". Depois, descobre-se que Terry vive de jogos e sonhos, trabalhando numa oficina e bebendo muito nas horas vagas. O outro, Ian, está preso ao restaurante do pai, mas sonha em trabalhar como sócio numa rede de hotéis na Califórnia. Em dias de folga, pede a Terry para usar alguns jaguares deixados na oficina para aparentar uma pretensa riqueza. São perspectivas diametralmente opostas, que vão colidir, em determinada altura, quando pedem ajuda ao tio ricoço (Tom Wilkinson, com seu tom frio, característica desde *Entre quatro paredes*, vital, numa cena emblemática, para a compreensão do

filme) para saldarem algumas dívidas e construir negócios próprios. No entanto, o pedido em troca do tio é matar alguém que pode entregar à justiça alguns de seus negócios escusos.

A partir desse pedido, o que antes parecia um drama de costumes, com o fato de irmãos terem o sonho de velejar nos finais de semana, começa a envolver um clima claustrofóbico, em que ambos precisam lidar com os limites impostos pela consciência. Da mesma maneira, surge a questão da ética, ligada – na figura do irmão Terry – aos preceitos éticos e religiosos, que dizem não permitir determinada ação pecaminosa. A essa trama, Allen costura a idéia de como a família deve se ajudar. Isso porque a constituição de uma família própria é, também, uma obsessão dos irmãos. Terry quer comprar uma casa para viver com a namorada; Ian quer se mudar para a Califórnia com uma atriz de teatro que acabou de conhecer. A atriz, no entanto, ao contrário da figura masculina, é volúvel: dorme, por exemplo, com um diretor para conseguir papéis. Ou seja, Allen parece posicionar a união familiar com uma individualidade que deve escapar a preceitos universais e mesmo à realidade, sobretudo na figura da atriz, que se esconde por meio de seus personagens.

Os interesses que surgem nessa união familiar, ao mesmo tempo, parecem ameaçar o posicionamento de dedicação aos mandamentos da Bíblia. Desse modo, os irmãos se debatem com a questão: devem ou não matar o homem que pode prejudicar o tio rico? O que vale mais: a conservação da idéia de que não se deve tirar a vida do próximo, ou a mudança de vida, por meio do dinheiro, e a “união” familiar? Tais dúvidas voltam a remoer sobretudo o personagem Terry, para quem a religião passa a ser uma espécie de fuga da realidade, antes vivida por meio do vício por ganhos em jogos. Os irmãos, afinal, devem cometer o crime para que possam realizar seus planos e saldar suas dívidas. O apego à religião, para que a consciência possa descansar, tem algo de substancial, na visão de Allen. Ou seja, o cineasta apresenta os dois irmãos como pessoas interessadas na constituição de

“O início de *O sonho de Cassandra* parece trazer uma espécie de drama de costumes simples, voltados a um cotidiano londrino contemplativo”

uma família e em sua sustentação. No entanto, para que consigam isso – na situação-limite da trama –, eles se vêem obrigados a tentar rever sua formação religiosa. Allen não parece falar da consciência verdadeira como algo distante, no caso de Terry, sobretudo, dos jogos e da realização pessoal, mas, da mesma maneira, como um distúrbio, igualmente irreal e que leva a um plano claustrofóbico, sem saída. Ou seja, Allen parece não indicar uma saída: ele, pelo contrário, visualiza a falta de equilíbrio que há entre o concreto – a necessidade imediata – e o que é difícil de se manifestar: a consciência verdadeira. Do mesmo modo, não se sabe se Allen quer afirmar que a mulher, figura pela qual os irmãos arriscam a vida, traz uma destrutividade e a conseqüente tragédia. Tal saída não seria incomum na obra de um cineasta também caracterizado pelo deboche em cima do universo feminino (embora o contrabalance com uma sensibilidade, a exemplo do que vemos em belos filmes, como *A rosa púrpura do Cairo* e *Hannah e suas irmãs*). Mesmo assim, no final do filme, parece que o universo feminino é visto como o oposto completo do homem – e sob um viés positivo, o que deixa em suspenso, mais ainda, os objetivos do diretor, mas mostrando que ele desenvolve uma complexidade quando se dedica a projetos dramáticos. Isso se percebe quando ele filma o pedido do tio aos sobrinhos embaixo de árvores, sob uma chuva fria, como se esta ainda fosse capaz de limpar a consciência dos personagens.

O dinheiro é o principal elemento da obra recente – e mais pendente

para o drama – de Allen. Em *Match point*, sobretudo, a tragédia se dava em razão dele. Mas mesmo nos momentos mais bem-humorados de Allen, como *Trapaceiros* ou *Dirigindo no escuro*, o dinheiro é visto como uma saída caricatural da sociedade de consumo. Allen dá a impressão de brincar a distância – desde que começou a filmar em Londres – com o fato de que está cada vez mais longe de Hollywood e sua obsessão monetária. Em certos momentos, Allen remete essa consciência da sociedade consumista – um tema bastante presente em dois de seus melhores filmes dos anos 1990, *Maridos e esposas* e *Tiros na Broadway*, este num viés bem-humorado – a um espaço sem resposta, a um limite com a própria existência. Quando não há saída diante deste espaço, o tom, portanto, de tragédia, se anuncia, sobretudo por meio da trilha sonora soturna de Phillip Glass (que compôs a música em tom crescente do dramático *As horas*) e da fotografia sombria de Vilmos Szizmond. Também está presente nos diálogos, que misturam conhecimentos teatrais. Allen joga, nesse ponto, com a visão da mimesis aristotélica e na citação de tragédias como *Medéia* e da própria Cassandra do título, e parece transformar alguns personagens – os pais dos irmãos – em estereótipos. Tudo, é claro, para dar um panorama mais intelectual à situação desesperadora dos irmãos, mas também para criar uma voltagem mais interessante, em que os personagens se refletem, como se estivessem num labirinto de espelhos e precisassem escapar desse cenário. Ao mesmo tempo, para fortalecer a narrativa, os atores centrais, McGregor e Farrell, estão certamente em seus melhores momentos no cinema. Farrell já havia mostrado algum talento antes, mas em *O sonho de Cassandra* Allen consegue extrair dele – e é uma de suas qualidades – uma grande atuação. O seu personagem Terry é a figura emblemática do conflito humano entre a formação familiar e o desespero de continuar vivo, e isso o torna um personagem de notável dimensão, dando ao filme um fôlego incomum. Fôlego que supera, e muito, *Match point* e outros filmes da trajetória de Allen.

Invenção

Editoria de Poesia

Rodrigo Garcia Lopes

POR ANDRÉ DICK

O escritor, jornalista, tradutor e compositor Rodrigo Garcia Lopes nasceu em Londrina (PR), em 1965. Na área acadêmica, ele é mestre pela Arizona State University, com tese sobre os romances de William Burroughs, e doutor em Letras, pela Universidade Federal de Santa Catarina, com tese sobre a poeta modernista norte-americana Laura Riding. Atualmente, trabalha como professor do departamento de Línguas Românicas na Universidade da Carolina do Norte (EUA) e é um dos editores da revista *Coyote*, além de manter o blog www.estudiorealidade.blogspot.com. Como jornalista, publicou o referencial *Vozes & visões: panorama da arte e cultura norte-americanas hoje* (São Paulo: Iluminuras), com entrevistas com personalidades como John Cage, Allen Ginsberg e William Burroughs, entre outros. Não por acaso, é um dos principais tradutores de poesia norte-americana. Verteu para o português, por exemplo, obras como *Folhas de relva* (São Paulo: Iluminuras, 2005), de Walt Whitman, e *Ariel* (Campinas: Verus, 2007), de Sylvia Plath, que já havia traduzido em *Sylvia Plath - Poemas* (São Paulo: Iluminuras, 1990), em parceria com Maurício Arruda Mendonça. Na área de poesia, por sua vez, seus livros mais destacados são *Solarium* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *Visibilia* (Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996; 2. ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005), *Polivox* (São Paulo: Azougue, 2001) e *Nômada* (Rio de Janeiro: Lamparina, 2004).

Embora tenha se tornado o poeta mais influenciado por Paulo Leminski da atualidade, Rodrigo conserva em sua poesia um ritmo habitado pelos

beats dos anos 60 e pela Language poetry norte-americana, sem abdicar de seu próprio estilo - sendo um dos primeiros poetas brasileiros a estabelecer um contato mais evidente com a cultura norte-americana, o que trouxe um acréscimo à tradição. *Solarium*, por exemplo, reúne poemas curtos, incisivos, ao estilo de Leminski - entre os quais "Peônias negras" (com sua coleção de haicais) - e outros mais longos, na linha de John Ashbery e de beats como Lawrence Ferlinghetti e Allen Ginsberg. Há, ao mesmo tempo, uma espécie de equilíbrio entre Cummings e Bashô num poema como "Outro outono", com os versos "céu de nuvem nenhuma / lambe a manhã / derruba folhas / uma por uma".

Na segunda parte do livro, "Polarróides", como já traz o título, Rodrigo utiliza todos seus recursos imagéticos, descrevendo paisagens como se as tivesse fixado em fotografias e, só depois da sensação de tê-las visto, conseguisse encontrar uma representação delas para o papel. Em "Montanhas", por exemplo: "não são nuvens / mas tão brancas / / solitárias / (mas são tantas)", ou no solar "Mr. Paradise": "folha (qualquer coisa) vermelha / pensando ser outono ou tudo / / aquilo que pensamos em / quanto borboletas brincam / / entre punks e turistas ELA / sorri com um céu sem nuvens". Seu diálogo com outros poetas prossegue: com Ana Cristina Cesar (em "Morning glory"), com Ferlinghetti, novamente (em "Zen breakfast club"), com Sylvia Plath (em "Sheep in fog, uma leitura"), com John Cage (em "Now"), com Giuseppe Ungaretti (em "Venezia"), além de mostrar outros poemas concisos como haicais, sem o des-

gaste, porém, dessa forma, como "a viagem vai / apagando paisagens / devagar / / vão pintando / outras / no caminho" ou "voltando pela praia / as pegadas na areia / são as minhas".

Solarium é uma espécie de síntese de sua obra, uma espécie de núcleo a partir do qual ela se expande. Ele, claro, exploraria outros caminhos, especializando-se num ritmo próprio, como no poema "Durame", de *Visibilia*: "No cerne, a carne, o ser. / O instante, que ia ser isto, / / Não foi, ficou, de repente, / no mistério de um sorriso". Seu diálogo com Leminski é retomado, em "Oração à brisa" ("brisa que reprisa / o vídeo das manhas / beijo alisa a língua / brasa agora / / comemora"), e o poema mais longo reaparece em "Stanzas in meditation". Em *Polivox*, por sua vez, Rodrigo começaria a misturar aos referenciais de seus outros livros uma leitura da cultura egípcia, aprimorada em seu livro *Nômada*, mostrando, simultaneamente, poemas sob influência oriental e composições que mostram a presença cada vez mais maciça da mídia no dia-a-dia, um diálogo que ele estabelece com os grandes autores norte-americanos. Nesses dois livros mais recentes, Rodrigo misturaria também às suas imagens uma espécie de traço voltado mais ao surrealismo e ao simbolismo - destacando-se que traduziu também *Iluminuras: gravuras coloridas* (São Paulo: Iluminuras, 1994), de Arthur Rimbaud, ao lado de Maurício Arruda Mendonça -, o que era apenas entrevistado em *Solarium* e *Visibilia*. Unindo muitos desses elementos, ele enviou à **IHU On-Line** quatro poemas de sua produção ainda inédita.

RIME

You are the music while the music lasts.
T. S. Eliot

Nessa linguagem lenta eu tatuo
Nada e tudo o que não suo:
Não solitude, mas um duo.

E não é banal o que persegue essa rima
Que ecoa, pássaros, no ouvido da fala.
Não está na sala, mas um andar acima.

Irmã do ritmo, nunca fuja de mim,
Eu a quero surpreendendo sempre
E acontecendo mesmo onde não existe.

Reitera sua verdade, música do pensamento,
Revela pelo milagre do deslumbramento
E não fica só um só momento.

Se você é incapaz de ouvi-la, e se
Juntas não formarem acordes deve ser
Porque não a traz dentro de você.

É isso: ela é um acorde,
Um beijo de coisas, a tarde
Traduzindo-se em jade.

Como rimam ao se repetirem
Lua e lago, ou os olhos de quem
Nos mira agora, de amor refém.

Você não pode perder.
Isso ecoa simples até não poder.
Quando for ver já está pensando você.

NAUTILUS

“Mobilis in Mobili” said Captain Nemo

Um novo começo. Câmera inverno na
lâmina da manhã, esfinges nos costões, o Sol,
credencial do céu. O permanente
monólogo do vento. Dia e noite sendo
abstrações. Tempo,
redoma de vidro, triunfante.
A vegetação
das dunas a tudo resistiu.
Riso de poente na areia creme,
duas borboletas agradecem.
Planos simultâneos: matiz
de verde e azul em alta
definição. Rajada de pensar
das plantas, rente esperanto,
e um céu mudo de nuvens.
O azul, digital, conversa
com o eloquente vento sul.
Mas o branco, de forma alguma, se alumbra
de alguma forma,
Nossa Senhora das Dunas. Você
não olha indiferente a tudo isso.
Ao contrário, você desaparece
dando lugar ao labirinto desejo, flores foscas,
ou barco distante.
A varanda é um convés
onde móveis de bambu ressonam.
Alguém se esqueceu de desligar
a máquina do mar.

ENTREVISTA COM O GOLEM

O que é ser imortal?

Um homem sem mãos, se equilibrando sobre uma nuvem.

E coragem?

Uma camélia rouca sob a chuva de verão.

E o eterno, retorna?

Espelho debruçado sobre outro espelho.

E o sentido?

Destino: ser ruído.

Há vida após a morte?

Há uma chance de chover pela manhã.

O que é solidão?

Sandália pela trilha de lama.

Uma pergunta sem resposta.

Uma mulher que devora peixes vermelhos.

HAMMET

Um homem volta depois de um dia ao redor de si. Ele traz notícias antigas.

Uma mulher na Tailândia contempla os figos banhados em Amarula e Anarquia.

Neste exato momento nasce uma floresta em seus pés, Sibéria.

Meu nome é Multidão. Isso quer dizer que sou mais do que a soma das singularidades.

Exóticos esses óculos.

Quer dizer que isso é um rapto. O que você pensou?

E isto agora é o postal do paraíso decadente entre usinas brancas e sinistras nuvens-outdoors.

Um relâmpago é flagrado por seus ecos. Santo súbito.

Signo, sussurre.

Uma inglesa recebe uma carta do marido desaparecido em combate 150 anos depois.

Há um fotógrafo que descobriu como fotografar o instante antes.

“Tudo passa a ser sentido, embora o sentido seja o que menos importa”, refletiu o senhor na sala de embarque.

Em Non-Sequitur, o outro soletra exatamente a soma de seus pensamentos, que ele guarda para averiguação posterior.

O casal sorridente na festa à fantasia era o mesmo da primeira página: *Coletores de Ossos*.

O efeito das explosões foi sentido em Hong-Kong, e foi ouvido por uma única testemunha, já desaparecida.

O casal acerta as palavras-cruzadas que abrem a chave de Endora. Dólares. Seguem tumultos.

O que existe é um muro de linguagem transparente, comunicante? *Thank you*.

Império de fluxos, eufemismos corporativos.

Em Boston, passageiro consegue embarcar e chegar 24 horas antes da decolagem.

Uma falésia de gelo arrebenta-se no mar. Jacuzzi...

“O que interessa”, disse a condessa, “é que fantasmas não andam pelos cantos”.

“Beleza”.

Rápidos, rípidos, eles falam de ácidos indícios em stacatto, as novas tribos.

A pedra comunica seu sonho de estar sobre o ar da paisagem na parede. O espelho, uma perda.

E no entanto a neve, o nada que ele não pudesse tocar, nata de silêncio.

A voz do lago prenunciada pelo hálito lento da superfície da água.

Um homem retorna depois de três doses, duas vidas, e de uma entrevista com sua sombra. Ele não chega a partir.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 03-06-2008 a 07-06-2008.

“O governo Lula é uma mescla de Lula, Maluf, Jader Barbalho, Maggi...”

Entrevista com Glenn Switkes

Confira nas Notícias do Dia 03-06-2008

Grandes obras que geram grandes problemas sociais e ambientais estão a caminho no Brasil. O governo libera a construção de hidrelétricas na Amazônia e não dá andamento a projetos de produção de energia alternativa. Sobre esta problemática conversamos com o diretor da International Rivers Network na América Latina.

A luta dos Arara e dos Gavião contra os projetos hidrelétricos do Rio Machado, em Rondônia

Entrevista com Renata da Silva Nóbrega

Confira nas Notícias do Dia 04-06-2008

Nesta entrevista, a mestre em Sociologia conta como foi conhecer os índios e compreender suas lutas e a sua sabedoria, além de atentar para as lutas que o índio enfrenta perante as obras planejadas para seu território sem que sejam ouvidos sobre tal.

Revista *Veja*: controle e espetáculo

Entrevista com Elissandro Martins Inácio

Confira nas Notícias do Dia 05-06-2008

O controle exercido pela *Veja*, a partir da linguagem do espetáculo, não é percebido pelos leitores na opinião do entrevistado. Nesta entrevista, ele relata sua investigação acerca da posição manipuladora da revista.

“Por favor, nos escutem”. Um clamor que vem da Amazônia

Entrevista com Gustavo Pimentel

Confira nas Notícias do Dia 06-06-2008

Para o ambientalista, os povos que dependem da Amazônia e de seus rios clamam para que o governo e o povo brasileiro ouçam o que eles, que serão os maiores afetados pelas hidrelétricas, têm a dizer.

Internet x jornal impresso. Impasses e inflexões

Entrevista com Sabine Righetti

Confira nas Notícias do Dia 07-06-2008

A dissertação de Righetti revela o quanto a internet mudou os formatos do jornalismo impresso. Para ela, é preciso redefinir o papel do jornal impresso para que ele possa saber utilizar as ferramentas da internet.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU – www.unisinos.br/ihu, no dia 04-06-2007

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.unisinos.br/ihu).

Dia 09-06-2008
<i>ECiclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia</i> Max Weber: A ética protestante e o espírito do capitalismo (Max Weber, 1864-1920)
Dia 11-06-2008
<i>Conversas sobre o Mundo do Trabalho e a Vida dos/das Trabalhadores/as: As políticas de trabalho, emprego e renda na região do Vale do Rio dos Sinos</i> A Economia Solidária e a política de trabalho e renda no Vale do Rio dos Sinos Horário: das 19h30min às 22h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Dia 12-06-2008
<i>IHU Idéias</i> ECODI: A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e de aprendizagem em Metaverso Palestrante: Profa. Dra. Eliane Schlemmer - Unisinos / PPG em Educação Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Dia 13-06-2008
<i>De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana</i> <i>Módulo I:</i> 14h às 16h: Contexto social, político, econômico e cultural de Medellín Conferencista: Prof. Dr. Inácio Neutzling - Unisinos 16h30min às 18h30min: A originalidade histórica da Conferência de Medellín: raízes e impulsos Local: Auditório Central Conferencista: Prof. Dr. Joseph Comblin 19h30min às 22h: Testemunhos de Fé: Exibição do filme <i>Dom Hélder Câmara - O santo rebelde</i> (Erika Bauer, Brasil, 2004, Documentário, 74 min.) Debatedor: Prof. Dr. Joseph Comblin Local do Módulo I: Auditório Central/Unisinos
Dia 16-06-2008
<i>Encontros de Ética</i> Humanizar o humano: uma releitura existencial a partir de Albert Camus e Jean-Paul Sartre Palestrante: Prof. MS Roberto Carlos Favero - Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves Horário: segunda-feira, das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO NO SÍTIO

WWW.UNISINOS.BR/IHU

Max Weber: A ética protestante e o espírito do capitalismo

Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia discutirá o tema

POR BRUNA QUADROS

Para dar seguimento ao ciclo de estudos em Ensino a Distância (EAD) – Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, a partir de 9 de junho, o objeto de estudos será a obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Max Weber. Sobre o tema, o Prof. Dr. em Sociologia Antonio Flávio Pierucci, docente na Universidade de São Paulo (USP), concedeu a entrevista “Uma ética profissional que surge da ética religiosa”. O conteúdo foi publicado na edição 163 da revista *IHU On-Line*, intitulada “A comida fala – redescoberta da mesa em tempos de fast food”, de 07 de novembro de 2005.

Ao explicar o que Weber queria dizer, exatamente, com a palavra “espírito” do capitalismo, Pierucci afirma que o autor estava se referindo não à prática cotidiana da economia nem aos negócios diretamente, mas ao espírito com que se fazem esses negócios. “Ou seja, o que ele chama, num jargão sociológico, de *ethos*, que é, na verdade, um modo de vida, uma conduta de vida, baseada em normas éticas, e essas normas ele chama de ascéticas, que valorizam muito não apenas o trabalho como domínio da natureza, mas o trabalho como domínio de si mesmo, como controle de si.”

Para Pierucci, esta situação acaba surgindo da ética protestante. É como dizer que Weber não está interessado no capitalismo como economia, mas no capitalismo como cultura, modo de ser, não de pensar, mas de viver, porém com uma sensação de obrigação. “Por isso, Weber fala em uma ética profana, porque as pessoas que estão submetidas ao espírito do capitalismo têm um forte sentimento de dever, não só quanto ao trabalho racional, mas também quanto a um trabalho que seja produtivo, tenha objetivos, além da obrigação de crescer, isto é, que, ao trabalhar, a pessoa sinta não só obrigação de trabalhar, mas de melhorar a sua vida, aumentar os seus bens”, explica Pierucci.

Sobre a relação entre economia e religião, Pierucci destaca que, para Weber, esta é uma situação difícil. Isso, porque, já no tempo de Weber, na Alemanha, o



capitalismo era autonomizado e passou por sua grande fase expansionista no século XIX, caracterizada pela entrada do capitalismo na fase de produção de capital, e não apenas de produção de mercadorias. “O que Weber fez como sociólogo foi introduzir a maneira como se dá essa relação, qual é o *link* que faz com que uma religião tão austera, tão exigente no que diz respeito à conduta, tão fortemente apoiada na Bíblia, a qual, às vezes, desconfia da riqueza, quando não a desvaloriza, tem tanto interesse pela riqueza e por sua posse.”

Pierucci destaca, ainda, que Weber fez uma análise econômica de um modo de produção, criando uma ética profissional, ou seja, da ética religiosa surge uma ética profissional, uma valorização do trabalho, mas do trabalho profissional, metódico, cotidiano, e ela acaba repercutindo no desenvolvimento do capitalismo. “Weber não afirma que o protestantismo gera, origina ou mesmo impulsiona o capitalismo, e sim se torna um intermediário que ele chama de ‘espírito do capitalismo’”.

LEIA MAIS...

Sobre Max Weber, Antônio Flávio Pierucci: concedeu a entrevista intitulada *Em defesa da pluralidade e da multicausalidade*, na revista *IHU On-Line* número 101, de 17-04-2004. Em 10-11-2005, o professor Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. *Max Weber: a ética protestante e o espírito do capitalismo* foi o tema dos *Cadernos IHU em formação*, publicação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, número 3, e, também, da revista *IHU On-Line* número 101, de 17-05-2004.

Economia Solidária: uma nova alternativa para a geração de trabalho e renda

Para Jacira Dias, a Economia Solidária é um contraponto aos princípios da sociedade capitalista, que prima pela concorrência, pela competição e pelo lucro, acima de tudo

POR BRUNA QUADROS

“ **A** Economia Solidária exerce um papel de apontar para outras formas de organização social, econômica e política possíveis e eficazes, onde haja, sobretudo, o respeito e a promoção da vida digna, em todos os sentidos.” A afirmação é da assistente social Jacira Dias, em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line sobre os princípios da Economia Solidária e a realidade no Vale do Sinos. Segundo ela, a Economia Solidária, como todo o grupo social, não é algo acabado, perfeito, no qual se vive 100% a utopia perseguida. “É uma proposta em construção e, dependendo de cada contexto, vai se configurando, a partir da interação dos sujeitos envolvidos”, avalia. Sobre os grupos de Economia Solidária no Vale do Rio dos Sinos, Jacira destaca que é o engajamento que garante bons resultados. Um exemplo é a empresa Gerdau, que compra materiais sucateados de algumas associações.

Jacira Dias possui graduação em Serviço Social, pela Unisinos, e é educadora popular com atuação em pastorais sociais e em ONGs de assessoria às organizações sociais populares. Acompanha a organização da Economia Popular Solidária no Rio Grande do Sul, há oito anos. Atualmente, trabalha no Setor dos Movimentos Sociais Populares do COL (Círculo Operário Leopoldense).

IHU On-Line - Qual é o papel da Economia Solidária¹ em meio a uma sociedade sustentada por princípios capitalistas? Ela tem lugar e pode ser aplicada com sucesso e em quais contextos?

Jacira Dias - A Economia Solidária é um contraponto aos princípios da so-

riedade capitalista, que prima pela concorrência, pela competição e pelo lucro, acima de tudo. Quando o discurso capitalista quer legitimar-se, prega que todos podem concorrer com igualdade, mas isso está mais que comprovado que nunca foi verdadeiro em nenhum período do desenvolvimento do sistema capitalista. A concorrência neste sistema econômico é desigual. Os frutos deste modo de produção têm sido o empobrecimento, o desemprego estrutural, a exclusão social, a degradação do meio ambiente, entre outros. Neste sentido, a Economia Solidária, ao propor viver os princípios contrários aos anti-valores capitalistas, pauta “uma outra economia”, outro modo de produzir, de relacionar-se e de es-

tar no mundo, vendo o meio ambiente como moradia de todos e para todos. A Economia Solidária exerce um papel de apontar para outras formas de organização social, econômica e política possíveis e eficazes, nas quais haja, sobretudo, o respeito e a promoção da vida digna, em todos os sentidos.

IHU On-Line - Qual é a realidade da prática da Economia Solidária no Vale do Sinos? Como você avalia a inserção e os avanços desta economia na comunidade local?

Jacira Dias - Um dos aspectos que gostaria de salientar como experiência de Economia Solidária do Vale do Sinos é a organização dos recicladores dos municípios de Canoas, São Le-

opoldo, Dois Irmãos, Sapiranga, Nova Hartz, Campo Bom e Bom Princípio. Uma conquista recente que esta articulação conseguiu foi a negociação coletiva com os compradores de seus materiais, para qual eles levaram uma pauta de propostas e condições junto à Gerdau, que compra a sucata dessas associações. Infelizmente, os recicladores de São Leopoldo iniciaram a discussão deste projeto e depois não continuaram e não foram contemplados, mas a perspectiva é continuar articulado ao grande grupo para somar forças. O Fórum de Economia Solidária de São Leopoldo (FEPS/SL) tem uma caminhada relativamente recente, de três anos. Considero que a caminhada feita até aqui já é muito rica, acumula alguns resultados e conquistas como a participação na São Leopoldo Fest. Mas a avaliação que se faz é de que a EPS local precisa de maior visibilidade, de espaços permanentes para exposição e comercialização dos seus produtos. Desde o mês de maio, alguns grupos de alimentação e artesanato estão oferecendo seus produtos na entrada da cidade, na Casa do Marco Zero.

IHU On-Line - Em que medida esta alternativa de renda contribui para a construção de uma nova realidade social? Quais são as mudanças mais visíveis na sociedade, a partir do trabalho desenvolvido através da Economia Solidária?

Jacira Dias - A Economia Solidária, como todo o grupo social, não é algo acabado, perfeito, onde se vive 100% a utopia perseguida. É uma proposta em construção e, dependendo de cada contexto, vai se configurando, a partir da interação dos sujeitos envolvidos. A construção de uma nova realidade social se viabiliza com mais rapidez onde há uma administração local que tem políticas e programas efetivos de incentivo e fortalecimento das iniciativas de geração de trabalho e renda. A Economia Solidária se propõe oferecer produtos saudáveis, produzidos artesanalmente, sem o uso de conservantes e de agrotóxicos, no caso da alimentação. Trabalha respeitando o meio ambiente e sem exploração dos trabalhadores envolvidos. Na li-

“A Economia Solidária se propõe oferecer produtos saudáveis, produzidos artesanalmente, sem o uso de conservantes e de agrotóxicos, no caso da alimentação. Trabalha respeitando o meio ambiente e sem exploração dos trabalhadores envolvidos”

nha dos serviços como a reciclagem, a contribuição é a correta destinação dos resíduos, os transformados em outros produtos, como humos, terra para jardins e hortas, sabão de óleo saturado, artesanato de sobras, e o retorno de produtos recicláveis, como papel, sucata, vidro e plásticos, para a indústria transformar em novos produtos, evitando o extrativismo de matéria-prima do meio ambiente. Neste sentido, os recicladores são agentes ambientais, evitando que os materiais que eles recolhem vão parar nos aterros sanitários, caiam nos rios ou nos terrenos baldios.

IHU On-Line - Embora a Economia Solidária seja uma fonte de subsídios, ainda há quem não tenha encontrado o seu espaço no mercado de trabalho. O que falta para que as pessoas percebam que é possível mudar o seu contexto social, a partir da sua própria produção?

Jacira Dias - Os principais problemas são a falta de infra-estrutura ade-

quada para a produção e a falta de capital de giro. Os grupos, em geral, estão descapitalizados porque seus integrantes, na sua grande maioria, eram empregados ou tiveram atividades que apenas dava para cobrir as necessidades básicas. Hoje, há microcréditos com linhas de financiamento voltadas para grupos populares, mas o acesso aos recursos ainda é uma barreira para os grupos que não estão formalizados legalmente. Outro obstáculo para que as pessoas tomem a iniciativa de buscarem sua sustentação autonomamente é a tradição do trabalho formal com carteira assinada, com um patrão que ofereça emprego. Parece que trabalho é só estar vinculado desta forma. O que falta é potencializar estas iniciativas de Economia Solidária, através de políticas públicas que facilitem o empreendedorismo dos indivíduos e dos grupos.

IHU On-Line - Do que depende a consolidação da Economia Solidária como uma nova fonte de trabalho e renda?

Jacira Dias - Acredito que uma das coisas já esteja acontecendo: é a articulação dos fóruns locais, regionais e nacionais para debater suas práticas, construir propostas e demandas para os gestores públicos. Neste sentido, há um crescente empoderamento dos fóruns buscando qualificar as iniciativas de geração de trabalho e renda, transformando-as em políticas. Os empreendimentos de Economia Solidária não querem ser tratados com ações de filantropia. Outra alternativa seriam os governos saírem do discurso e dialogarem com os fóruns, para construir estratégias que garantam recursos econômicos e incentivos para a Economia Solidária. As empresas capitalistas são disputadas para que se instalem em nossos territórios, para elas há incentivo e favorecimento do poder público e isso à custa de altos ônus. Hoje, temos uma Secretaria Nacional de Economia Solidária, a SENAES, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego, o que já um avanço porque reconhece a existência de um segmento econômico importante em nível nacional.

Humanizar o humano: possibilidade ou ilusão?

Para Roberto Carlos Favero, quanto mais a sociedade parece evoluída tecnocientificamente, maiores são as desigualdades e as marcas de abandono do homem

POR BRUNA QUADROS

Humanizar o humano: uma releitura existencial a partir de Albert Camus e Jean Paul Sartre é o tema do evento Encontros de Ética, que o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove no dia 16 de junho. O assunto intitula o livro do Prof. MS Roberto Carlos Favero, da Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves, que estará debatendo o tema. Diante do contexto de humanização do ser humano, o teólogo explica que, quanto mais a sociedade parece evoluída tecnocientificamente, maiores são as desigualdades e as marcas de abandono do homem. “Um triste início de terceiro milênio assinala um aumento do número de pessoas injustiçadas de todas as formas, em todo o mundo”, lamenta.

Na visão de Favero, o humanismo deve ter por norte e meta-síntese a liberdade que sempre acontece no compromisso com as pequenas ou grandes causas de nosso tempo. Segundo ele, onde houver alguma ameaça ao humanismo ou a um homem concreto, “devemos estar presentes, seja através de nossas atitudes e ações, com responsabilidade, seja por meio de uma reflexão séria e coerente, buscando superar as aparências de juízos preconceituosos, a fim de se chegar à condição verdadeira do ser humano”.

Um dos aspectos que contribui com a ruptura no processo de humanização do humano é o modelo consumista, adotado pela sociedade. “O consumismo representa um das grandes formas de afastamento do homem de sua verdade plena, pois prende o homem, condenando-o a viver sem a alteridade, negando o outro, à medida que este está excluído da sociedade de consumo, já que nem todos podem usufruir das benesses que o sistema econômico pode proporcionar”, ressalta.

Para Favero, o humanismo do século XXI deve ir além do humanismo dos filósofos franceses do século XX, porque os desafios para o humanismo aumentaram. Ele explica que o tecido social foi se estilizando à medida que a ambição e a negação da alteridade foram se manifestando no cotidiano da vida. Por isso, é necessário intensificar nossas habilidades para lidar com o real, olhando de forma mais ampla e crítica para a realidade. “O homem não quer apenas viver, mas encontrar um sentido para este viver”, conclui.

A herança de Medellín

Para Joseph Comblin, Medellín trouxe algo novo, que vai além dos textos conciliares e dos documentos da Igreja, embora tenha sido durante séculos a aspiração de inúmeros santos e profetas

POR BRUNA QUADROS

Realizada há 40 anos, a 2ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Medellín, deixou importantes marcas para a construção de uma nova identidade para a Igreja na América Latina. “Até Medellín, na América Latina a Igreja foi a cópia das Igrejas de Espanha e Portugal, na sua forma tridentina. Não tinha nenhuma originalidade e não conseguia ver o que era a humanidade na América Latina.” A afirmação é do Prof. Dr. em Teologia Joseph Comblin em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line.

Segundo ele, foi a partir de Medellín que nasceu um comprometimento com um assunto que, até então, não era visto como prioridade: a opressão dos pobres. “Em Medellín, a hierarquia começa a descobrir a verdade do evangelho, além de todas as devoções religiosas. Rompe a aliança com a classe dominante e pagará o preço.” Para Comblin, a contribuição da Conferência vai além da América Latina. “A Conferência de Medellín tem significado para a Igreja universal”, avalia. Na sua visão, uma grande herança de Medellín para a Igreja Latino-Americana é a luta pela justiça e a legitimidade da luta pela libertação por parte dos oprimidos.

IHU On-Line - Há 40 anos da Conferência de Medellín, na Colômbia, como o senhor avalia as propostas e o reflexo desta conferência para a Igreja na América Latina?

Joseph Comblin - Medellín foi pensada por um grupo de bispos que já estavam comprometidos com os pobres. O Concílio não entendeu o apelo do cardeal Lercaro¹ e as orientações de João XXIII sobre a Igreja dos pobres. No dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes da clausura do Concílio, 40 bispos, sobretudo do Terceiro Mun-

¹ Cardeal Giacomo Lercaro (1891-1976): arcebispo de Bolonha, Itália, de 1952 a 1968. De 1966 a 1968, foi presidente do Conselho pela Reforma Litúrgica. (Nota do IHU On-Line).

do, conduzidos por dom Helder Câmara,² foram para a catacumba de Domitila, e assinaram o que chamaram de Pacto das Catacumbas. Comprometiam-se a uma conversão pessoal e a uma pastoral dando prioridade aos pobres. Quando dom Manuel Larrain³ foi pedir a Paulo VI⁴ a licença para reunir uma Conferência geral do Celam, ele tinha isso em mente. Durante os anos de preparação e durante toda a Conferência, esse Pacto esteve presente intimamente, ainda que nunca ninguém fizesse alusão. Tratava-se não somente de aplicar o Concílio, mas de expressar o que o Concílio não tinha tido a capacidade

2 Dom Hélder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo "Hélder Câmara: cartas do Concílio". Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista "O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil", realizada com Ernanne Pinheiro. Confira, ainda, na editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, resenha sobre o documentário *Dom Hélder Câmara - O santo rebelde*. O filme será exibido no dia 08-08-2008, integrando a programação do evento De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana, que o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promove de 13 de junho de 2008 a 17 de outubro de 2008. (Nota da IHU On-Line)

3 Manuel Larrain Errázuriz (1900-1966): foi um bispo nascido em Santiago, no Chile. Começou seus estudos religiosos na Universidade Católica do Chile e concluiu sua formação teológica e sacerdotal em Roma, onde foi ordenado sacerdote, em 1927. Preocupava-se não somente em promover a ação social, mas também em buscar fundamentos teológicos e doutrinas para encontrar a maneira mais justa para solucionar problemas. Por isso, é reconhecido como um sacerdote comprometido com as causas sociais. Foi o primeiro presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). (Nota da IHU On-Line)

4 Paulo VI (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. Chefiou a Igreja Católica durante a maior parte do Concílio Vaticano II e foi decisivo na colocação em prática das suas decisões. (Nota da IHU On-Line)

“Medellín suscitou pouco a pouco muita oposição, primeiro nas elites sociais e entre os bispos e os sacerdotes ligados a aliança com essas elites”

de dizer. Foi uma novidade mundial significativa para a Igreja universal. Medellín trouxe algo novo que vai além dos textos conciliares e dos documentos da Igreja, embora tenha sido durante séculos a aspiração de inúmeros santos e profetas, começando com São Francisco de Assis.⁵

IHU On-Line - De que forma esta Conferência contribuiu para a construção da identidade da Igreja? Como definiria esta identidade e o papel da Igreja nos dias de hoje?

Joseph Comblin - Até Medellín, na América Latina, a Igreja foi a cópia das Igrejas de Espanha e Portugal, na sua forma tridentina. Não tinha nenhuma originalidade e não conseguia ver o que era a humanidade na América Latina. Em Medellín, abriram os olhos e descobriram o que ninguém queria ver: a opressão dos pobres. Desde a raiz da conquista, a Igreja permanecia na superfície. Muito devota, muito religiosa, presente quase que clandestinamente na vida de tantos oprimidos, mas ignorada pelo clero. Em Medellín, a hierarquia começa a descobrir a verdade do evangelho, além de todas as devoções religiosas. Rompe a aliança com a classe dominante e pagará o preço.

IHU On-Line - Quais são as principais diferenças entre a Conferência de Medellín e as demais conferências inter-

5 São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da "Ordem dos Frades Menores", mais conhecidos como franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*. (Nota da IHU On-Line)

nacionais (Puebla, Santo Domingo...)?
Joseph Comblin - Medellín suscitou pouco a pouco muita oposição, primeiro nas elites sociais e entre os bispos e os sacerdotes ligados à aliança com essas elites. A Conferência de Puebla foi convocada para destruir Medellín, mas não conseguiu porque ainda havia um número importante de bispos que tinham estado em Medellín. No entanto, a campanha de oposição continuou. O Papa João Paulo II não concordava com a atitude pública de defesa dos direitos dos oprimidos. Queria ver a Igreja longe dos conflitos. Não podia manifestar claramente a sua oposição, mas os seus silêncios foram eloqüentes e também a perseguição contra todos os bispos da linha de Medellín.

IHU On-Line - Quais são os maiores marcos históricos de Medellín que permanecem até hoje nas raízes da Igreja Latino-Americana?

Joseph Comblin - Primeiro, o reconhecimento do pecado que foi o extermínio dos povos indígenas e a escravidão de milhões de africanos. Esses fatos ainda estão na base da sociedade latino-americana e não são reconhecidos pelas elites que concentram todos os poderes e controlam todos os governos. Segundo, a prioridade dos pobres na Igreja; exigência sempre recordada, mas nunca estabelecido nas estruturas de cristandade que são uma traição do evangelho. Terceiro, a luta pela justiça e a legitimidade da luta pela libertação por parte dos oprimidos.

IHU On-Line - Podemos pensar a importância da Conferência de Medellín para a Igreja na América Latina do mesmo modo que o Concílio Vaticano II teve forte significado para toda a Igreja?

Joseph Comblin - A Conferência de Medellín tem significado para a Igreja universal. Ela é mais exigente do que o Concílio. Em primeiro lugar, constitui o grande desafio para a Igreja Latino-Americana. Mas questiona, também, toda a herança da cristandade constantiniana, no mundo inteiro. Medellín parte de Vaticano II, mas acrescenta algo fundamental.

IHU On-Line - Quais são os grandes desafios da Igreja na contemporaneidade? Como transpô-los, na tentativa de continuar no caminho da afirmação, junto à sociedade?

Joseph Comblin - Hoje em dia, a Igreja não é mais interessante porque abandonou o evangelho. O desafio é: como viver o evangelho numa sociedade tão diferente das sociedades tradicionais? Como viver o evangelho nas grandes cidades? Como e onde suscitar pequenas comunidades? A paróquia não é comunidade de valores evangélicos. Ela é o refúgio dos sobreviventes da antiga sociedade. Tudo será obra de alguns pequenos grupos que possam descobrir o que é uma vida comunitária evangélica no contexto da cidade, hoje em dia?

LEIA MAIS...

Doutor em Teologia, pela Universidade de Louvain, na Bélgica, Joseph Comblin participou do primeiro grupo da Teologia da Libertação. Esteve primeiro na raiz das equipes de formação de seminaristas no campo em Pernambuco e na Paraíba (1969), do seminário rural de Talca (1978) e de outro, na Paraíba, em Serra Redonda (1981). Estas iniciativas deram origem à chamada "teologia da enxada". Além disso, esteve na origem da criação dos Missionários do Campo (1981), das Missionárias do Meio Popular (1986), dos Missionários formados em Juazeiro da Bahia (1989), na Paraíba (1994) e em Tocantins (1997). É autor de inúmeros livros, dentre eles *A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978). Atualmente, é palestrante e conferencista. Confira na edição número 213 da revista IHU On-Line, intitulada *América Latina em movimento. Algumas notas*, outra entrevista com Joseph Comblin sob o título: *Os movimentos sociais fortes são os indígenas*. O conteúdo está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu), na qual Comblin também concedeu a entrevista "*As oligarquias controlam a democracia na América Latina. Esta é a questão central*", em 24-07-2007.

A contribuição da era digital nos processos de aprendizagem

Assunto estará em debate no dia 12 de junho, na programação do evento IHU Idéias. A atividade é promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU

POR BRUNA QUADROS

Ambientes virtuais como ferramentas de ensino. Para entender se esta alternativa proporcionada pela era digital pode ser considerada como positiva ou negativa na formação de estudantes, uma das palestras do evento IHU Idéias será ECODI: *A criação de Espaços de Convivência Digital Virtual no contexto dos processos de ensino e de aprendizagem em Metaverso*. O debate sobre o assunto será proferido pela Profa. Dra. Eliane Schlemmer, docente da Unisinos como coordenadora do grupo de pesquisa em Educação Digital, no Programa de Pós-graduação em Educação. A palestrante é mestre em Psicologia do Desenvolvimento e doutora em Informática na Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Em artigo resultante de uma das pesquisas, ela explica que um Espaço de Convivência Digital Virtual (ECODI) se constitui, principalmente, pela integração de diferentes tecnologias digitais virtuais, como ambientes virtuais de aprendizagem. Ou seja, agentes comunicativos (criados e programados para a interação) que possam favorecer diferentes formas de comunicação, como a linguagem escrita (texto), linguagem imagética (imagens), linguagem gestual (movimento) e linguagem oral (fala ou som). "Um ECODI pressupõe, fundamentalmente, um tipo de interação que possibilita aos sujeitos (considerando sua ontogenia) que 'habitam' esse espaço configurá-lo colaborativamente e cooperativamente de forma particular, ou seja, por meio do seu viver e do conviver", ressalta.

Para elucidar uma das formas de interação virtual, que pode ter cunho educativo, Eliane cita os espaços construídos no programa Second Life, os quais têm como princípio serem educativos desde a sua concepção. "Ou seja, no planejamento urbano digital virtual, conceitos relacionados à ecologia, ao uso eficiente dos recursos naturais, estão presentes." Segundo Eliane, com os recursos do Second Life também se busca experimentar as possibilidades de construção gráfica, de manipulação do inventário, do blog, com o objetivo de se estudar formas para dar vida a diferentes objetos.

Na visão de Eliane, o Second Life pode vir a se constituir como um novo espaço de convivência, baseado na formação de redes sociais digitais virtuais de aprendizagem. Nesse sentido, ele se institui quando pode contribuir, significativamente, tanto para informar quanto para formação pessoas, aplicando-se a diferentes domínios da sociedade. No entanto, Eliane faz uma ressalva: "Como se trata de algo novo, se fazem necessários processos investigativos que nos ajudem a compreender as potencialidades para o desenvolvimento humano".

Perfil Popular

BRUNA QUADROS

Adão Ludiger de Brito

POR BRUNA QUADROS E GRAZIELA WOLFART

Adão Ludiger de Brito, 74 anos, poderia estar em casa, aproveitando o descanso que a aposentadoria lhe permite. Mas não. Ele é um lutador. E sua causa é em prol da camada da sociedade a qual pertence: a melhor idade. “Meu trabalho precisa ainda de muita luta para ser melhor. Enquanto eu existir, vou batalhar em defesa dos que não têm voz e vez, para que possam resgatar sua cidadania e entender que ainda são gente”, defende Adão, que conta sua história de vida na edição desta semana. Confira:



Nascido em São Francisco de Paula, em uma família de agricultores, Adão Ludiger de Brito começa a relatar sua trajetória, lembrando que a família possuía uma área de terra bastante grande entre os municípios de Canela e São Francisco de Paula. Com a chegada da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) no local, toda a área de terra que possuíam foi desapropriada e a família precisou se mudar. Os pais de Adão tiveram 11 filhos e ele conta que a relação entre os irmãos sempre foi boa. “Até hoje aqueles que ainda existem se dão bem.”

Para Adão, a vida em São Francisco de Paula era boa. Quando bem guri, com 7, 8 anos, ele trabalhava na roça e ia para o colégio. Fazia a lição de casa na roça, na hora do café, quando dava uma paradinha. “Foi uma vida de trabalho sempre. Para a brincadeira não tinha tempo, cada um cuidava do seu trabalho”, lembra. Para ir no colégio, Adão e seus irmãos precisavam caminhar doze quilômetros. Com todo

esse esforço, conseguiu terminar o primeiro grau. “Eu gostava de estudar, mas na época não tinha oportunidade no interior.” Depois dos 62 anos de idade, eis que essa vontade continuava viva e fez com que Adão voltasse a estudar para concluir o segundo grau. “Minha vontade era continuar e ir para a faculdade, mas daí desisti, achei que já estava muito passado. Eu queria estudar filosofia. Mas achei que não valia a pena batalhar tantos anos só para ter um diploma. E no meu trabalho eu sentia no povo a necessidade muito grande por pessoas com disponibilidade para trabalhar pela defesa dessas pessoas. E o trabalho voluntário é o mais bonito que existe.”

Valores de família

Ao lembrar da criação recebida dentro de casa, Adão conta que seus pais lhe passaram os valores de trabalho e honestidade. “A gente precisava ser honesto e trabalhar para conseguir sucesso na vida, sem fazer mal a ninguém. Além disso, era preciso o res-

peito dentro da família e também com todas as pessoas com quem a gente falava.”

Vida em São Leopoldo

Os pais de Adão ficaram em uma situação muito difícil quando foram desapropriadas as terras da família. Eles foram morar na cidade de Canela e tiveram alguns problemas por lá, até dificuldades de sobrevivência. Naquela época, Adão já trabalhava e comprou uma casa para eles em São Leopoldo. Depois, comprou a casa onde vive até hoje. Quando se aposentou, em 1983, veio morar em São Leopoldo.

Trajetoária profissional

Adão iniciou cedo a labuta da vida. Começou a trabalhar na CEEE com 14 anos de idade e lá ficou até se aposentar, com 50 anos. “Foram 38 anos de serviço na mesma empresa, como eletricitário. Assim que comecei a trabalhar, passei a ajudar a família, os pais e sempre tivemos uma vida boa. No trabalho não dá para se queixar”, con-

ta. Mesmo depois de aposentado, Adão não conseguia parar. “Hoje posso dizer que trabalho mais do que na época da CEEE.” O animado senhor dedica seus dias ao trabalho com movimentos populares. Tudo começou em Canela, onde foi presidente da associação de moradores do bairro onde morava. Depois de um tempo já morando em São Leopoldo, começou a participar da Associação dos Aposentados Eletricitários, da qual foi delegado por quatro anos. Hoje, seu trabalho é voltado para os idosos. Adão trabalha com grupos de convivência e presta assessoria voluntária para nove deles. “Nos aprofundamos bastante na questão das políticas públicas e sentimos que a maioria delas destinadas aos idosos estão só no papel. Nossa grande briga é para fazer com que os idosos revejam os seus direitos.” Adão também é conselheiro do Conselho do Idoso e secretário e vice-presidente da União das Associações de Bairro (UAB) de São Leopoldo. “Fazendo esse trabalho eu me sinto vivo. Porque a maioria dos aposentados que ficaram parados já morreram, inclusive alguns colegas meus. Me sinto mais vivo do que nunca porque cada dia que passa as atividades são maiores”, define. Em 2006, na primeira conferência nacional dos idosos, ele foi o único representante dos idosos de São Leopoldo em Brasília.

Família

Brito é viúvo, mas atualmente tem uma companheira. Ela se chama Marlene, é técnica de enfermagem e trabalha no Hospital Centenário. Com a primeira mulher, teve dez filhos. Hoje, tem uma filha que mora com ele, que é psicóloga. “Tenho um filho, que é delegado da Receita Federal, que está em Brasília. Tem outro que é bancário aposentado, um que é da Polícia Rodoviária Federal e outro que é motorista de ônibus. As filhas estão todas casadas e bem tranqüilas. A família para mim representa muito e tudo.” Adão lembra que sua família foi construída pela falecida mulher, “porque eu vivia trabalhando e ela administrava”. Mas ele



garante que são todos bastante unidos e se dão bem. “A família é o alicerce de todas as pessoas. Hoje, sentimos que na cidade tem essa dificuldade porque a televisão não dá mais tempo para as famílias se reunirem para conversar. E também tem a questão do trabalho, porque muitas vezes cada um tem um horário diferenciado para trabalhar, então as pessoas não se juntam como no nosso tempo”, lamenta.

Momentos marcantes

Um dos momentos mais tristes na vida de Adão foi a perda da esposa. “A partir daquele momento, minha responsabilidade ficou dupla.” E, na hora de citar momentos felizes, ele lembra de muitos. Por exemplo, “aqueles em que eu chego nos meus grupos de convivência. Se eu chego no grupo tudo pára. Enquanto todos não se abraçarem para começar o trabalho ninguém faz nada.” Ele também cita momentos de reunião com a família toda, quando fazem um churrasco e ficam o dia todo conversando.

Sonhos

Brito afirma não ter grandes sonhos. E explica o motivo: “Aprendi

através da espiritualidade que a matéria tem que estar sempre em segundo plano. Com isso, a paz é mais fácil de ser construída. Então, meus sonhos, a partir dos 70 anos, têm que ser aqueles que podem ser rapidamente realizáveis. Não podemos sonhar para daqui a 10 anos ou mais porque não sabemos se estaremos aqui ou não. Então, não vale a pena sonhar com grandes coisas. Mas meu grande sonho é continuar fazendo o bem”.

Fé e religiosidade

“Eu sou um camarada muito feliz pelo seguinte: poderia dizer que tudo o que diz respeito a seres humanos passou pela minha vida. Num primeiro momento, cheguei às associações de moradores. Num segundo momento, fui convidado pela minha irmã para fazer parte da igreja.” Adão já foi “tio” de CLJ (Curso de Liderança Juvenil), de Emaús, e cursilista.

Também foi ministro da eucaristia, e até foi para São Paulo fazer um curso de coordenador de catequese com os salesianos. Mais tarde, fez curso de diácono. “Mas logo depois minha esposa morreu e não cheguei a me ordenar.” Mesmo assim, ele continua na igreja. Em todo segundo domingo do mês, ele leva comunhão para os doentes e faz uma celebração com eles. “São coisas maravilhosas”, relata. Participante da missa três vezes por semana, Adão cita também a importância das comunidades como motivo de fortalecimento. “A fé é que nos leva a fazer o que é bom. O Espírito Santo, através de Jesus Cristo, está junto com nós em tudo o que é bom. Busco minha fé todos os dias.”

Política

Para Adão, a política brasileira se transformou muito em politicagem. “Se olharmos os meios de comunicação só ouvimos roubo, desvio etc. A política em si é uma das coisas mais lindas que existem, mas quando se fala de política pensando no coletivo”, explica.

IHU Repórter

André Rafael Weyermüller

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Aos 36 anos, o jovem advogado sapiranguense André Rafael Weyermüller alcançou uma importante meta: dar aulas na Unisinos. Professor do curso de Direito da universidade, André conta, nesta edição, sua trajetória de vida e preferências pessoais. Ao falar sobre política, ele declara: “Percebo a política brasileira como algo extremamente complexo e, ao mesmo tempo, contraproducente para o objetivo que deveria buscar. Sofremos de muitas necessidades e carências que passam pela vontade política que está, muitas vezes, atrelada a interesses muito negativos e que não vem ao encontro da vontade popular e do bem comum”. Conheça um pouco mais deste colega da comunidade acadêmica:

Origens e moradas - Nasci em Novo Hamburgo, porque na cidade de Sapiranga, onde minha família sempre viveu, não havia o recurso médico necessário na época. Depois de morar com meus pais, me mudei para Porto Alegre e fiquei um tempo morando lá por questões profissionais. Hoje, moro em Sapiranga novamente, mas continuo trabalhando em Porto Alegre.

Infância - Passei toda a infância na minha cidade. Era uma infância normal, boa, com muitos amigos. Lembro de vários momentos interessantes, mas um foi bastante marcante, quando um professor me presenteou com um livro que tratava de assuntos históricos. A partir daquela leitura, comecei a gostar ainda mais de estudar.

Família - Tive um exemplo positivo de família. Infelizmente, meu pai faleceu há 11 anos. Não tenho irmãos, então minha família sempre foi muito pequena. Meu pai não teve irmãos, e minha mãe teve apenas uma irmã, que

hoje já é falecida. Minha família se resume à minha esposa, mãe e aos meus primos.

Estudos - Sempre estudei em escolas próximas à minha casa. Depois, iniciei o curso de Engenharia Mecânica na Unisinos e acabei trocando para Direito, que achei que seria mais interessante. No entanto, sempre tive uma admiração e interesse especial pela História. Em função disso, estudei e li bastante sobre assuntos históricos, desde a minha infância.

Trabalho - Quando eu recém tinha saído do segundo grau, recebi uma proposta para dar aula de história na rede municipal, à noite, quando eu já trabalhava de dia em uma empresa. Fiquei nessa atividade durante seis anos. Nesse meio tempo, comecei a trabalhar em um banco, onde trabalho ainda hoje, há 16 anos. Posteriormente, me formei em Direito. Tendo me formado, continuei dentro do banco, mas na área jurídica. E, nessa área,

comecei a ter uma vivência prática do Direito, que foi muito boa. Com a formatura, passei a ser advogado do banco, com mais responsabilidades, mais tarefas e mais conhecimentos, os quais procuro transmitir aos meus alunos.

Pós-graduação - Comecei a me interessar pela questão do meio ambiente. Por isso, acabei optando por fazer uma pós-graduação na área do Direito Ambiental, na Feevale, que foi muito proveitosa. Lá, conheci muitos professores ótimos, pessoas que deram um exemplo e uma contribuição importantes ao meu conhecimento, ao meu futuro. Então, decidi que eu também deveria continuar esse estudo, inclusive porque tinha sempre uma vontade muito grande de voltar a dar aula. Resolvi dar um passo adiante e ingressei no mestrado em Direito Público na Unisinos, para me preparar melhor. Pude, então, desenvolver a minha pesquisa dentro da questão ambiental, abordando o papel do Direito nessa

ARQUIVO PESSOAL

